

Revista da **AAL**  
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS



*Revista da* ACADEMIA  
AMAZONENSE  
DE LETRAS



N.º 28, ANO XCII – NOVEMBRO DE 2010

---

DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

---

*Biênio 2010 / 2011*



*Presidente:* JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

*Vice-Presidente:* TENÓRIO NUNES TELLES DE MENEZES

*Secretário-Geral:* ALMIR DINIZ DE CARVALHO

*Secretário-Geral Adjunto:* CARMEN NOVOA SILVA

*Tesoureiro:* ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

*Tesoureiro-Adjunto:* DEMOSTHENES RIBEIRO CARMINÉ

*Diretor de Patrimônio:* MOACIR COUTO DE ANDRADE

*Diretor de Promoções e Eventos:* CLAUDIO DO CARMO CHAVES

*Diretor de Edições:* MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

*Conselho Fiscal:*

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

FRANCISCO GOMES DA SILVA

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

*Suplentes:*

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

---

*Revista da* **AAL**  
ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS



• • •  
Fundada em 1.º de janeiro de 1918

*Filiada à Federação das Academias  
de Letras do Brasil*

---

COPYRIGHT © 2010 ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

*Tenório Telles*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

*Rômulo Nascimento*

CAPA E PROJETO GRÁFICO

(foto da capa de *Roumen Kouyou*)

*Marcus Barros*

*Jorge Tufic*

*Almir Diniç*

COMISSÃO EDITORIAL

*Editora Valer*

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL E GRÁFICO

*Arthemisa Gadelha*

JORNALISTA RESPONSÁVEL

(reg. profissional 0000170)

---

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. Ano 92, n.º 28  
(novembro de 2010). Manaus: Editora Valer e Academia  
Amazonense de Letras, 2010.

*Fundada em 1918*

152 p.

1. Literatura – I. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

CDU 82+061.237 (05)

---

LOCALIZAÇÃO:

Av. Ramos Ferreira, 1.009  
Centro. CEP 69010 120  
TEL / FAX: (92) 3234 0584  
acadam@ig.com.br

*Manaus – Amazonas*

---

*Quadro de Patronos e Acadêmicos Efetivos da Academia Amazonense de Letras*

---

CADEIRA	PATRONO	TITULAR
1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacir Couto de Andrade
3	Gonçalves Dias	
4	Sélvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Abraham Sena Baze
14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	Almino Álvares Affonso (eleito)
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Demosthenes Ribeiro Carminé
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	Luiz Franco de Sá Huet-Bacellar
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Sousa	Joaquim de Alencar e Silva
24	Joaquim Nabuco	
25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros (eleito)
27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo

28	Anibal Teófilo	Maria José Mourão Gomes (eleita)
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermano Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamin Lima	Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	

## Sumário



Nossa edição · 11

### DISCURSOS DE POSSE

*Posse do acadêmico Paulo Jacob*  
Saudação a Paulo Jacob · 15  
– *Jorge Tufic*

*Posse do acadêmico Luiz Bacellar*  
Discurso de Abertura · 23  
– *Elson Farias*

### A ACADEMIA E OS SEUS FUNDADORES

Coriolano Durand – o homem · 27  
– *Anísio Mello*

Carlos Eugênio Chauvin · 31  
– *Antonio Loureiro*

Genésio Cavalcante · 37  
– *Armando Andrade de Menezes*

Odilon Lima · 51  
– *Demosthenes Carminé*

Virgílio Barbosa · 57  
– *Francisco Gomes da Silva*

### MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL PÉRICLES MORAES – 2006

Abertura da Sessão Solene · 71  
– *Elson Farias*

Memorial · 73  
– *Francisco Gomes da Silva*

Discurso de agradecimento · 75  
– *Astrid Cabral*

Discurso de saudação aos  
homenageados · 81  
– *Bernardo Cabral*

### CICLO DE PALESTRAS – LEITURAS ESSENCIAIS

A divina comédia humana · 91  
– *Zemaria Pinto*

A música na época de Camões – um dizer  
sonoro humanista · 101  
– *Lílian Pereira*

### ALGUMA POESIA

A Mário Quintana, *Luiz Bacellar* · 109

A torre da Vivendinha, *Jorge Tufic* · 110

As falas de silêncio, *Almir Diniç* · 112

A “Pousada do Milton”, *Almir Diniç* · 113

Salmo II A N. Senhora, *Max Carphentier* · 114

Do Advento, *Alencar e Silva* · 116

Quando a verdade for flama, *Thiago  
de Mello* · 117

Soneto da Felicidade, *Lafayette Vieira* · 118

Soneto, *Lafayette Vieira* · 119

### ENSAIOS ACADÊMICOS

Clube da Madrugada, 1954-2004 –  
Memória · 123  
– *Antonio Loureiro*

Roteiro da vida luminosa de Oyama  
Ituassú · 133  
– *Armando Andrade de Menezes*

### DISCURSOS ACADÊMICOS

Caminhar juntos · 141  
– *José Braga*

Homenagem a Genesino Braga • 143

– *Narciso Lobo*

Homenagem a Armando de Menezes,  
Thiago de Mello e Oyama Ituassú • 147

– *Carmen Novoa Silva*

#### RESENHAS

A poesia de Alencar e Silva • 151

– *Francisco Carvalho*

Um livro de muitos autores. Um livro plural, eclético, diálogo de vários saberes e vocações. Um livro que registra a trajetória desta Casa e o seu fazer intelectual. Eis a *Revista da Academia Amazonense de Letras*, a festejar a sua 28.<sup>a</sup> edição. Neste número, comparecem os confrades Alencar e Silva, Almir Diniz, Anísio Mello, Antonio Loureiro, Armando Menezes, Bernardo Cabral, Carmem Novoa, Elson Farias, Francisco Gomes, Jorge Tufic, Lafayette Vieira, Luiz Bacellar, Max Carpentier, Narciso Lobo, Thiago de Mello, Zemaria Pinto, a poetisa Astrid Cabral e a professora Lílian Pereira.

À míngua de recursos, a regularidade da *Revista* constitui um permanente desafio. O compromisso, no entanto, faz-nos persistir, e assim vamos suprindo com disposição sempre renovada os intervalos, ora breves, ora mais prolongados.

Dois *Discursos Acadêmicos* inéditos preenchem lacunas na história desta Casa: os elogios a Paulo Jacob, no ano de 1969, e a recepção a Luiz Barcelar, em 15 de setembro de 2005.

A *Revista* faz o registro das principais atividades aqui desenvolvidas, com destaque para o prosseguimento, em 2006, do ciclo de palestras *A Academia e seus fundadores*, desta vez rendendo tributo a Coriolano Durand, Carlos Eugênio Chauvin, Genésio Cavalcante, Odilon Lima e Virgílio Barbosa.

A entrega da *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, instituída para homenagear anualmente

pessoas e instituições que se hajam destacado nas letras, nas artes e no mecenato cultural. A escritora Astrid Cabral, o arquiteto Severiano Porto e o mecenas Moisés Israel receberam a honraria no ano de 2006.

Em prosseguimento às *Leituras Essenciais*, ciclo de estudos aberto à sociedade, dois temas inspiraram os debates nos *Sábados na Academia*: “A divina comédia humana”, e “A música na época de Camões – um dizer sonoro humanista”.

Nos *Ensaio*s, a trajetória e importância do Clube da Madrugada na cena cultural do Amazonas, e a vida luminosa de Oyama Ituassú.

Na seção *Discursos Acadêmicos*, a fala do presidente José Braga no momento de sua eleição e posse, o registro das homenagens aos oitentos Thiago de Mello e Armando de Menezes, e aos noventa anos de Oyama Ituassú, além da evocação a Genesino Braga, que teve o seu centenário celebrado em 2006 por meio de um concurso de ensaios sobre a sua trajetória.

Nove poemas, alguns inéditos, dão relevo à seção *Alguma Poesia*. Em *Resenhas*, um estudo sobre a obra poética de Alencar e Silva fecha esta edição da *Revista da Academia*, que nos chega dadivosa, em primorosa feição gráfica, referta de luz e de sabedoria.

Festejemos!

José Braga, Presidente



## *Discursos* DE POSSE



Reproduzimos o discurso de saudação ao acadêmico Paulo Jacob, proferido no longínquo 3 de setembro de 1971, por Jorge Tufic, sob a presidência de Djalma Batista. A leitura do texto deixou de ser concluída por ocorrência de mal súbito na pessoa do orador oficial. Como esse documento jamais fora publicado, a AAL resgata esse momento ímpar.

Um momento especial da vida recente da AAL: a posse do poeta Luiz Bacellar, a 15 de dezembro de 2005. Estão aqui reproduzidos o discurso do presidente Elson Farias e a saudação do poeta Tenório Telles. Infelizmente, a fala de Bacellar perdeu-se na voragem tecnológica, consumida por um vírus letal.







## SAUDAÇÃO A PAULO JACOB

• *Jorge Tufic*<sup>1</sup>

Solenidade: 3 de setembro de 1971

Exmo. Sr. Presidente *Djalma Batista*  
 Exmo. Sr. Vice-Governador *Deoclides de Carvalho Leal*  
 Exmo. Sr. Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça, Des. *Arthur Gabriel Gonçalves*  
 Exmo. sr. Gel. *Álvaro Cardoso*, Comandante Militar da Amazônia e 12.º R.M  
 Exmo. Ver. Dom *Alberto Gaudêncio Ramos*, Arcebispo Metropolitano de Belém do Pará  
 Excelentíssimas autoridades  
 Senhores Acadêmicos  
 Doutor Paulo Jacob:

DENTRE TANTOS CAMINHOS, VOSSA EXCELÊNCIA ESCOLHERA O MELHOR, O MAIS DIFÍCIL DE TODOS.

Ainda imerso na chuva branca de seu belo discurso de posse, vezes colorido pelo verde selvagem das matas, vezes salpicado pelo trínulo róseo dos astros, eu começo por dizer-lhe que esta Casa o recebe como a um legítimo herdeiro da poltrona número 7, cujo ex-ocupante fora o romancista e poeta Álvaro Botelho Maia.

Provas muitas dessa afinidade literária tem-nos dado Vossa Excelência, através de obra tendente a considerar-se cíclica na moderna ficção amazonense. “Muralha Verde”, “Andirá”, “Chuva Branca” e “Dos Ditos Passados Nos Acercados do Cassianã” são livros que descortinam o extenso roteiro ficcional traçado pelo gosto maduro da experiência-linguagem, pelo travo regional em que se misturam as tintas universais da narrativa, medindo-se com o espaço telúrico, ausente de compromissos regulados pelo tempo cronológico. “Chuva Branca” obteve o quarto lugar no Concurso “Prêmio Nacional Walmap” de 1967. “Dos Ditos Passados Nos Acercados do Cassianã” conquistou o segundo lugar desse prêmio nacional em 1969. Trabalho firme de tal ordem, projeção tamanha e súbita no panorama das letras brasileiras, dão-nos agora que a temática amazônica avançou no plano da técnica e da linguagem, abrindo-se

• • •

1. POETA E CRONISTA, OCUPA A CADEIRA N.º 18, DE JONAS DA SILVA.

em florações novas e aromas inusitados por meio de instrumento sensível ao mais distante rumor de lenda esquecida ou de presença humana na bruteza mítica das terras-gerais. Pois a meio da saga, nada lhe tem escapado ao registro dos fatos. A matéria de seus romances é densa, a ponto de não deixar margem para as observações de aspecto lírico, paisagístico ou filosófico. Como nesta passagem de “Cassianã”: “Seu menino, era aquele burburido no terreiro. A cangalha dos burros embastidas, os animais suando ao peso de tanto carregado. Hora a hora, a arriar gente do centro, jamais carregados. Homens estropiados, suarentos, curvados ao tamanho da carga. Roupas pingadas de sernambi, sapatos de seringa criantes nos pés. E vinham na direitura da venda. O de primeiro aviar, cachaça. De antes mesmo de entregar o trazido”.

É a rotina dos seringais, árida nas relações de sobrevivência entre explorados e exploradores. Astúcia e violência se revezam na sombra do deserto verde e líquido, onde a figura do patrão se confirma na trama caprichosa e brutal da vida ribeirinha. Em Cassianã, lado esquerdo do Purus, dá-nos Vossa Excelência de ver e de sentir como os homens chegam de longe, em busca de trabalho e ventura. Como enriquecem, uns, com extrema facilidade e padecem, outros, no envelhecer carcomido pela doença e pela miséria. E de quantos outros dramas ao calor da borracha, aos impulsos do sexo, à tocaia dos rifles, ao piado rouco das aves noturnas, consegue extrair a linguagem conforme o tamanho e a grandeza do romance. Que se completa por esse universo e por essa cosmovisão largamente inspirada e vivida de

autor consagrado. Ou seja, do autor que chega a esta Academia trazendo uma bagagem de quatro volumes de ficção literária, sucedendo a um outro criador de tipos regionais, como fora o clássico de “Gente dos Seringais” e “Banco de Canoa”.

Meus ilustres confrades:

O romance amazônico nasceu sob o signo do naturalismo. Foi Inglês de Souza o introdutor, por excelência, das normas rígidas dessa corrente na literatura amazônica. A este seguem-se as obras de José Veríssimo, igualmente inspiradas nos conceitos da escola naturalista. Posteriormente, a presença de Euclides da Cunha, com “À Margem da História”, influiu, de modo incisivo e radical, para a transformação do panorama romanesco, despertando um interesse ao mesmo tempo científico pelo regionalismo caboclo. Os autores desse período podem ser classificados em dois grupos: o dos que exageravam na tônica do Inferno Verde e os ufanistas do Paraíso Verde, aqueles representados por Alberto Rangel e Carlos Vasconcelos e estes por Alfredo Ladislau e Raimundo Morais.

Os regionalistas da fase seguinte adotaram posição que fugia aos excessos e exageros característicos dos grupos anteriores. Embora versando os mesmos temas, eles foram comedidos no estilo, mantendo-se inconquistáveis ao fraseado retorcido, enfático, cipoalizado. Segundo Peregrino Júnior, “adotaram diante da Amazônia postura isenta, comedida e objetiva, sem tomar partido a favor ou contra a Terra Verde...”. Esta fase da

literatura amazônica acha-se representada por Raul Boop, Gastão Cruls, Ferreira de Castro, Viana Moog e Peregrino Júnior, chamados de geração modernista por terem surgido após a Semana de Arte Moderna de 1922 e por se afinarem com a Semana pela ênfase que emprestam aos motivos regionalistas.

Nessa mesma época aparece o romance “La Voragine”, do autor colombiano José Estásio Rivera, que assume um caráter vibrante de protesto e denúncia contra os crimes praticados pelos coronéis de barranco, vasado em termos realistas quando retrata a vida promíscua dos seringais. Este livro aparece alguns anos antes de “A Selva”, de Ferreira de Castro, e a diferença entre ambos consiste no fato de que este último expõe, relata os dramas do seringal, ao passo que Rivera transforma sua mensagem numa espécie de libelo, de revolta contra os absurdos vigentes nos seringais da Amazônia. Os demais nomes realmente expressivos da década de 30 deram também a sua notável contribuição nos limites traçados por essa mesma corrente literária, como Abguar Bastos (“A Amazônia que Ninguém Sabe” ou “Terra de Icamiba”, “Certos Caminhos do Mundo”, romance do Acre e “Safra”), Aurélio Pinheiro, com “Gleba Tumultuária”, Ramayana de Chevalier, com “Circo Sem Teto da Amazônia”, Francisco Galvão, com “Terra de Ninguém” e Osvaldo Orico, com “Seiva”.

Fase que se poderia chamar com propriedade de modernista na literatura romanesca da Amazônia é a em que pontifica Dalcídio Jurandir. Este autor paraense, além de

apresentar-se com uma nova técnica, abandonou por completo os temas explorados dos seringais, abordando a vida dos madeireiros e os problemas rurais do Marajó. Embora regionalista, fixou-se ele no aspecto introspectivo de seus personagens colocados no meio ambiente ruralista, sem dele separar-se, aliando ao retrato social as nuances psicológicas do homem da região. Outros bons romancistas apareceram ou publicaram suas obras juntamente com Dalcídio Jurandir, sem, contudo, alcançarem a posição marcante do autor de “Chove nos Campos de Cachoeira”. É o caso do escritor Braga Montenegro (“O Vento, o Desejo e o Rio”) e Oséas Antunes, com o romance “Quarteirão”, ou Bruno de Menezes, com “Candunga” e “Maria Dagmar” e Adonai de Medeiros, com “Jamachi”. Por estas razões admissíveis no consenso da crítica literária, é que ainda hoje se considera Dalcídio Jurandir como o representante do romance amazônico da atualidade. Ao seu lado, porém, vem agora de colocar-se um outro romancista igualmente representativo da moderna ficção regional: o Sr. Paulo Jacob.

Autor de quatro volumes, os seus livros definem, de maneira acentuada, os graus de evolução na difícil arte do romance. Se “Muralha Verde” nos apresenta um estreante com falhas evidentes na urdidura do gênero, não obstante, revela uma forte inclinação vocacional de romancista. “Andirá” representa, a seguir, um passo considerável na evolução técnica do autor. Romance estruturado sob o velho esquema de princípio-meio-e-fim, documenta com sabor jornalístico o entrelaço de vidas humanas no seio da

floresta agressiva. A tal ponto que, se o novo acadêmico tivesse parado nesse livro, já teria, sem dúvida, contribuído de modo substancial para o conhecimento da nossa realidade interiorana, como obra de pesquisa altamente valiosa. Mas Paulo Jacob não se deteve aí. Ele aspirava naturalmente oferecer contribuição muito maior e mais ampla no sentido estético, partindo sem maiores delongas para a execução paciente e meticulosa de “Chuva Branca”, distanciando-se consideravelmente de seus trabalhos anteriores pela riqueza de incidentes, apuro técnico e linguagem. Neste livro notável Paulo Jacob abandona a linha de montagem do romance tradicional, situando-se no monólogo, técnica bastante difícil e somente usada por bem poucos autores, mas dela saindo-se com êxito, produzindo uma obra que marca o instante de metamorfose na literatura amazônica. Com “Chuva Branca”, o romance de cunho regionalista apresentava-se em roupagens súbitas e audazes, muito embora a sua temática continuasse voltada para a situação original. Portanto, a linguagem é um aspecto que merece considerado neste romance de Paulo Jacob. As frases curtas, valorizando o linguajar de timbre localista, constituem um novo estilo, divorciado daquele que sempre caracterizou, nas suas variações e em toda a sua história, o romance amazônico. Desde a linguagem naturalista de seus precursores aos romancistas da atualidade. Tanto bastou para que, de logo, apressados comentaristas lhe apontassem influência de João Guimarães Rosa, o grande criador de “Corpo de Baile” e “Grande Sertão: Veredas”. A influência existe, verdade seja dita. Mas Paulo Jacob tem características próprias, inalienáveis. Suas expressões, gírias e dialetos

foram recolhidos aqui mesmo na região, pesquisados e vividos aqui em sua terra, circunstância que enriquece seu trabalho e se erige num fato inteiramente novo dentro da nossa literatura. Compreendendo a extensão do fenômeno, diz o Sr. O. L. de B., em artigo publicado no “Diário da Manhã” de Ribeirão Preto – SP, datado de 1.º.7.70, mostrando-se indeciso entre “Chuva Branca” e “Cassianã”: “Interessante; Chuva Branca me parece mais belo, no sentido puramente artístico da literatura e mais humano como veículo de mensagem. Página por página, o leitor não pode pular nenhuma atrás da intriga da história... Todas são admiráveis no retrato da paisagem infinita, verde-azul da floresta e dos rios, dos igarapés, dos céus entrevistados nos recortes do mato fechado, ou do homem solitário, no monólogo e nas reminiscências infundáveis. Tomem um segmento qualquer do enredo, ao talante: tem substância, exatíssima, indispensável. O caboclo empós de anta ferida, teimoso como o animal em fuga, rijo e decidido, surge como um símbolo racial, presumo. Ele enfrenta o que vê e o ignoto metido nas íntimas superstições de um universo barroco, cheio de plantas e animais exóticos, igarapés que se entrecruzam, noite que se mistura com o dia no interior de uma floresta impenetrável, e um constante resvalar em direção ao irreal, ao fantástico, que um dia a dia impossível cria e elabora em torno do homem amazônico, na feliz anotação de Aguinaldo Silva, articulista das abas do volume”.

Seu último livro, “Dos Passados Nos Acercados do Cassianã”, assinala um novo progresso na sua carreira de ficcionista, sem

pesar aqui as controvérsias suscitadas por meras impressões de leitura, inclinadas a apontar “Chuva Branca” como seu melhor romance. Ainda que a temática seja a mesma em “Cassianã”, Paulo Jacob abandona a técnica do monólogo e escreve na terceira pessoa. Volta à posição do observador, do autor onisciente, mas sem as intervenções ensaísticas que caracterizam “Muralha Verde” e “Andirá”. A linguagem também é a mesma de “Chuva Branca” – frases curtas, conclusões incisivas, persistindo, mais apurada e amadurecida, livre dos artificios que em alguns trechos prejudicam a urdidura de “Chuva Branca”, a influência de Guimarães Rosa. Em seu mister de “desvendar entranhas”, como diz o prefaciador da obra, não lhe sobra margem para descidas analíticas ao abismo das consciências em jogo, nem vagares especiais para escapar à dureza crua dos fatos contados em favor de altos-relevos morais ou paisagísticos. Situa-lo entre as tendências regionalistas do romance amazônico implicaria de logo em definir uma nova situação para esse tipo de romance, uma vez que, dentro da mesma temática dos autores antes relacionados, em suas várias fases, Paulo Jacob distingue-se pela linguagem nova que apresenta, assim como pela estruturação técnica de seus capítulos. O romance de marca localista, que poderosamente influenciou a geração dos anos 30 foi, sem dúvida, o romance nordestino, e que tem em Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos os seus mais destacados expoentes. Essa influência não poderia deixar de ser exercida entre os escritores da Amazônia. Entretanto, as figuras representativas do nosso romance, marcado por essa influência, não chegaram a

constituir propriamente uma nova fase da nossa novelística; predominava, isto sim, a herança do chamado romance da terra verde, em seus mais característicos aspectos: o estilo grandiloquente, preciosista etc. Fugindo ao velho esquema, ali estava Dalcídio Jurandir, voltado inteiramente para motivos opostos, abrindo caminho para os temas ruralistas da ilha de Marajó. E já na década de 1960, surge Paulo Jacob, devidamente aparelhado para revalorizar os temas antigos dos seringais, dando-lhes como que uma feição tecnicamente nova e atual, trabalho até então ainda não logrado na Amazônia. Esta posição, se não define uma escola, ou mesmo um movimento, abre, com certeza, um vasto caminho que deverá servir aos futuros escritores que em nessa tarefa lhe venham suceder. Porque acima de tudo é a linguagem o instrumento de que se vale para impor uma fisionomia completamente inédita ao nosso regionalismo.

E eis a questão. O que faz do cientista, do psicólogo, do advogado, do sociólogo, do filósofo, do crítico, do arquiteto e mesmo do humorista um literato, não são, de certo, unicamente as fantasias, a imaginação, o lirismo, a retórica ou o sentido exato da pesquisa. Como o simples versejar também não faz o poeta. “Literatura é forma” – isto já foi amplamente debatido no 1 Seminário de Revisão Crítica da Cultura no Amazonas, promovido em 1967 pela Secretaria de Educação e Cultura e que dera nascimento à Fundação Cultural do Amazonas. Literatura é forma, repito, e não um aspecto isolado da arte de escrever. Nem uma escolha de temas vagos e abstratos, tampouco uma tarefa restrita ao

âmbito da criação pura. Literatura é forma e com mais análise e profundidade, citando Lukacs (“O que é social na literatura é a forma”), diz o ensaísta José Guilherme Merquior: “A forma, e não o arbitraríssimo “conteúdo” (impersegúvel quimera, inútil para a crítica e inexistente na percepção), é o que liga a linguagem à sociedade. Por isso resulta cada vez mais tolo ir buscar na obra “os elementos” da sociedade, em vez de entender estilo e obra como todos inteiros que são assim mesmo respostas ao social, e dele imagens”.

Dessa maneira, não ingressa numa Academia de Letras quem apenas se dedica à pesquisa social, à filologia, aos estudos jurídicos, aos experimentos de laboratório, à poesia ou à crítica literária. Ingressa, isto sim, quem sabe e prova dar a essas especialidades uma forma literária atual, uma adequação entre o sentir e o dizer naquele tempo presente que irradia uma dimensão nova do homem, projetor e executante de uma época de que é testemunha e à que se opõe, eleva ou interpreta nas suas inumeráveis e complexas facetas. Sem referir aqui os inventores, citamos os casos universalmente conhecidos de Gilberto Freyre, Mira Y Lopes, Humboldt e o nosso estimado Nunes Pereira. Eu poderia citar outros nomes, mas o importante mesmo é saber que literatura não são temas apenas, divagações, fantasias. É forma, linguagem, contribuição global à cultura. E a medida do talento de um, no caso específico do conhecimento de determinada matéria, está, não resta dúvida, na medida em que souber dar forma ao que sabe, ao que sente, ao que diz.

O clássico tabu literário é uma consequência deste velho equívoco sobre o fenômeno da criação artística, que tem sido confundida, por muitos, apenas como um ato de criar belezas, contar histórias, inventar personagens, refundir lendas, registrar pensamentos ou comentar paisagens da natureza. Os temas, o conteúdo ideológico, se repetem, voltam, no instante mesmo em que adquirem matizes e significações abonadas através de perspectivas e descobertas de novos instrumentos narrativos. Daí o mérito de Paulo Jacob, retomando a temática dos seringais amazônicos, entrevistados e sondados agora por meio de recursos linguísticos que partem de um mundo aparentemente irreal, pela força primitiva e antagônica da própria realidade de que é feito, e emergem transfigurados pela mágica inventiva de uma linguagem e de uma forma limpas de interferências estranhas aos fins universais a que a obra se destina.

Companheiro Paulo Jacob:

A Academia Amazonense de Letras sente-se bem, externa-se em festa, jubila-se em grandeza ao recebê-lo na vaga do saudoso confrade Álvaro Botelho Maia. Esta casa é sua, pelo muito que tem feito na lavoura do romance, gênero esse trabalhoso, complexo, difícil, árduo, com implicações relativas ao conteúdo de cada época, fator característico de sua atualidade ou de sua projeção no futuro. As influências, ou a influência que antes aprovamos em sua obra de ficcionista, em nada a prejudica, senão pelo contrário. “Receber influências” -- comenta Álvaro Lins -- “ou aproveitar como ponto de apoio as experiências

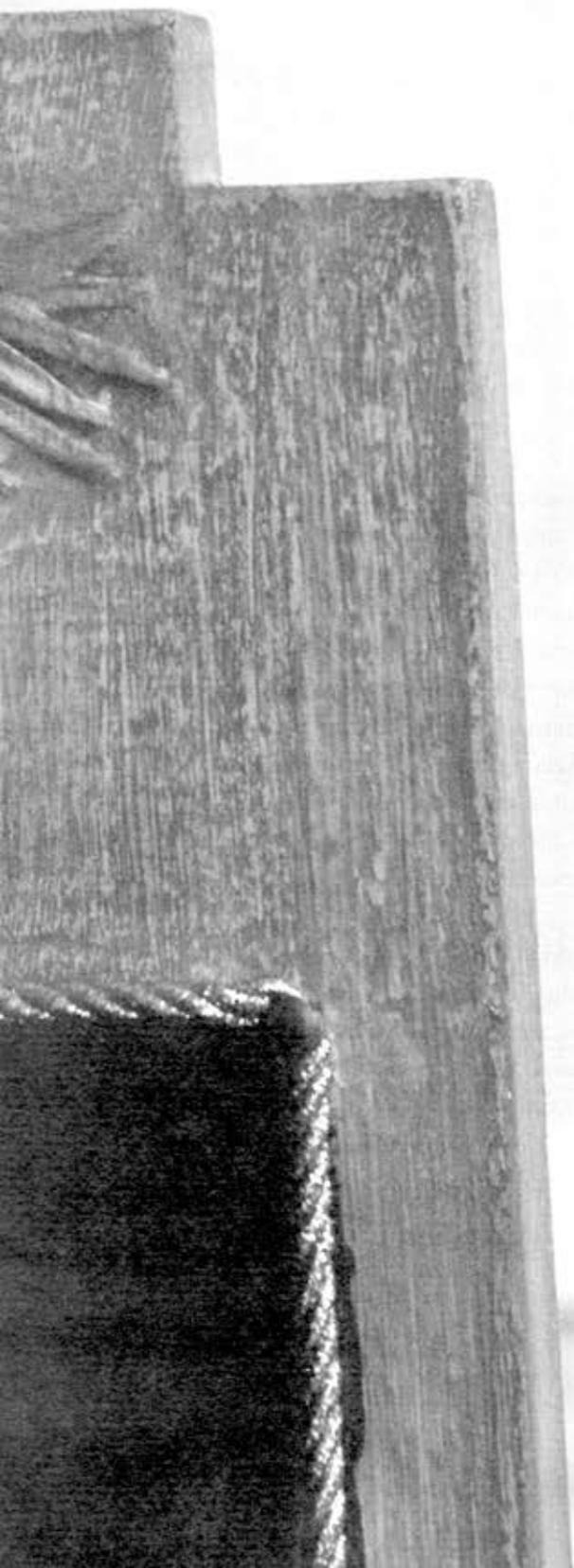
dos outros, mais velhos e mais compreensíveis – é uma coisa, como se vê, que não diminui nem desfigura, de modo nenhum, a personalidade. Em geral, a influência não leva à cópia do modelo. Também a ida até os grandes mestres é um gesto de que resulta um enriquecimento e não uma escravidão. Insensato seria querer alguém fechar-se em si mesmo, recusado e bloqueado, como em guerra ao mundo”. No caso particular de Vossa Excelência, a inovação linguística não faz parte, geralmente, de seu plano de obra: ela é, segundo o próprio Álvaro Lins, “uma consequência da sua arte”. Da arte que, chocando-se com “o velho instrumento (no caso a língua) que não tinha amplitude para contê-la”, renova os seus meios tradicionais de expressão, desenvolve-se, na medida em que o próprio idioma se desenvolve com ela. A influência de Guimarães Rosa é poderosa e única naqueles que perseguem essa meta, ainda porque, na opinião crítica do romancista Rui Mourão, “o romance brasileiro que evoluiu dentro do Modernismo, apresentou três tendências de grande importância: o experimentalismo cultural de Oswald e Mário de Andrade, a sondagem introspectiva dos mineiros e o documentarismo social-sociológico dos nordestinos. Guimarães Rosa, realizando a síntese de toda essa múltipla experiência anterior, indicou uma nova saída. No meu entender, os criadores atuais estão no dever, não de imitá-lo, mas de continuar a sua obra. Radical na revolução deflagrada ao nível da palavra, o autor de “Grande Sertão: Veredas” não chegou a atacar certos problemas como o da desmontagem do enredo, do redimensionamento espacial do texto através do trato adequado do ponto de vista etc.,

o que deixa às novas gerações um vasto terreno a ser percorrido”.

Entre tantos caminhos, Vossa Excelência escolhera o melhor, o mais difícil de todos. Nenhum romancista que tivesse à sua frente tão amplas perspectivas criadoras, e campo tão fértil como sejam os dramas íntimos ou periféricos do homem e do meio amazônico, poderia, sob pena de envolver neste ramo literário, fugir deliberadamente aos caminhos abertos pelo autor de “Grande Sertão: Veredas”.

Mas a presença de Vossa Excelência nesta casa tem uma outra grande significação para nós. É que temos nela, antes de tudo, a presença de um verdadeiro escritor, de um genuíno literato. A literatura, depois das tarefas ligadas ao Fórum, tem sido para Vossa Excelência um motivo constante de trabalho, uma fonte inesgotável de pesquisa e, nestes últimos anos, de conquistas que honram, no vasto panorama das letras nacionais, as melhores tradições da cultura amazonense.

Flores e música, portanto, aos pés de quem veio de tão longas caminhadas, senhor de espinhos e desertos, para dar-nos a tranquila certeza de que estamos, agora, associando um ato de justiça a um dever de consciência, e mais que a um dever de consciência, a um forte imperativo de beleza e de verdade.



## DISCURSO DE ABERTURA

• *Elson Farias*<sup>1</sup>

Solenidade: 15 de setembro de 2005

Senhoras e Senhores Acadêmicos,  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Nos anos de 1950, Manaus era uma cidade onde se convivia com um razoável silêncio. Tanto que se podia ouvir, em todo o perímetro urbano do seu centro histórico, as batidas do relógio da Igreja de São Sebastião, e a música dos tambores das festas do povo nos bairros distantes. As noites eram mais silenciosas ainda e, por isso, era comum encontrarem-se as pessoas conversando nas calçadas de suas casas e os jovens nos bancos das praças e dos jardins, ou em grupos caminhando pelas ruas. Nesse ambiente, após as aulas noturnas do Colégio Estadual, os seus jovens professores e alunos ficavam conversando na praça em frente sobre o assunto das suas aulas e outras questões de interesse no momento. Em um desses grupos o tema era Literatura e Arte, Política e Desenvolvimento Social.

Esse grupo era caracterizado pela presença de poetas, romancistas, músicos, artistas plásticos e cientistas sociais, mais tarde dando-se a

conhecer com o nome de Clube da Madrugada, que chamou a atenção das pessoas num primeiro momento, por gestos e atitudes inscritos no rol dos labirintos da lenda.

Certa noite a conversa avançou de tal modo envolvente que aqueles jovens só se aperceberam do inusitado da hora quando o relógio da Igreja de São Sebastião assinalava que estava chegando a madrugada. Os jovens, então, decidiram criar uma instituição que os reunisse para discutir aqueles assuntos numa linha de renovação nos campos da pesquisa científica e da criação artística. Aceita a ideia, faltava o nome para a entidade e, aí, um dos componentes do grupo sugeriu que se lhe desse o nome de Clube da Madrugada, em homenagem ao dia novo que vinha surgindo. Todos aceitaram a sugestão de Luiz Bacellar

• • •

1. POETA E FICIONISTA, OCUPA A CADEIRA N.º 12, DE OLAVO BILAC. NA OCASIÃO, ERA PRESIDENTE DA ACADEMIA, CARGO QUE OCUPOU NOS BIÊNIOS 2004-2005 E 2005-2006.

que assim inscrevia, no contexto lendário que se gerou em torno dos madrugadores, um fato legítimo inscrito nas páginas da história da cultura amazonense.

Essa é a personalidade que a Academia Amazonense de Letras recebe hoje entre os seus pares.

A ACADEMIA & *seus fundadores*

2.<sup>a</sup> série





## CORIOLANO DURAND – *o homem*



• *Anísio Mello*<sup>1</sup>

O indivíduo caracteriza-se pelo seu comportamento. Somos como impressões digitais que nunca se repetem. Assim foi Coriolano Durand, que soube ser ele próprio: brilhante em segmento da vida; cultor, trabalhador, operoso, ocupando cargos públicos com desenvoltura e talento. Destacou-se como teatrólogo, tendo muitas de suas peças teatrais sido exibidas nos teatros do Brasil e da Europa.

Coriolano Durand foi um homem multifacetário, experimentando momentos de grandes emoções, ocupando cargos que exigiam de si uma energia e um caráter dignos de sua fibra, como a direção de uma delegacia de polícia. Colaborou em vários jornais do Norte e do Sul, culminando em fazer parte do grupo que participou da fundação da Academia Amazonense de Letras, em 1.º de janeiro de 1918.

Seu estilo contundente demonstrava coragem e inteligência. Homem de grande cultura, Coriolano lecionou língua francesa na Escola Sólón de Lucena, cadeira para qual fora

aprovado em concurso público, e Língua Portuguesa no Ginásio Amazonense. Fundou e dirigiu o Externato Durand, que fechou em decorrência de surto de varíola em Manaus.

Coriolano Durand nasceu em 12 de abril de 1878, no Forte de Tabatinga, fronteira do Brasil com o Peru. A inquietação do menino começou com as frequentes mudanças de escolas. Fez as primeiras letras na escola de Nicolau Tolentino, completando o primário no Colégio Americano, de José Veríssimo, logo depois iniciando o secundário no Ateneu Amazonense sob a direção de Jônatas Serrano, eminente professor do magistério amazonense.

No Amazonas, foi proprietário de um seringal no rio Madeira. Na cidade de Manicoré foi procurador-tesoureiro municipal, promotor público e advogado criminalista.

\*\*\*

1. POETA E ARTISTA PLÁSTICO, OCUPA A CADEIRA N.º 3, DE GONÇALVES DIAS. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 4 DE MARÇO DE 2006.

Em 23 de julho de 1924, estourou a revolução, tendo como chefe o tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, por delegação de seus companheiros de revolta, o Governo do Estado.

São palavras de Coriolano Durand:

*O tenente Ribeiro Júnior soube revelar-se um grande administrador e grande juiz, patenteou, durante trinta e cinco dias que esteve à testa do governo amazonense (pois foi preso em 28 de agosto, pelas tropas enviadas pelo governo da união), o mais acrisolado espírito de justiça e de bondade, dando o povo amazonense trinta e cinco dias de fartura, de paz e de liberdade!*

Os discursos de Coriolano Durand eram veementes como suas críticas por meio da imprensa. Corajoso e intemerato, não temia as correntes oligárquicas, felizmente tombadas. Os lampejos mentais de sua cultura iluminavam as praças e os comícios, que não poupavam aplausos às suas frases inteligentes. Os palanques estremeciam com aplausos do povo, ele continuava:

*tu, tenente Ribeiro Júnior, talhado nos moldes do indômito gaúcho e agido sob a imensidade das nossas florestas – escritório secular de exóticos perfumes, dissolvidos por química insondável, partículas fulgurantes da alma livre e rebelde de Ajuricaba – quebraste este êxtase de encantamento maléfico e revelaste à multidão aturdida o respeito às leis, fora dos preceitos constitucionais, postos de lado para que fosse possível a prática irrepreensível do bem e da justiça.*

Graças à fibra e honestidade de Coriolano Durand, no governo do Dr. Jorge de Moraes, partiu para a Europa para negociar a encampação da Manaus Improvements e do Manaus Markets, arrendatários no mercado público, do matadouro municipal e do serviço de águas e esgotos da capital, que deu origem ao Centro de Artes Usina Chaminé, pertencentes aos ingleses, e que não chegou a funcionar, motivado por uma revolução popular, que pôs em fuga os ingleses, para não mais ocupar o prédio do futuro serviço de águas e esgotos. A encampação foi realizada.

Agitador político, Coriolano foi preso na Revolução de 1924, por ter proclamado em discurso público, em comício histórico, que Ribeiro Júnior era cidadão do Amazonas, que na intervenção de Alfredo Sá o levou ao presídio.

Embora assim, durante a vida colecionou cargos e qualidades que levou consigo até o restante de sua vida. Escreveu uma tese para a cadeira de língua francesa, em francês, e ocupou o cargo de professor dessa matéria no Ginásio Amazonense, por longos anos. Era pintor, arquiteto, teatrólogo, burocrata, jornalista, professor de francês, português e poeta. Da sua poesia pouco se tem notícia. Sabemos que o poeta publicou muitos poemas seus em jornais da época, sem ter os reunidos em livros.

Coriolano Durand, referindo-se ao comportamento da política estadual do governo de Rêgo Monteiro, proferiu em seus discursos veementes e corajosas palavras ao público,

que culminariam em levá-lo ao presídio pelas forças governamentais, mas Coriolano não hesitou e proferiu:

*Ao influxo dessa serpente, o povo do Amazonas, de leão que era ao tempo de Ajuricaba, juba hirsuta e fauces rubras e agressivas, transmudou-se em místico colombiano, cujo bico apenas sabe arrulhar queixumes de fome, entre as abertas dos farrapos e a bicheira da miséria!*

E continuava a fala corajosa:

*Dentro do marasmo em que vivido o povo amazonense, lampejava apenas um estranho fakirismo perante a letra da nossa magna carta, violada a cada passo, em se tratando de produzir o mal, reverenciada, sempre do desrespeito aos seus ditames pode derivar o bem!*

Além das atividades de homem público, Coriolano produziu muitas peças literárias, principalmente no campo do teatro, como: “Vende-se”, em três atos, premiada na Exposição Nacional, de 1908, “Des Altérations phonétique”, tese de concurso à cadeira de língua francesa do Ginásio Amazonense, “A chama”, alta comédia, em três atos, representada em Paris, e “Marquesinha”, opereta, com música de Sobreira Lima, para crianças.

Na tradução do “teatro grego” J. B. Mello e Souza explica com palavras crepitantes de entusiasmo e gratidão sua opinião sobre a cultura grega de então, que furou séculos e plantou a cultura, semeando pelo mundo o

trato com arte dos grandes mestres por segmentos intermináveis:

*Se a Grécia antiga continuava a viver para nós, e perto de nós, por tudo o que soube produzir de belo e de eterno na própria essência da civilização de que somos usufrutuários, a Atenas se deve considerável parte dessas conquistas no domínio do pensamento da razão, da arte como da literatura.*

Se Coriolano Durand foi audacioso percorrendo vários caminhos da cultura com determinação, disse sem palavras, aos seus pósteros, que a cultura é resgatável, e que por sua origem humilde não impediu seu sucesso e a sua imortalidade.

Depois do jornalismo, Durand enveredou pelo teatro, produzindo peças, encenadas em muitos teatros do Brasil. No século XVI registramos a figura do padre Anchieta como introdutor do teatro no Brasil. A catequese dos padres jesuítas inspirou-o a produzir teatro com o qual animava os índios da costa do Brasil nos seus folguedos religiosos, com peças teatrais e cantos. Essas peças eram escritas em tupi e encenadas pelos próprios índios.

A versatilidade do Coriolano Durand, embora tenha colaborado em vários jornais e revistas, do Norte e do Sul, ficou perdida nos arquivos das bibliotecas, onde raramente se encontram dados sobre os autores do passado. Faleceu no Rio de Janeiro, em 23 de março de 1937.



## CARLOS EUGÊNIO CHAUVIN



• *Antonio Loureiro*<sup>1</sup>

Chauvin foi um soldado do exército de Napoleão conhecido pelo seu patriotismo extremado. O seu sobrenome serviu para originar a palavra chauvinismo, indicando excessiva devoção a uma causa, o patriota cego de entusiasmo, o nacionalista ferrenho tão combatido pelo internacionalismo, na luta agora vencida, pelo menos na Europa, pelo nacional-socialismo, com o quase desaparecimento do internacional-socialismo.

Carlos Eugênio Chauvin nada teve de comum com este homônimo, pois nasceu na Bahia, a 16 de setembro de 1879, vindo logo depois de formado para Manaus, onde ficou conhecido como professor de francês e, segundo Almir Diniz, como advogado e jornalista.

Fundou a cadeira n.º 15, depois n.º 10, da Academia Amazonense de Letras, sob o patronato do Barão do Rio Branco, sendo sucedido por Mário Ypiranga Monteiro e Mário Ypiranga Monteiro Neto.

Foi professor e secretário-geral da Universidade Livre de Manaus, a primeira do gênero fundada, no Brasil, que possuía a ela vinculados os cursos de Agronomia e Agrimensura, Odontologia, Direito, Obstetrícia, Farmácia e Medicina Militar.

Ganhou o concurso para professor catedrático de francês da Escola de Comércio Sólton de Lucena, sendo sucedido, após a sua morte, pelo padre Pedro Mottais.

Antes, em 1909, concorrera à vaga de catedrático de francês do Ginásio Pedro II, com a tese “Tendance Indoeuropéennes dans la Gaule”. Escreveu artigos sobre o divórcio.

Faleceu a 1.º de março de 1942.

Foi muito amigo de meu pai e, minha mãe ainda se lembra de uma história interessante, por ele

• • •

1. HISTORIADOR, OCUPA A CADEIRA N.º 31, DE ERMANO STRADELLI. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 11 DE MARÇO DE 2006.

vivida e contada, quando esteve no Rio Branco, extensa região então pertencente ao Amazonas, em uma das expedições exploradoras para ali dirigidas. Como tinha os olhos azuis, os índios daquelas terras ficaram admirados e procuravam abri-los com os dedos, para admirá-los. Passou uma noite sem dormir, com medo de eles serem arrancados, pois os indígenas pensavam que fossem contas incrustadas.

Por este motivo e pelas teses apresentadas no Primeiro Congresso Comercial, Industrial e Agrícola da Associação Comercial do Amazonas sou levado a crer que também foi agrimensor e agrônomo, pois os seus trabalhos apresentados foram “O Plantio da Borracha” e “A Agricultura no Vale do Amazonas”.

O Congresso foi organizado por Bertino de Miranda, historiador e secretário da Associação Comercial do Amazonas, possuidor de um dos maiores acervos documentais sobre a História da Amazônia, que acabaram nas mãos de seu irmão Bento de Miranda, em Belém, segundo Agnelo Bittencourt.

#### O PRIMEIRO CONGRESSO COMERCIAL, INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS

A partir da segunda quinzena de setembro de 1909, as cotações da borracha, no mercado de Londres, deixaram de ser publicadas, na Revista da Associação Comercial do Amazonas, e só o voltariam a ser, em junho de 1910, estabelecendo uma ocorrência muito estranha, pois neste período de dez meses a borracha atingiu os

mais altos preços em todos os tempos.

A desculpa apresentada para essa omissão foi dada pela concessionária do cabo subfluvial e marítimo entre Manaus, Belém e Londres, a The Amazon Telegraph Cy Ltd., com o capital de 250.000 libras, que alegou a quebra do mesmo, pelas fortes correntes marítimas da região do Marajó.

Esses mais altos preços da borracha ocorreram, no dia 10 de abril de 1910, em Londres, atingindo 2 libras e 5 shilings e 11 3/20 dinheiros, por quilo, ou seja, 365743, por quilo, correspondendo a um pouco mais que 2296 libras por tonelada, o equivalente a 18.368 g de ouro, por tonelada de borracha. Em Nova Iorque, naquele mesmo dia, o seu preço foi a US\$ 7.050, enquanto em Manaus pagava-se 175000, apenas 45% do verdadeiro valor do mercado internacional.

Esta foi uma bela manobra de mercado, pois os preços da borracha asiática também subiram gerando gigantescos superávits, com boas distribuições de lucros, logo reinvestidos, naquela região, além da captação de outros, inclusive os da diferença de preço da borracha amazônica, em um total de mais de US\$ 100.000.000. Este um dos motivos das plantações e da produção do Oriente logo começarem a superar as do Brasil, a partir de 1913, na proporção inicial de 47.000 toneladas para 39.000, chegando a 1.000.000 para 10.000, em 1934.

Apesar dos altos preços do mercado e anteendo um futuro sombrio, a Associação Comercial do Amazonas resolveu organizar o seu Primeiro

Congresso Comercial, Industrial e Agrícola, tentando antecipar-se à crise final que já se anunciava, embora isto já fosse irreversível, pelos gigantescos investimentos feitos no Oriente. Isto devido às notícias alarmantes vindas da Inglaterra, após a Primeira Exposição Internacional de Borracha, em Londres, em 1908.

As reuniões realizaram-se na semana de 22 a 27 de fevereiro de 1910, no Teatro Amazonas, com a participação de delegações de todos os países limítrofes, do Acre, do Pará e das Associações Comerciais de Itacoatiara e Parintins, além de um mostruário de borracha e fotos de seringais expostas no hall da Biblioteca Pública.

Como parte do Congresso, foram plantadas mudas de seringueira nos jardins da Matriz, onde estão até os tempos atuais, e foi visitado o horto dirigido pelo senhor Bender, na Cachoeira Grande, onde existiam cem árvores plantadas, em consórcio com bananeiras.

A repercussão do evento foi notável, sendo noticiado em toda a Imprensa Mundial. *The India Rubber World*, de Nova Iorque, publicou numerosas reportagens do seu editor H. C. Pearson, que muito se impressionou com as palestras sobre a criação de cooperativas, do doutor Carlos Rey de Castro, e a sobre higiene e assistência médica nos seringais, de J. A. Magalhães.

A diversos tipos de conclusões chegou o Congresso:

– O grupo comercial optou pela redução de fretes e impostos sobre gêneros alimentícios consumidos nos seringais; melhoria de condições de vida dos seringueiros, auxílios à navegação, desobstrução dos rios, prêmios para as companhias de navegação que estabelecessem novas linhas, isenções de impostos de importação para navios, a organização de uma linha de navegação modelar.

– O do extrativismo preocupou-se com o incentivo às plantações, venda de terras estaduais a baixo preço, redução de impostos, distribuição de sementes, o replantio das estradas dos seringais, o envio de observadores ao Oriente, a atração de capitais, métodos de defumação.

– O grupo da agricultura pedia a plantação de seringueiras e de cacauzeiros, redução de impostos sobre a produção, a redução de fretes, a produção de mudas, a distribuição das terras devolutas, a importação de gado adaptável à região.

– Foram proposições gerais o combate à febre amarela e ao impaludismo, as visitas de comissões médicas aos seringais, a assistência médica a bordo, para navios com mais de cem passageiros, a criação de cooperativas e de sindicatos agrícolas, a diminuição dos falsos conceitos sobre a Amazônia, um banco regional, a encampação da Amazon River Steamship, a construção de estradas de ferro e rodagem, a regularização de trechos encachoeirados, a criação de dez hospitais no interior, a colonização das fazendas nacionais do Rio Branco e dos campos naturais de

Óbidos e de Monte Alegre, a criação de seis fazendas-modelo em Marajó, Bragança, Rio Branco, Manacapuru, Xapuri e Catai.

Essas proposições serviriam de base para a Lei n.º 2.543, de 5 de janeiro de 1912, regulamentada pelo Decreto n.º 9.521, de 17 de abril de 1912, a primeira tentativa brasileira de amparo à Amazônia em crise.

No ano anterior, entre 8 e 22 de agosto de 1909, foi realizado o Congresso Industrial de Sena Madureira, no Acre, por iniciativa do prefeito Samuel Barreira, que pedira uma lei de terras para o Acre, a abertura de diversas estradas de rodagem e a de ferro entre Sena Madureira e Boca do Acre, a criação de um banco, a instalação de uma escola de agronomia, a redução dos impostos e uma comissão para observar os métodos de plantio, no Ceilão e Malásia.

Ainda no Acre, entre 7 e 11 de setembro de 1912, em Cruzeiro do Sul, a Associação Comercial do Alto Juruá realizaria o seu próprio congresso com solicitações semelhantes à de Sena Madureira.

Durante o Congresso da Associação Comercial do Amazonas foram distribuídas medalhas aos expositores:

– Medalhas de ouro de 33 g, cunhadas em Florença, para a Câmara de Comércio de Iquitos, Associação Comercial do Amazonas, Antônio dos Santos Cardoso, coronel Raimundo Monteiro da Costa, Salvador Abecassis & Irmão, Carlos Cerqueira Pinto,

Fenelon Rocha e Lima, por mostruários de diversos tipos de borracha, ao comandante Augusto Hiliges, por mapas do Juruá e do Alto Purus, herdeiros do coronel Plácido de Castro, por mapas do Purus e Acre, Hubner & Amaral, por fotografias mostrando a extração da borracha e seu beneficiamento.

– Medalhas de prata para Joaquim Gonçalves de Araújo, Miguel Percil, J. G. Aguiar, Arthur Ribeiro, Conrado Garcia, M. Corbacho, José Ribeiro Guimarães, Benedito Antônio Alves Pinto, José da Silva Simões, Carvalho & Irmão, ACA, Teodoro Botinelly, por mostruários de borrachas e caucho de diversas qualidades, a J. Araña & Hermanos, por fotografias de seus seringais, coronel Luiz da Silva Gomes, por mapas de seus seringais no Uaquiri e Ituxi, Danin & Mello, pela máquina de defumar de Viana Coutinho e José Pereira Cavalcante, por artefatos de borracha (sacos, botas e bolsas para tabaco).

– Medalha de bronze para Alexandre Mourão, Viana Coutinho, Fonseca Lobo, Carvalho & Irmão, José Gentil Costa, Salomão Pinto e Francisco Antonio Loureiro, com animais feitos de borracha.

– Hors Concours: Dr. Huber, por produtos fabricados com látex de seringueiras cultivadas, no Museu de Belém, e por faca especial para o corte.

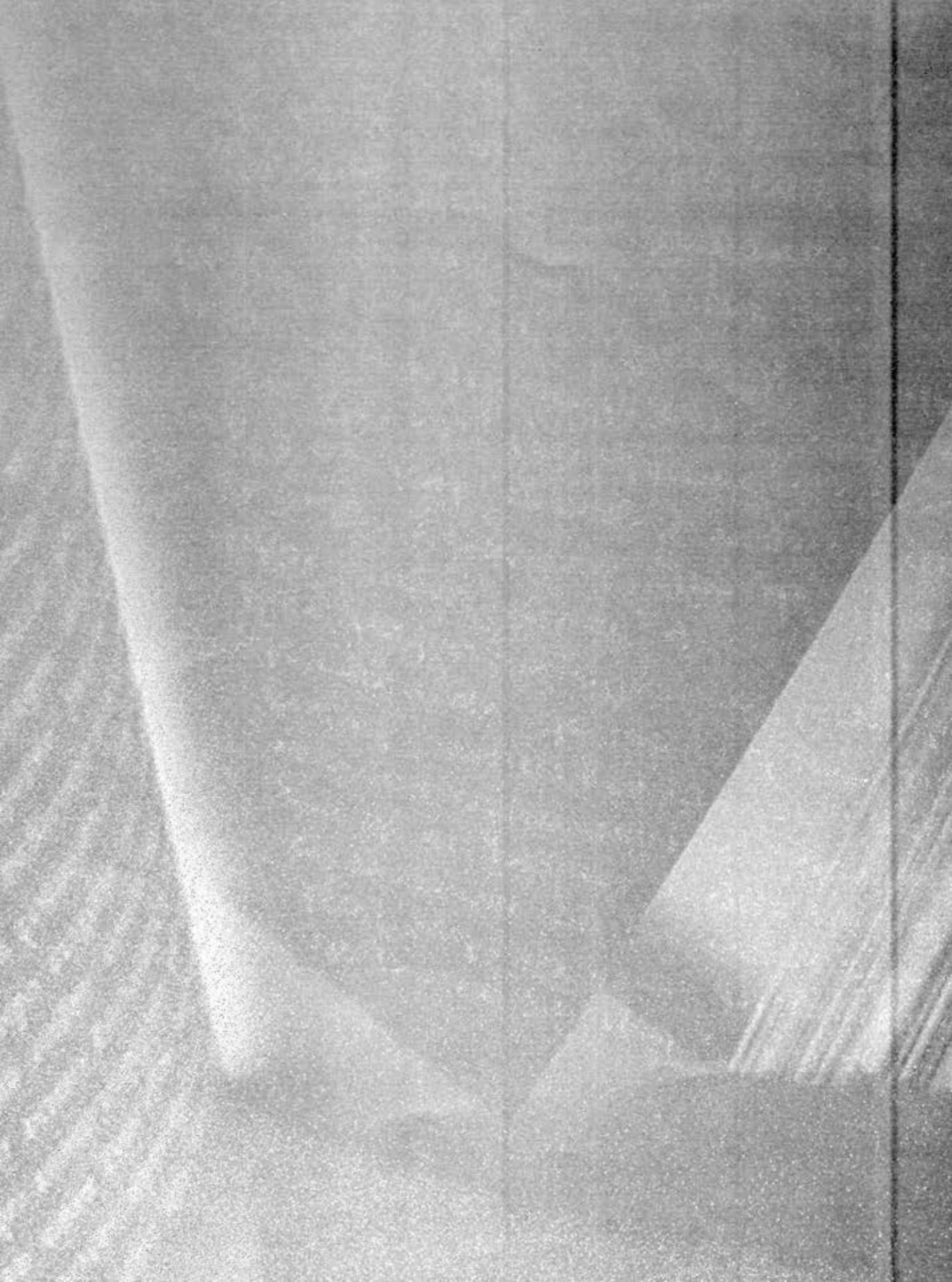
– Teses Premiadas: C. H. Pearson e Carlos Eugênio Chauvin, 2500\$000 para cada, pelas teses relativas às Vantagens do Plantio da Hévea, na Amazônia e seus locais de eleição,

com menção honrosa para Cerqueira Pinto; Ximeno Villeroy com o tema Como se Deve Povoar o Solo Amazônico, com menção honrosa para Benjamin de Araújo Lima; de novo Carlos Eugênio Chauvin, 5000\$000 com o trabalho “Pode-se Ensaiar com bom Êxito a Agricultura no Vale do Amazonas”, menção honrosa para Esmeraldo Coelho e menção honrosa para James Williams, com “Meios para Facilitar e Desenvolver a Marinha Mercante no Vale do Amazonas”.

Essas teses podem ser encontradas nos Annaes do Congresso Commercial, Industrial e Agrícola, organizados por Bertino de Miranda, publicado pela Tipografia da Livraria Palais Royal, de Lino Aguiar, em 1911, e republicados pela Associação Comercial do Amazonas, em 1990.

Seguiram-se a leitura e os comentários sobre as teses apresentadas.

Como introdução tratou-se da atual produção mundial e brasileira de borracha natural e sintética.



## GENÉSIO CAVALCANTE



• *Armando Andrade de Menezes*<sup>1</sup>

Por designação da presidência deste Silogeu, cabe-me falar-lhes sobre Genésio Cavalcante.

Contudo, antes de fazê-lo, desejo homenagear o presidente da casa, Acadêmico Elson Farias, por sua vigorosa e admirável atuação consolidadora da vida literária da Academia, razão de sua reeleição para o novo mandato, em curso.

A minha condição de acadêmico a partir de 12 de maio de 1998, permite-me cuidar de assuntos pertinentes a esta instituição apenas no curto período de quase oito anos, mas, ainda assim, nada me impede de realçar o mérito empreendedor do nosso eminente presidente que, em um ano e mais estes primeiros meses de administração, promoveu seguidas ações e aplaudidos eventos, abrindo as portas da Academia a estudantes de todos os níveis, a senhoras, senhores e ao povo em geral, o que é possível constatar pelo resumo que segue.

NO ANO DE 2005

Inicialmente fizera preencher, por novos acadêmicos, as sete vagas então existentes.

Entre 2 de abril e 30 de julho, foi realizado, em 18 sábados, sempre das 10 às 12h, o curso *Visões do Amazonas: a Literatura e a História*, organizado e proferido pelos Acadêmicos Antonio José Souto Loureiro (História) e Tenório Nunes Telles de Menezes (Literatura).

De 1.º de outubro a 3 de dezembro, também entre 10 e 12h de sábado, realizou-se a primeira série de dez conferências, das 30 programadas no curso denominado de *A Academia e os seus fundadores*, abordando a vida e a obra dos 30 primeiros membros efetivos da Casa, sendo palestrantes: Elson Farias sobre Álvaro Maia – 1.º de outubro; Antonio Souto Loureiro sobre Heliodoro Balbi – 8 de outubro; Almir Diniz



1. AUTOR DE VÁRIOS LIVROS DE MEMÓRIAS, OCUPA A CADEIRA N.º 30, DE ARARIPE JÚNIOR. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 8 DE ABRIL DE 2006.

de Carvalho sobre Araújo Filho – 15 de outubro; Carmen Novoa Silva sobre Thaumaturgo Vaz – 22 de outubro; Narciso Júlio Freire Lobo sobre Huascar de Figueiredo – 29 de outubro; Arlindo dos Santos Porto sobre Nunes Pereira – 5 de novembro; José Bernardo Cabral sobre Péricles Moraes – 12 de novembro; Cláudio do Carmo Chaves sobre J. Mendonça Lima – 19 de novembro; José Maria Pinto de Figueiredo sobre Octávio Sarmento – 26 de novembro; e Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto sobre Benjamin Lima – 3 de dezembro.

Duas oficinas literárias foram realizadas. A primeira, de 27 de agosto a 24 de setembro sobre produção de textos poéticos, durante cinco sábados, entre 8 e 11h, dirigida pelo Acadêmico José Maria Pinto de Figueiredo, com a presença de 12 inscitos; e a segunda, sobre produção de crônicas, nos dias 18 e 25 de novembro e 2, 9 e 16 de dezembro, durante cinco sextas-feiras, sob a direção do Acadêmico Narciso Júlio Lobo Freire, com a presença de seis inscitos.

Às 20h de 28 de abril foram agraciados com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes: nos domínios das Letras, das Artes e do Mecenato, respectivamente os senhores Almino Affonso, Nivaldo Santiago e Phelippe Daou.

Foram lançados os livros: “Povo Tucano – Cultura, histórias e valores”, de autoria do pajé tucano Gabriel dos Santos Gentil – em 28 de maio; “O sétimo dia” e “Nas tendas do caminho”, de Jorge Tufic e Alencar e Silva – em 18 de junho; e “Clássicos da Academia Amazonense”, com “Só a educação transforma

os povos”, de Araújo Lima, e dos Cadernos da Academia, com “Em memória de Paulo Jacob”, o 1.º da série, de Armando de Menezes – em 2 de setembro.

Às 20h de 9 de novembro realizou-se a sessão solene comemorativa ao Jubileu de Ouro Acadêmico do poeta Thiago de Mello, o decano da Academia.

Pelo Decreto n.º 25.438, de 22 de novembro de 2005, o governador Eduardo Braga reformulou o Conselho Administrativo da mais alta honraria do Estado – a Grã-Cruz –, fazendo integrá-lo à Academia Amazonense de Letras, sendo o presidente Elson Farias com a mesma condecorado, em solenidade ocorrida às 16h de 12 de dezembro.

#### NO ANO DE 2006

A 31 janeiro foram selecionados os novos agraciados com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, recaindo a escolha nos nomes de: Astrid Cabral (letras), Severiano Porto (artes) e Moisés Israel (mecenato).

Dentro do programa da 2.ª série do curso *A Academia e os seus fundadores*, produzido aos sábados, mais dez palestrantes já as estão realizando em roteiro que vai de 4 de março a 6 de maio, com os designados seguintes: Anísio Mello sobre Cariolano Durand – em 4 de março; Antonio Loureiro sobre Carlos Eugênio Chauvin – em 11 de março; Jefferson Péres sobre Dorval Porto – em 18 de março; Ruy Lins sobre Jorge Moraes – em 25 de

março; Luiz Bacellar sobre Adriano Jorge – em 1.º de abril; e Armando de Menezes sobre Genésio Cavalcante – em 8 de abril. Os próximos conferencistas serão: Cláudio Chaves que enfocará Gaspar Guimarães – em 15 de abril; Aldisio Filgueiras falando sobre Raul de Azevedo – em 22 de abril; Demosthenes Carminé sobre Odilon Lima – em 29 de abril; e Francisco Gomes da Silva sobre Virgílio Barbosa – em 6 de maio.

A todos os frequentadores dos cursos e oficinas, a Academia forneceu certificados de participação.

Como foi visto, pelos registros, muito esta Casa ficou, como ainda fica, a dever ao meritório e magnífico trabalho desenvolvido pelo nosso excelso presidente Elson Farias, o qual continua em franca desenvoltura, como positivada pelas palestras de todos os sábados, como a que hoje está acontecendo, daí a razão do realce a seus méritos como dirigente empreendedor.

#### GENÉSIO CAVALCANTE

Tanto na 1.ª quanto nesta 2.ª fase de palestras, muitos dos confrades manifestaram dificuldade na busca de informações a respeito do fundador da Academia sobre quem lhes compete falar.

No meu caso, quanto a Genésio Cavalcante, o mesmo ocorrera.

Participante da fundação da Academia, Genésio Cavalcante ocupou a Cadeira 14, de patronato de Adolpho Caminha, mais tarde transferido para o barão de Sant’Anna Nery. Não me acabrunha revelar que, para prover-me de dados sobre esse caboclo nascido lá pelas barrancas do rio Juruá, socorri-me de dois amigos/irmãos desta agremiação literária – Zemaria Pinto e Almir Diniz, de um sobrinho deste, Antônio Diniz, e, mais, de dois talentosos pesquisadores e queridos confrades do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Marita Monteiro e coronel Roberto Mendonça.

Do livro *Acadêmicos – Imortais do Amazonas – Dicionário Biográfico*, de Almir Diniz, colhi haver Genésio Cavalcante nascido no rio Juruá, em 1891, sendo filho do coronel José Ferreira Cavalcante e Rosa de Jesus Cavalcante; que foi cronista, poeta e jornalista, com atuação, nesta atividade, principalmente em Belém; e que morreu em 1941, aos 50 anos de idade.

Difícies tais informações, pois até o próprio autor desse *Dicionário Biográfico* se socorre do adjetivo escasso para justificar-se quanto a elas, conquanto ainda registre haver Genésio Cavalcante produzido “o belo livro *Oiro e Cinzas*, de inspirada poesia”.

Por sua morte, sucedeu-o, na Cadeira 14, Moacyr Rosas e, a este, Cláudio do Carmo Chaves, seu atual ocupante.

E para justificar a escassês de dados a respeito do homenageado, recorro ao magnífico

discurso de posse, ocorrido a 14 de setembro de 2001, do acadêmico Cláudio Chaves, que dele disse somente: “Os ocupantes da cadeira n.º 14 foram na ordem cronológica: Genésio Cavalcante, o primeiro, jornalista e escritor, que atuou na imprensa de Manaus e Belém e deixou, além de numerosos artigos e ensaios, um livro de poesia intitulado *Oiro e Cinzas*,” ... (Pág. 112, da Revista n.º 24 – novembro de 2002 – da Academia Amazonense de Letras).

Agora vou ao amigo Antônio Diniz, proprietário da loja Sebão Manaus, onde vende livros, revistas e outras produções antigas, verdadeiras joias literárias.

Sabedor da minha preocupação, ofertou-me:

1) – o poema “A Laranjeira”, de Genésio Cavalcante, publicado às páginas 256 a 258, da Revista da Academia Amazonense de Letras, n.º 1, de 1920, e que fora extraído da *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Roque, com introdução geral de Arthur César Ferreira Reis; e também:

2) *Redenção* – Revista Política, Litterária, Economica, Social e Commercial, de novembro – 1924, de propriedade de Clóvis Barbosa, contendo na página 11, além da foto do autor, quatro poemas de Genésio Cavalcante: Anacreonte, Hinno ao Somno, Centauro e Anoetecer na Amazonia. – (Respeitada a grafia da época).

Dou-me, agora, a uma confissão e a um agradecimento de coração.

Não sendo poeta e, assim, sem a qualidade devida para o estudo e emissão de opinião sobre poesia, embora, como qualquer ser humano, capaz de entendê-la e senti-la, pedi e fui atendido por este talento feito em corpo inteiro de poeta consagrado e dos maiores cultores da literatura brasileira e universal que se encontra aqui, a meu lado, como coordenador deste evento, o amado amigo/irmão Zemaria Pinto.

Vejamos, pois, a seguir, a extraordinária interpretação e o sentimento crítico de Zemaria à poesia de Genésio Cavalcante, trabalho que, pela profundidade e beleza de construção, faço-a integrar a este meu pronunciamento.

• • •

## GENÉSIO CAVALCANTE, *a poesia sob o signo de Apolo*

---

• Zemaria Pinto<sup>2</sup>

A revolução romântica teve o grande mérito de trazer as artes, e em especial a Literatura, para o convívio dos mortais. Antes do Romantismo, os artistas eram vistos como inspirados diretamente pela divindade, como se pertencessem a outro estrato, outro nível da realidade e da consciência. A poesia romântica – detenhamo-nos na poesia romântica brasileira – traz à discussão o índio,

• • •

2. POETA, DRAMATURGO E ENSAÍSTA, OCUPA A CADEIRA 27, DE TAVARES BASTOS.

ainda que visto de forma idealizada. Num segundo momento, o individualismo pessimista, temperado pela boêmia, funda o “mal do século”. Finalmente, a poesia romântico-revolucionária, impregnada de preocupação político-social, luta pela libertação dos afro-descendentes dos negros sequestrados. Estou falando de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves, os baluartes daqueles momentos sublimes da poesia brasileira do século XIX.

Mas como preconizava o profeta Friedrich Nietzsche, os tempos da arte são cíclicos e alternam-se entre as influências de Apolo e Dioniso. Eram os românticos dionisiacos. Suceder-lhes-ia, na roda incessante do mundo, poetas apolíneos, que voltariam a lutar por uma poesia de grande rigor formal, objetivista e classicizante, voltada para si mesma – a arte pela arte. E assim se deu, pois “tudo muda, tudo passa, tudo está em movimento, sobre a terra e sob o céu, inclusive o pensamento”. A geração que desponta nos anos 1880 é apolínea, como previra Nietzsche, devota da forma perfeita, da descrição exata e desapaixonada. Eram os parnasianos, que logo na década seguinte sofreriam a concorrência dos simbolistas, também devotos da forma, mas inclinados ao místico, ao espiritual e ao subconsciente. E tal como acontecera na França, mesmo tendo uma raiz comum, parnasianos e simbolistas divergiram talvez porque não concordassem com a arquitetura, ou mesmo com a altura, da torre de marfim que cada um dos grupos erguia, na tentativa de isolar-se da turba, da malta, do povaréu. Decadentes, penumbrietas, nefelibatas são

algumas das designações carinhosas dedicadas a um tipo de poeta que utiliza uma linguagem privativa, tão apurada na erudição ou nas diferenças da linguagem do homem comum, que se torna difícil ao entendimento, a não ser de iniciados, como ele. E é aí que esses iniciados se encastelam em suas torres de marfim e ficam a zombar da humana gente que não lhes alcança as alturas...

O período que transcorre entre o fim do século XIX e o nascimento do Modernismo, quando Dioniso volta a reinar, é marcado por um exacerbado culto à forma, à erudição linguística e à opulência verbal. No Amazonas, pelo menos em alguns autores, esse ranço se estendeu até muito mais tarde, quando o Clube da Madrugada sintonizou nossa produção poética com o que de melhor se fazia então no Brasil.

Nefelibata – o que anda ou vive nas nuvens; literato alambicado que despreza os processos simples. Alambicado – afetado, pretensioso. Os cinco poemas de Genésio Cavalcante que nos chegam às mãos, quatro deles conseguidos pelo incansável Antônio Diniz, pescador de pérolas impossíveis nas profundezas do esquecimento humano, fazem-nos pensar naquele adjetivo. Os poemas são *Anacreonte*, *Hino ao Sono*, *Centauro* e *Anoitecer na Amazônia*, publicados na revista *Redenção*, dirigida por Clóvis Barbosa, em novembro de 1924, e *A Laranjeira*, publicado na primeira revista da Academia Amazonense de Letras, em 1920, transcrito na *Antologia da Cultura Amazônica*, de Carlos Roque, de 1970. Observem na poesia de Genésio Cavalcante a profusão de referências à cultura clássica, grega e latina.

E quando fala da Amazônia é para maldizê-la. Vejamos porque Genésio Cavalcante foi um nefelibata.

#### ANACREONTE

*Tremes? A noite aí vem. No adeus que a alma*  
[*presente,*  
*Um hino à luz! Não tarda, ao longo de teu rosto,*  
*Traço a traço esbater a sombra do desgosto.*  
*Ama! E celebra a um tempo o Amor e o*  
[*adolescente!*

*Goza o instante que passa! E, enquanto ferve o*  
[*mosto,*  
*Rindo, para esplendor e glória do teu poente,*  
*Exalta, inda uma vez, as graças do presente,*  
*Aos deuses bendizendo as horas que hás transposto.*

*Ergue a taça ao prazer! No arroubo em que te*  
[*espelhas,*  
*Os dons da vida frui, de rosa e mirto à frente.*  
*Que te importa o amanhã? Mais vale o nosso*  
[*olvido...*

*Eia! Bebe a Dionísio! Entre zumbir de abelhas*  
*Pulse-te a lira de ouro, e canta, Anacreonte,*  
*Embora o canto saiba ao travo do gemido.*

Anacreonte, poeta grego, do século VI a.C., do qual nos ficaram apenas alguns fragmentos, é tido como autor de poemas leves e agradáveis, dedicados ao amor, de moças e de rapazes, e ao vinho, sem profundidade de paixão. Teria escrito também poemas jocosos e satíricos. O soneto de Genésio Cavalcante evoca o poeta, lembrando-nos o latino Horácio, de cinco

séculos depois, e seu *carpe diem*: “goza o instante que passa”! Genésio, escolado, sabe que aquela alegria é falsa, pois o poeta idealizado, isolado em sua torre, na solidão da noite, para compor hinos de luz, deve empunhar a lira e cantar, “embora o canto saiba o travo do gemido”. Quem canta seus males espanta!

O poema é um primor de técnica: métrica perfeita, profusão de rimas ricas. Mas é só. Falta calor humano ao poema. Ou melhor, falta-lhe humanidade. *Anacreonte* não tem nervos ou músculos ou sangue: é apenas um desenho chapado. E não dói.

#### CENTAURO

*Visão da vida livre ao grande ar impulsiva,*  
*Desencadeando em meio à natureza bruta*  
*Todo o gênio infernal, que um duplo sangue ativa*  
*De beluário e corcel numa perpétua luta.*

*De outras eras te vejo a dúbia alternativa:*  
*– Rins arfantes, ao vento a fulva crina hirsuta*  
*E as mãos rodando a clava; ou na explosão lasciva,*  
*Premendo a gleba; ou triste e a sós, de gruta em*  
[*gruta...*

*Filho de Íxion, do sol bebes o amor de um trago*  
*E, alma ao sonho entreaberta, és a estranha*  
[*harmonia*  
*Que em si traduz o mar e a floresta sombria.*

*Cego instinto, Centauro! Ao teu perfil divago,*  
*E às vezes cuida ouvir de teu peito sangrento,*  
*Sob o relincho, a voz do humano sofrimento.*

O centauro de Genésio, a despeito do rigor formal, tem um grave defeito: uma “fulva crina hirsuta”... Ora, os centauros, filhos de Íxion, ou Ixíon, têm o corpo dividido entre humano, parte superior (tronco, braços e cabeça), e equino, a parte inferior. Não têm crina, portanto.

Mas Genésio Cavalcante vê naqueles seres monstruosos, sempre retratados como vis e violentos, à exceção do doce Quíron, alguma sensibilidade humana. Pena que a “voz do humano sofrimento” seja ouvida sob um relincho... Conclui-se que o centauro de Genésio era invertido: a parte inferior é que era humana; a superior, equina...

O poema *Hino ao Sono* traz nova referência à cultura grega ao citar as Erinias, divindades malélicas, associadas, de forma equivocada, à insônia – mais apropriado seria associá-las aos pesadelos. Mas vou poupá-los do poema porque o sono, essa coisa tão gostosa, é classificado como “filho da noite e irmão gêmeo da morte”, refrão repetido em cada uma das quatro estrofes. “Filho da noite” é uma figura até óbvia. Mas “irmão gêmeo da morte” é de um mau gosto inexcusável. O sono não merece!

#### ANOITECER NA AMAZÔNIA

*É a pompa funeral da tarde. Ao longe pia  
Agoureira acauã. Um sussurro profundo  
Das árvores se espalha, e, do horizonte ao fundo,  
Avulta, fabulosa, a floresta sombria.*

*Como clamor de oceano indômito e iracundo,  
– Dos brejos e lagos à undosa ramaria,  
Uivos, silvos e trons, numa leva erradia  
De súbito a estrugir, rolam de mundo a mundo.*

*Aceso num clarão, brusco o céu se ensanguenta.  
Num lúgubre solau as mil vagas reboando,  
Flamívomo rebrilha o Rio, e espanto é vê-lo.*

*Ouro e púrpura... A tarde agoniza em tormenta...  
E amplas, mudas, sutis, as trevas se adensando,  
– Sinistra, a noite cai no horror de um pesadelo.*

Lindo devia ser o anoitecer na Grécia! Vejam como o poeta carrega a Amazônia de valores negativos: “pompa funeral da tarde”; “agoureira acauã”; “floresta sombria”; “leva erradia”; “o céu se ensanguenta”; “lúgubre solau”; “a tarde agoniza”; “trevas se adensando”; “sinistra, a noite cai”; “no horror de um pesadelo”.

Vejamos agora o quadro desenhado por Genésio. Ele ouve, ainda que longe, o pio da acauã e “um sussurro profundo” se espalhando a partir das árvores, para logo dizer que, no horizonte, avulta a floresta sombria. Será que os sons ouvidos vinham da floresta que ele avistava, longe, no horizonte? A tempestade é descrita em cores vivas e incompreensíveis: “aceso num clarão, brusco o céu se ensanguenta”; “flamívomo (isto é, expelindo chamas, cuspindo fogo) rebrilha o rio”; “ouro e púrpura”. Todas essas cores convergem para as “trevas se adensando”.

O surrealismo, que surgiria na Europa na década de 1920, trabalhava com as imagens

geradas pelo inconsciente, especialmente com os sonhos. Por isso os poemas surrealistas podem parecer ao leitor desavisado incoerentes ou ilógicos. Na verdade, o poema surrealista, filho rebelde do poema simbolista, pede uma leitura a partir dos símbolos que ele traz em si, sendo muito útil para o leitor um conhecimento elementar da psicanálise. A tese de que Genésio seria um surrealista é indefensável; entretanto, do ponto de vista psicanalítico, é claro o seu “complexo de rejeição” pela Amazônia. Freud explicaria...

O poema *A laranjeira* traz uma novidade: é escrito em metros livres. Melhor dizendo, é escrito em metros diversos, o que dá a impressão de versilibrismo, mas não é a mesma coisa. De resto, nos seus exatos cento e trinta versos, temos o bom Genésio de sempre. As palavras inusuais, como rúmuras, cavantina, carnamugas, sequer dicionarizadas. As imagens inusitadas, extravagantes, como “numa cintilação fantástica de orvalhos” ou “névoas dormentes” ou ainda “ao teu farfalho – voz de imenso stradivarius”. As citações a gregos e latinos também são fartas: numa contagem rápida, quarenta e duas, o que dá em média de uma citação clássica a cada três versos! Ouçam:

*Revinde, enlevos meus!*  
*Louras virgens e atletas, quais mais belos,*  
*Tecendo leves rondas, descuidosos,*  
*Voltai ao som de ritornelos*  
*Que amável sátiro indulgente*  
*Na avena rústica floreira.*  
*À tua sombra, oh! laranjeira,*  
*Toucado de teus ramos olorosos,*

*Bailo e descanto como a vez primeira*  
*Descanta e baila um jovem semideus.*

Mais adiante:

*Sob o teu cerne, rediviva*  
*Na plástica pagã de deusa protetora,*  
*Ouço a Hamadriade furtiva*  
*Entoando a boa altriz da força procriadora*  
*Que é, na semente, o arcano e dádiva, no fruto.*  
*Oh! de Tribulo, Ovidio e Anacreonte,*  
*Doces carmes tão vívidos de afetos,*  
*E de Theócrito a imortal camena!*

E o poema é dedicado a uma laranjeira, cabocla talvez... Para concluir:

*De teus ramos tecida uma frágil corda*  
*E dela à verde sombra,*  
*Nostálgico, num sonho benfazejo,*  
*Nero, magoando as cordas do alaúde,*  
*Entre auletos e jovens citaredos,*  
*Choraria a saudade eterna de um desejo...*  
*Ou, lira em punho, à moda dos aedos,*  
*Cantara nobremente a destruição de Roma...*  
*Talvez Antinoo – o válido de exímio*  
*Porte feição escultural, como oferenda*  
*A Febo Didímeo,*  
*Os primeiros anéis da loura coma*  
*Depositasse no teu tronco anoso,*  
*– Ora de sagrado templo...*  
*Decerto Píndaro – o cantor divino*  
*Dos píticos, nemeus e olímpicos concursos –*  
*Se o abrigasse também, incomparável hino*  
*Tê votaria, e em vez da oliveira e do louro,*  
*– Palma dos cantos e dos cursos,*  
*Triunfarias na frente, alternativamente,*  
*De efebos nus e bélicos heróis!*

Nero, um dos homens mais cruéis, um dos assassinos mais implacáveis de toda a história da humanidade, no poema de Genésio vira um cantor melancólico, a magoar as cordas do alaúde, chorando a saudade eterna de um desejo e cantando nobremente... A destruição de Roma... Nefelibata Genésio!

Esgotado o estoque disponível dos poemas de Genésio Cavalcante, parece-nos bastante compreensível, a partir dessa pálida amostra, o esquecimento de seu nome nas principais antologias da poesia amazonense. Mas devemos admitir ser bastante possível, que o autor, amadurecido, tenha afinado as cordas da sua lira. Afinal, os poemas analisados datam de quando o autor tinha, no máximo, 33 anos. Será que um dia saberemos disso? O livro *Oiro e Cinzas*, reunião de seus poemas, muito provavelmente está perdido. É certo que jamais foi publicado.

Lamentavelmente, o que sobrou da poesia de Genésio Cavalcante não nos permite nenhuma generosidade. De qualquer forma, a glória acadêmica o traz de volta à luz – e o mostra não como um ser à parte, mas como parte representativa de um todo que era a poesia praticada pelos fundadores da nossa querida Academia Amazonense de Letras.

### O LIVRO NÃO EDITADO<sup>3</sup>

Assiste razão ao eminente Acadêmico Zemaria Pinto quando, na conclusão de seu trabalho, afirma que O livro *Oiro e Cinzas*, reunião dos poemas de Genésio Cavalcante, muito

provavelmente está perdido. É certo que jamais foi publicado.

Além da insistente procura desse livro, por queridos amigos que percorreram e não o encontraram nas bibliotecas públicas do Estado, do município de Manaus e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, também localizei em *Sombras e Reflexos*, de Aristophano Antony, a afirmativa de que *O seu – dele, Genésio – Oiro e Cinzas*, que ficou inédito”... – (pág. 126).

Mas o nosso sempre inesquecível mestre Aristophano Antony, a quem conheci de perto e por quem nutri grande admiração, tece os mais enaltecidos elogios à poesia daquele que com ele convivera nesta Casa, exatamente no momento da posse do Acadêmico Moacyr Rosas, que, então, sucedia a Genésio Cavalcante, assim:

*...eu, do meu lugar, olhava para os acadêmicos já extintos, cujos retratos pendem, um a um, das paredes do nosso salão nobre. Os mais antigos, que conheci na minha mocidade, sempre mereceram, para mim, conceito enaltecedor. Os mais novos, muitos dos quais privaram da minha intimidade, ainda continuam no meu coração. E enquanto lanceava o olhar pela galeria desses homens que tanto souberam enaltecer e dignificar a literatura, meu pensamento se fixou, por instantes, na moldura que ostenta, bem nítidos, os traços fisionômicos do poeta de Oiro e Cinzas.*

• • •

3. DESTE PONTO EM DIANTE, SEGUIE O TEXTO DO ACADÊMICO ARMANDO DE MENEZES.

*Genésio Cavalcante está perfeito, com a sua tez bronzeada, as suas invariáveis lentes de míope, a sua cabeleira negra de caboclo nortista. Lembrei-me, então, mais demoradamente, da sua vida, dos seus versos, evocando daquela episódios sentimentais e, destes, estrofes bem ritmadas. Na sua postura impecável, era como se estivéssemos, eu e ele, naquela hora, o que tantas vezes fizemos, trocando impressões às vezes desordenadas, sobre homens e livros. Dir-se-ia mesmo que aquela inteligência fulgurante estava atenta às palavras do seu fascinante sucessor... – (pág. 123).*

#### A MAGISTRATURA E FINAL DE VIDA

Mestre Aristophano também faz-nos revelação, que consegui confirmar por intermédio da memória prodigiosa de Oyama Ituassú, quando afirma, sempre com elogios à sua poesia:

“O Juizado de Direito que ocupava era, somente, o meio pelo qual conseguia o pão de cada dia”. – (pág. 125), sendo que essa atividade, na magistratura, ele a exercera, segundo Oyama, no Pará, para onde se mudara.

Para mais adiante, ainda mestre Aristophano, após detalhar o alheamento do poeta pelas coisas terrenas, conclui:

*Já no dealbar da sua vida tormentosa, que a incompreensão dos nulos fazia aumentar no jour le jour das dificuldades materiais que tanto o atribulavam, crivando-o de desesperos mudos, Genésio Cavalcante quase nada produzia. Preferia o silêncio, à algaravia das turbas. Isolara-se*

*completamente, buscando apenas a convivência de poucos amigos. Nesse estado, foi que o avistei à última vez em que nos vimos. Genésio Cavalcante deu-me a impressão de um espectro, que se olhava a si próprio, intimamente, e intimamente aguardava o instante definitivo da sua passagem pela terra.*

– *Pobre Genésio! Já não cantava o poeta. Emudecera a sua lira. Mas os seus versos ainda se ouvem, pairando no ar, em notas dolentes e sentidas, na musicalidade do seu ritmo embalador.* – (pág. 126).

#### GENÉSIO CAVALCANTE – O JORNALISTA

Não foi somente poeta e magistrado, Genésio Cavalcante também atuara como jornalista, profissão em que pontificou, com garlhadia, na imprensa paraense.

Agasalho, neste espaço, uma sua crônica/ entrevista, de 1.º de julho de 1931, publicada no *Diário do Povo*, de Belém, com a qual homenageia Araújo Filho, de passagem pela capital paraense, em trânsito para Manaus, intitulada *Boa-noite, mestre!*

Antes, informo sobre quem foi Araújo Filho. Francisco Pedro de Araújo Filho, pernambucano nascido a 9 de setembro de 1870, diplomado em direito pela Faculdade de Direito do Recife, chegando em Manaus a 6 de janeiro de 1906.

Foi professor universitário, político e jornalista. Fundador da Academia Amazonense de Letras

a 1.º de janeiro de 1918, foi tribuno dos mais admiráveis, com atuação destacada no Tribunal do Júri.

Foi, pois, a respeito desse respeitável homem público que Genésio Cavalcante publicou *Boa-noite, mestre!*, crônica/entrevista, que a Academia Amazonense de Letras fez reeditar na sua Revista n.º 15, de dezembro de 1970, às páginas 99 a 102, e na qual o jornalismo mescla-se com a poesia, e de cujo teor destaco as passagens que seguem.

“A última vez que nos vimos! Linda tarde aquela de sábado...

– *Araújo Filho*

– *Poeta amigo!*

*Abraçamo-nos com o mesmo desprendimento e afetuosidade de outros tempos. Foi num bar da rua João Alfredo. Lá fora, uma apoteose de maio, toda de esplendores e alegria de viver.*

*Inteiramente à margem da Belém trepidante de hoje, abancamos-nos a um canto e pedimos café. Ao começo, hesitante, aventurei qualquer coisa sensaborona sobre a Revolução, sobre o espírito renovador de Oswaldo Aranha, a diretriz do Governo Provisório e, sobretudo, o seu papel como presidente da Junta de Sindicância no Amazonas.*

– *Aí vens com este disco roufenho da Revolução. Isto é bom para vocês moços que ainda sonham com um regime de maravilhas. Deem-se por felizes, seguindo as pegadas do velho Ruy, e não há melhor padrão de sabedoria que os seus ensinamentos. Mirem-se nos atos, decretos,*

*regulamentos e, principalmente, na Constituição da velha República. Que mentalidades as de 89! Havia altruísmo e abnegação. Mormente cultura. Onde, porém, iremos assim? Cochichando-me decepções e casos amargos:*

– *Não, mudemos de assunto. A alegria é a maior dádiva que os deuses nos legaram. Como vai a musa?*

– *Musa nestes tempos de libra a oitenta? Eh! Garçon, um vermutezinho francês com italiano. Olha, e charutos! Para este senhor, outra dose de café. Pobre musa... É assim, seu Araújo, só tolero o estrangeiro em líquido e com muito gelo.*

– *Vejo que estás um derrotista, ou cousa que o valha”.*

E depois de divagar, em pensamento interpretativo, Araújo Filho insiste:

– *Dize, então, alguns versos teus.*

– *Eu, como a maioria dos que se dizem poetas nacionais, ainda oscilo entre as choramingas de Casimiro, os bigodes postiços de Alberto de Oliveira e os ignóbeis sacis-pererês de uma caricata brasilidade. Deus me livre!*

– *Tens razão. De todos os momentos de intensa atividade prática é que têm saído as obras do verdadeiro mérito, porque estas traduzem um alto cunho de humanidade, não se restringindo ao egoísmo, à fraqueza de uma fantasia sem repercussão... ou pior ainda, de uma fantasia avinhada que se travestiu imbecilmente de boémia para ir morrendo à mingua... esquecida de tudo... sem consolo... como tu... eu... e tantos outros...*

*Olhei-o, com sobressalto. Pela primeira vez notei a voz surda e estertorante, e atentei, suspenso, para aquela fisionomia escaveirada, estranha, de tons verde-negro, onde através da luneta dois olhos se revolviavam febris, numa inquietação de quem vai ter uma dispneia. E as mãos lívidas, trêmulas, enclavinadas em garras, desvairadamente como a arrancar do peito, ofegante outras mãos invisíveis que o estrangulavam...*

*– Araújo! Araújo! Então, meu velho, que é isto? Olha já pedi um automóvel e telefonei ao médico. Vamos embora.*

*Pálido enxugando ora os lábios, ora o suor do rosto!:*

*– Você parece uma criança. Que automóvel!... não, não valia a pena. Era uma crise de momento. Já havia passado e, demais, estava muito bem ali. O médico aconselhara-lhe repouso, mas ele não era para apodrecer sozinho entre quatro paredes de hotel. E estendendo-me o pulso: – Veja, poeta. É verdade que isto aqui por dentro está desandando como relógio doido. Bem disse o Adriano!... E depois de algum tempo: Sabes? volto ao Amazonas. É pressentimento que me leva. Além disso sempre gostei daquela terra... Nos últimos tempos com a crise, a revolução e o despovoamento, tinha a impressão de que Manaus era como uma grande casa onde houvesse morrido alguém e a gente andasse na ponta dos pés, tal o silêncio, o abandono, a tristeza...*

*– Manaus, – já o disse o grande Euclides, – há uma onomatopeia complicada e sinistra nesta palavra feita de toar melancólico dos barés e da tristeza incrível do Bárbaro.*

*– Pois olha, para mim este nome, caro entre os mais caros, como um símbolo de ouro, evocará sempre uma mocidade imperecível, ávida de beleza, pródiga de fortunas e acolhedoras de todos os desprotegidos da sorte. Manaus!... E depois de alguns minutos, atentando-me: Estás mudado, poeta.*

*Mostrei-lhe a minha cabeça encanecida e o rosto vincado de rugas. Diabo era a algibeira das Danaides...*

*– Então, que era deste juizado?...*

*– Um sonho de uma noite de verão, como na peça de Shakespeare. Acendi o charuto. Em torno de nós, nas bancas vizinhas, mulheres elegantes e rapazes bebiam rindo, contando histórias num tilintar de copos. De súbito, no meio daquela algazarra, dominando a atmosfera carregada de perfumes perversos e tóxicos, vibrou a eletrola numa rapsódia húngara. O mais nostálgico canto de amor, de tristeza, e de volúpia que se pode ouvir. Tudo isso como se desprendesse de corações mui repletos para conter tanta pena. Na nossa mesa de bar, por momentos, como que toda a nostalgia do mundo se debruçou, recolhida naqueles dois frangalhos da vida, que éramos nós, quedos, mudos, extáticos...*

*Prestígio da música? Bem possível um reflexo de estado mórbido.*

*Tempo em que o Amazonas, região do ouro-negro, atraente como o Eldorado das lendas. Repleta de forasteiros de todos os quadrantes do universo, fácil de negociantes e de ouropéis, atordoante de diversões, voragem de crimes e*

de loucuras, antro de batotas e de amores inconfessáveis, magnífica de orgias babilônicas, Manaus sob o governo dos irmãos Nery, do cel. Afonso e do velho Bittencourt, ali está noite e dia resplandecendo como faustosa Bagdad ou Damasco das mil e uma noites. Quantos terão a felicidade de uma lâmpada maravilhosa? Ei-las as cortezãs esplêndidas acendendo cigarrilhas com pelegas de quinhentos e paroaras broncos que ainda há pouco aportaram do Sul em 3.<sup>a</sup> classe, ostentando boladas gordas e brilhantes de cinquenta contos! Os caucheiros têm a elegância de um José Duarte, de um Porfirio Nogueira ou de um Teixeira, como dantes autênticos do Picadilly ou dos Boulevards parisienses, e arruinaram-se no pano verde ou por um capricho de amante com o desembaraço de grãos senhores. Coelho Cavalcante – o Barafunda, assassina com epigramas – Shootz constrói o palácio Rio Negro para noitadas de estúrdias. Todas essas caras que ali passam eu as conheço e falam-me com intimidade.

E em seguimento, como fecho de ouro da crônica/entrevista, Genésio Cavalcante dá destaque à suntuosidade de que era revestida a personalidade de Araújo Filho.

– Um vulto de rapaz desempenado, moreno, dá realce àquela intelectualidade de bacharéis, médicos e homens de letras, onde brilham os nomes de Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Manoel de Bittencourt, José Maria, Maranhão Sobrinho, Th. Vaz, Theodoro Rodrigues, Alberto Rangel, Carlos de Vasconcelos, Jorge de Moraes, Carlos D. Fernandes, Gilberto Saboya, Péricles, Abel Garcia, Câmara, Gaspar Guimarães, Sá Peixoto, João Barreto de

Menezes, Lopes Gonçalves, Paulo de Lacerda, Mangabeira, Aníbal Teófilo e outros. É o Dr. Francisco Pedro de Araújo Filho. Viera do Recife. Depois do júri Saldanha – Bentevi, firma-se a auréola do seu talento. Ao escritório afluem as causas mais diversas e rendosas. É o triunfo. Dinheiro a jorros. Todas as portas se lhe abrem até a política. Filósofo e criminalista, é um versado em todos os ramos do pensamento. Ao trato afável junta a sutileza do esteta. Ama a eloquência. Envolto na beca do causídico e pelos gestos comedidos acentuando as ideias claras, dá a impressão que em outras idades frequentou o recinto de Ágora ou contemporâneo de Cícero, pleiteou no Fórum... Mendaz fortuna! Sucedem-se os governos de Bacelar, Rêgo Monteiro, a intervenção, Efigênio Sales, Dorval... Outros tempos, outra gente. Desapareceram as grandes firmas. Crise da borracha. Amazonas, na debacle. Ramalho Júnior reduzido a revisor de um jornal, e Regalado Batista, para não morrer de fome, vende os livros...

*Ingratidões e amarugens da vida dão-lhe, também, outra expressão à frente embaciada. Pobre Araújo! Qualquer cousa enigmática daquela máscara do velho fauno que Miguel Ângelo, adolescente, reproduziu nos jardins de Lourenço – o magnífico. Suas palavras ressumbram ironia e piedade, à maneira de um epicurista decrépito. Indiferença pelos homens e paixões. Sob estímulos constantes, ora de Péricles Moraes, ora de Waldemar Pedrosa, por vezes retorna-lhe a eloquência dos dias áureos, e ei-lo de novo, na campanha civilista, na recepção ao interventor Alfredo Sá ou na defesa dos revoltosos de 24! Um braseiro que logo se extingue. Ainda assim*

*ao longo do XPTO, no Pavilhão e na Bolsa, dá consultas ou ditações a advogados madraços, que o exploram com rodadas de chopps e farras em Flores. Mas aproxima-se o fim. Sobrevêm-lhe pesadelos com intervalos de neurastenia. A própria voz amortece. Solidão, velhice, desespero...*

– *Acorda homem! Estavas, mesmo, dormindo?*

– *Que, eu? Que horas são? Fez-me mal essa rapsódia...*

– *Sabes, poeta, embarco hoje mesmo, no Santos, para Manaus.*

Erguemo-nos. Anoitecia. Por muito tempo abracei-o em silêncio e afinal, como quem se debruça sobre um túmulo querido:

– Boa-noite, Mestre!

Com este rico depoimento sobre Araújo Filho encerro a palestra que, quando editada, irá melhor servir para o conhecimento do poeta Genésio Cavalcante, um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras e patrono da Cadeira 14.

Contudo, ao fazê-lo manifesto, outra vez, agradecimentos aos que muito contribuíram na busca de informação sobre Genésio Cavalcante, principalmente à Marita Monteiro e ao coronel Roberto Mendonça, ilustres confrades do IGHA, ao amigo Antônio Diniz e aos amados amigos/irmãos Almir Diniz e Zemaria Pinto, eminentes membros desta Casa.

ODILON LIMA



• *Demosthenes Carminé*<sup>1</sup>

A efervescência intelectual na história da humanidade, os avanços da ciência, de tecnologia e de medicina, acarretaram enormes consequências para as vidas objetiva e subjetiva de homens e mulheres da civilização ocidental. A revolução industrial, a urbanização e as novas formas complexas da vida social, incluindo o crescimento de uma substancial classe média, expandiram a gama das diversas personalidades humanas, afetando fortemente os relacionamentos interpessoais e sexuais da população mundial, aumentando a responsabilidade dos cientistas e demais interessados nas várias áreas do saber universal.

Neste contexto, várias descobertas foram empreendidas e visualizadas a partir das experiências de Leeuwenhoek, que passou a observar vida microscópica de unicelulares, bactérias e protozoários, os quais chamou de animalzinhos. Estudou, também, a estrutura de diversos tecidos de organismos multicelulares, deixando para Pasteur em 1868, século XIX, efetiva prova que aqueles microrganismos, observados por Leeuwenhoek, poderiam ser os

responsáveis por graves enfermidades com as quais eram acometidos homens e animais.

Robert Koch anunciava à sociedade médica de Berlim, que havia conseguido cultivar um tipo de organismo vivo, acreditando ser ele o responsável por todas as formas de tuberculose, consagrando-se Nobel de Medicina em 1905. Com todas essas descobertas, o mundo anunciava através dos intelectuais de todas as áreas do saber, incluindo a literatura, que estava acontecendo um grande rebuliço e o ponto de partida para as grandes transformações na vida dos seres, quer animais, vegetais ou minerais, mudando comportamentos, como também a forma de perceber e pensar a realidade.

Havia, portanto, no final do século XIX, um chamamento aos “homens de letras”,



1. FILÓSOFO E ENSAÍSTA, OCUPA A CADEIRA N.º 17, DE FRANCISCO DE CASTRO. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 29 DE ABRIL DE 2006.

acompanhado da proposta de reformulação do conhecimento, entrando em cena Husserl, na Filosofia, e Freud, na Psicanálise, como responsáveis pela mudança do curso da História, que a “passos largos” se caminhava para grandes transformações no mundo. Observa-se que o avanço tecnológico deslizava como um rio, procurando ramificações e afluentes, em todos os quadrantes do universo, despertando aqueles que seriam os responsáveis pela divulgação dos empreendimentos dos cientistas, no caso, os intelectuais da palavra falada e escrita, para através de suas obras mostrarem aos estudiosos o que estava acontecendo de excepcional com a humanidade e a possível concretização do ideal pretendido, ou seja, a conquista da boa qualidade de vida e melhor adaptação do homem à situação vigente.

Por tudo isso, conclui-se que a intelectualidade mundial formava a classe privilegiada, responsabilizada pelo avanço tecnológico e pela salvação médico-social, por milhares de vida em todo o planeta, sem distinção de credo, raça ou cidadania. A intelectualidade brasileira formava uma expressiva classe, que seria também capaz de ocupar cargos públicos, oferecendo com suas competências informações seguras e eficientes para todos que desconheciam, neste país continental, a trama da vida, porque estavam alienados em nível de consciência e atitudes, no chamado senso comum, sinalizando, com tal comportamento, para a necessidade de se fazer criar ambientes diferenciados e propícios para encontros fraternos e empreendedores, onde fossem discutidos temas necessários e

importantes à formação e esclarecimento saudável para que essa população pudesse apreender, com competência e segurança, assuntos universalizados sobre as ciências: médica, jurídica, social, humana e demais assuntos relacionados à organização da sociedade e a boa qualidade de vida que ela poderia oferecer à população do Brasil em sua totalidade, sem desmerecer a nenhum Estado da Federação brasileira.

No Amazonas, dada as condições indigentes em que vivia a população manauense, no início do século xx, onde o fausto privilegiava uma classe minoritária, carecendo de produção intelectual que fomentasse procedimentos seguros, oferecendo para este povo um entendimento melhor, no que diz respeito ao entretenimento e lazer, melhorando sua capacidade de pensar, agir e sonhar, por meio das obras de arte que na literatura, na poesia, na crônica, na prosa, nos trabalhos científico-filosóficos e demais produções intelectuais, pois havia a carência de produção de saberes, bem como informações precisas em relação ao que estava acontecendo em outros lugares, mesmo porque nossa região, por estar situada longe dos grandes centros, o fluxo existencial era precário pela falta de instituições adequadas, que pudessem incentivar e acompanhar o que estava acontecendo nos centros mais desenvolvidos do país.

Embora já existisse a efêmera precária Universalidade Livre de Manaus, nosso Estado carecia de sustentação maior para o ensino, e a população dos nativos da terra era pequena e recatada, vivendo do “ouvir falar” nos grandes

vultos da história e da literatura nacional; tomando conhecimento, através dos poucos jornais da época, de movimentos relacionados à vida artística como, por exemplo, Primeira Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo, quando comentavam sobre Cecília Meireles dizendo: ela é jovem, bela e muito talentosa e que havia lançado o livro “Espectros”, aos 18 anos de idade.

Comentavam, também, que a literatura brasileira estava feliz, porque uma estreante na arte de escrever, que despertou cedo para as letras, pois ainda criança, brincava com livros e imaginava-os cheios de vozes e vida.

Os jornais de 1918 falavam sobre a Academia Brasileira, comentado sobre os “imortais” que ocupavam aquele “templo das letras”, enaltecendo as virtudes literárias de Manuel Bandeira, poeta da linguagem nada convencional, empregando em suas poesias versos soltos e leves; parecendo que Bandeira pretendia mudar os rumos da literatura brasileira. Manuel Bandeira lançava na ocasião “Carnaval” e “As Cinzas das Horas”.

Era notícia também naquela época de efervescência cultural o romancista Lima Barreto, grande escritor e ensaísta, criando personagens de relato biográfico, com agudas reflexões sobre a existência humana e as mazelas da sociedade brasileira de então. Em dois anos, Lima Barreto escreveu “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, em 1909, e o excelente “Triste fim de Policarpo Quaresma”, em 1911.

Apesar da fase soturna da Primeira Grande Guerra, os modernistas urinavam a arte pelo avesso e, no comando de Osvaldo de Andrade, diziam “da libertação do nosso espírito sairá a arte vitoriosa”. No programa da descantada “Semana de Arte Moderna” em São Paulo de 1922 a plateia ouvia música de Heitor Villa-Lobo, poemas de Manoel Bandeira, textos de Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Plínio Salgado, visitava a exposição de quadros de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, e tudo de especial que podia ser apresentado à população de São Paulo e do Rio de Janeiro naquela eclosão de intelectualidade e que experimentava o Brasil no início do século XX.

O Estado do Amazonas e em situação particular Manaus, não ficará à margem desse movimento alardeado pela cultura nacional e, com excepcional tendência para estudos sobre ciência e filosofia, o manauense engajou-se às propostas do pessoal do Sudeste e Centro-Oeste e, com espírito empreendedor e dinâmico, elaborou um projeto que sinalizava para a fundação de uma academia de letras, muito embora não contasse na ocasião com uma classe culta que pudesse estabelecer um parâmetro com os grandes centros desta nação brasileira.

Mas acreditando no seu potencial cognoscível e empreendedor, juntado aos intelectuais que permeavam nossa cultura, advindos de outros Estados, principalmente no Nordeste, foi possível fundar a Academia Amazonense de Letras, formando fileira com Thaumaturgo Vaz, Carlos de Araújo Lima, Jorge de Moraes, Huascar de Figueiredo, Nunes Pereira e outros.

Na leva desses intelectuais que aportaram em nossa cidade, advindos de outras plagas, chegou até nós o alagoano Odilon Valeriano de Lima, nascido no município de Viçosa no dia 25 de abril de 1897, filho de José Valeriano de Lima. Atraído, como tantos outros intelectuais do mundo, pelo fascínio da selva e do fausto amazônico, que marcava o início do século XX, estava entre nós o filólogo, advogado e escritor Odilon Lima, que foi convidado pela Academia Amazonense de Letras, por seu intermédio para prestar esclarecimento sobre sua contribuição para o enriquecimento e aprimoramento cultural do nosso povo, conquistando de imediato o amazonense, que o credenciou a ocupar um lugar de destaque junto à comunidade literária do Amazonas.

Com efeito, Odilon Lima, juntando-se ao pessoal “letrado” de nossa terra, respondeu, como os demais fundadores deste silogeu, o pré-requisito exigido à época por todos aqueles que pretendessem destacar-se nos meios intelectuais da Manaus culta da década de 20 do século passado.

Odilon foi fundador da poltrona 20 cujo patrono era Sílvio Romero, transformada mais tarde em cadeira 4, permanecendo, contudo, com o mesmo patrono até hoje.

Além do currículo apresentado no qual fora tomado conhecimento de sua profissão de advogado, Odilon Lima durante muitos anos atuou com desenvoltura na imprensa de Manaus e do Rio de Janeiro, pelas qualidades jornalísticas e por ser versado em gramática e filologia, merecedor, portanto, de destaque no

meio acadêmico e educacional deste Estado, que carecia de aprimoramento para seus filhos, transformando-os em homens ilustres, concorrentes no mesmo grau saber, com os brasileiros de outros centros culturais da nação, como futuros cidadãos, participantes das transformações que estavam acontecendo num mundo do final do século XIX e início do século XX.

Embora nascido no Estado de Alagoas, sua juventude foi passada no Estado do Amazonas, onde nas rodas intelectuais teve amigos como Benjamin Lima, Aurélio Pinheiro, Raimundo Moraes e outros escritores do mesmo quilate.

Odilon Lima, segundo relato do escritor Luís Antônio Pimentel, que o conheceu na intimidade, era casado e pai de três filhos: Renato, Lenira e Mário.

Com a reforma dos estatutos da Academia Amazonense de Letras, aprovada em 1946, Odilon Lima, que fora transferido alguns anos antes da aprovação deste novo estatuto, passou para a categoria de sócio correspondente, vez que se encontrava residindo no antigo Estado do Rio de Janeiro, em caráter definitivo, fazendo carreira política em Niterói.

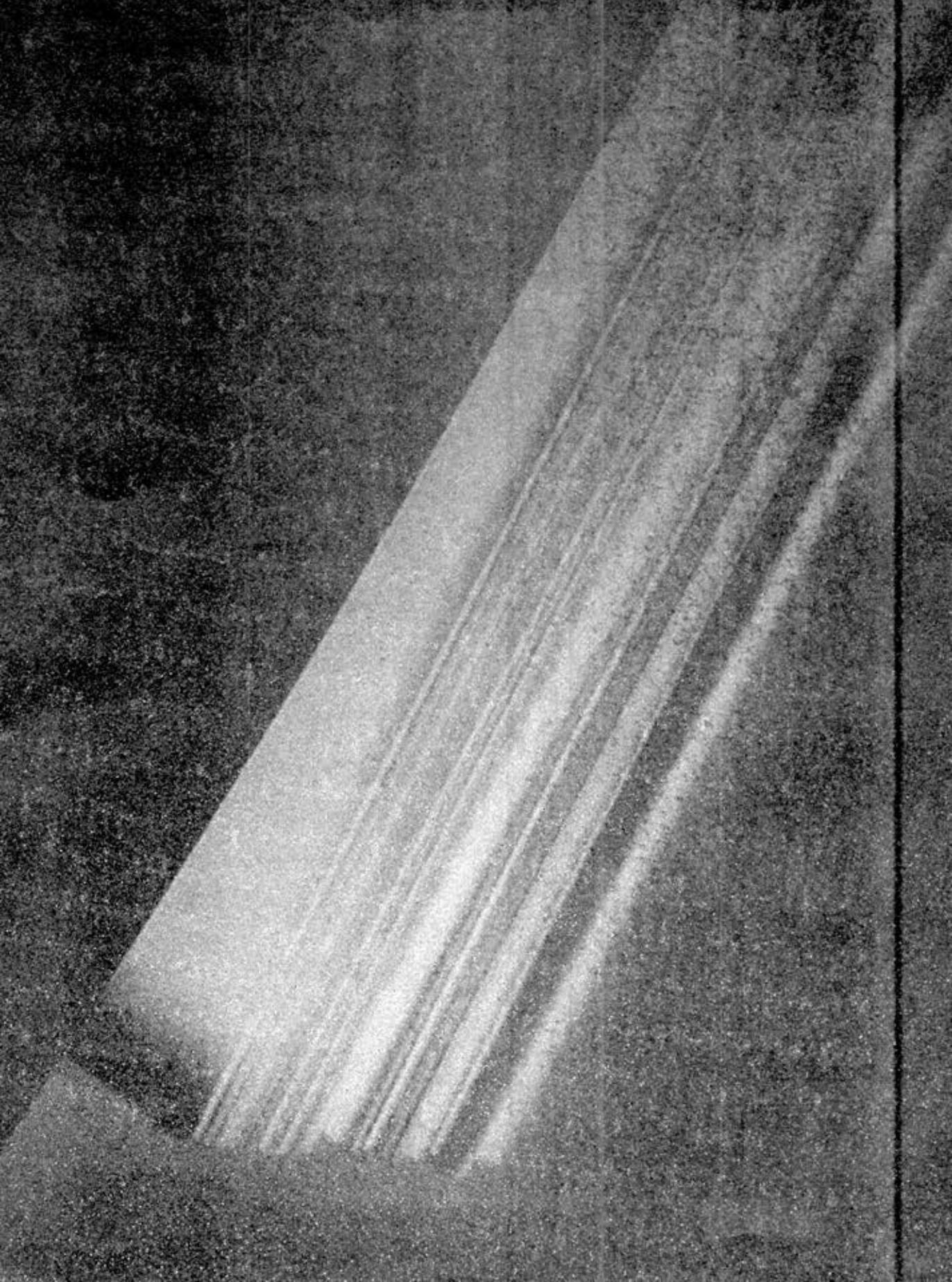
Residindo em Niterói, colaborou com vários jornais e revistas daquela cidade, fazendo crítica aos comentados fatos históricos, principalmente no “O Fluminense” e na “A Tribuna” e, no governo do marechal Paulo Torres, trabalhou como secretário particular do titular da Administração, Mário Braga.

De acordo com o professor Luís Pimentel, Odilon teria trazido de Manaus um livro intitulado “Desterro”, escrito por Humberto Saraiva, tendo como prefaciador e comentarista da citada obra o jornalista Odilon Lima.

Em uma nota do editor Luís Antônio Pimentel, para a coluna “Artes Fluminenses”, foi comunicada à intelectualidade, em especial para o Estado do Rio de Janeiro, a morte de Odilon Lima. Diz a nota: “Faleceu quinta-feira, dia 11, as primeiras horas da madrugada, o consagrado jornalista, historiador e crítico literário Odilon Lima, há muitos anos radicado em Niterói, onde passou metade de sua existência”.

Nesta cidade, escreveu para vários jornais e revistas, quase sempre fazendo crítica aos comentados fatos históricos, principalmente no “O Fluminense” e no jornal “A Tribuna”.

Depois da morte de Odilon Lima o sucederam na cadeira 4 Alfredo da Matta, Áderson Andrade de Menezes e o atual ocupante, Newton Sabbá Guimarães, que reside, atualmente, em Florianópolis, Estado de Santa Catarina.



## VIRGÍLIO BARBOSA



• *Francisco Gomes da Silva*<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Dentre os muitos feitos administrativos do honrado e culto presidente Elson Farias, o presente ciclo de palestras cumpre à risca a sua finalidade: tornar conhecidos dos amazonenses os anais da nossa Academia de Letras. Ao expor a história da Casa de Péricles Moraes e os fatos relativos à vida e obra dos que a fundaram, o evento em suma oportuniza um debate sobre o processo de criação e difusão cultural do Amazonas. Finalmente, estabelece a interação entre instituição e público externo e enseja o adensamento dos nossos arquivos, favorecendo a colheita de material por pesquisadores que eventualmente quiserem deles se socorrer.

Após essas preliminares, peço licença para apresentar minhas considerações sobre o professor e jurista Virgílio Barbosa, primeiro ocupante da Cadeira n.º 27, patrocinada por Tavares Bastos, antiga 28, cujo patrono inicial foi Lafayette Pereira. Virgílio fez parte do grupo de intelectuais de projeção nas letras,

jornalismo, política e ciências que em 1.º de janeiro de 1918 fundou a Academia Amazonense de Letras, corporação criada à feição das academias francesa e brasileira para o cuidado da língua e o formato da literatura, desde logo caracterizada por designar patronos para suas cadeiras, inicialmente em número de 30.

A Cadeira a que nos reportamos foi sucessivamente ocupada, além de Virgílio Barbosa, pelo tabelião Washington César de Mello, pelo poeta e ensaísta Antísthenes de Oliveira Pinto e pelo poeta e dramaturgo José Maria Pinto de Figueiredo, por feliz coincidência o diligente coordenador deste ciclo de palestras. Acresce que a eleição e posse do acadêmico Washington de Mello tiveram respaldo na reforma estatutária de 1946, porque ao se mudar para o Rio de Janeiro seu antecessor, Virgílio Barbosa, foi transferido

• • •

1. HISTORIADOR, OCUPA A CADEIRA N.º 20, DE JOÃO RIBEIRO. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 6 DE MAIO DE 2006.

para membro correspondente. Por outro lado, quando da vacância por morte de Washington de Mello, o designado para sucedê-lo, magistrado João Pereira Machado Júnior, por razões desconhecidas, jamais tomara posse e, só depois de muitos anos de sua eleição, foi escolhido e empossado o penúltimo ocupante dessa Cadeira, Antísthenes Pinto.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Decretada a República, a Constituição Federal de 1891 transformou o Brasil em uma federação. Cada Estado, substituto de província, com governo autônomo, promulgaria a própria Constituição e assim teria poderes extensivos – eleger seus dirigentes, votar orçamentos, contrair empréstimos externos, arrecadar impostos e manter milícia própria. Entretanto, o poder político agora claramente ficaria em mãos das oligarquias dos Estados membros principais. A exigência de propriedade para votar foi abolida, mas os analfabetos e as mulheres ainda estavam excluídos do processo eleitoral.

No início da década de 1900, a vasta maioria dos brasileiros vivia em áreas costeiras e o interior distante e menos povoado era pouco visitado. A guerra de extermínio em Canudos, descrita por Euclides, que a imortalizou em seu livro “Os Sertões” (1902), despertou a curiosidade nacional diante do abismo existente entre a classe política e as massas negligenciadas dos groões do país.

Os índios, que haviam sido assimilados, aniquilados ou empurrados para além das margens dos assentamentos portugueses, eram agora uma figura exótica para a maioria dos brasileiros. Reapareceriam no pensamento oficial no início do século XX pelos esforços de Cândido Rondon.

A explosão da produção cafeeira, que causara na economia brasileira o *boom* de meados do século anterior, tornou-se uma empreitada arriscada no início do século XX, quando o mercado mundial do café teve um excedente, sobretudo por causa da superprodução brasileira. Os ganhos com a exportação do produto declinaram com as quedas do preço no setor, gerando uma grave crise que obrigou a intervenção governamental.

O Brasil vinha criando uma indústria para consumo interno, em pequena escala, desde o início do século XIX. Sabão, materiais de construção e bebidas eram exemplos básicos. Uma outra área para industrialização inicial eram os têxteis, pois o equipamento necessário era relativamente barato para importar. Por muitos anos a maior parte das mercadorias e produtos de tecnologia intensiva – trilhos para ferrovias, locomotivas, turbinas e artilharia – continuou a vir do exterior, paga com os ganhos da exportação, principalmente de café e de borracha natural. A energia elétrica necessária para o setor industrial continuava sendo fornecida por firmas estrangeiras.

Os proprietários brasileiros, como seus equivalentes capitalistas de outras partes do mundo, enfrentavam a necessidade de impor

disciplina aos trabalhadores, desde 1880, já organizados em sindicatos, principalmente nos setores portuários e de ferrovias. Não por acaso essas organizações trabalhistas emergiam ao mesmo tempo da chegada ao Brasil de trabalhadores imigrantes que tinham experiência sindicalista na Espanha e na Itália.

Todavia, quaisquer deles que desafiassem os padrões eram sumariamente despedidos de seus empregos. Os empregadores rotineiramente faziam uma lista negra com os organizadores trabalhistas e forneciam seus nomes a outros empregadores. Ademais, as táticas policiais contra grevistas eram muito duras. Quando, por exemplo, em 1906 trabalhadores paulistas do ramo elétrico entraram em greve para protestar contra cortes em seus salários, foram duramente reprimidos com torturas e prisões.

O brasilianista norte-americano Thomas Skidmore, ao tratar das tensões econômicas que sacudiram o Brasil na virada do século XIX para o século XX, afirma que no período nosso país teve problemas com seus ganhos com exportações primárias de café e borracha natural:

“Os ganhos com o café haviam se tornado incertos quando houve um excedente no mercado mundial. A resposta do Brasil, manter parte de sua produção fora do mercado, teve êxito apenas em parte. Embora a estratégia fizesse sentido na teoria, tinha dois defeitos. Primeiro, mantendo os preços altos atraía outros produtores de café, especialmente das américas do Sul e Central, para o mercado. Segundo, os lucros eram desviados, boa parte

indo para os corretores de café baseados fora do Brasil e outro tanto para os banqueiros e o Governo Federal. Os problemas brasileiros com seu monopólio da borracha eram de um outro tipo. A borracha era um produto único das enormes árvores da floresta amazônica. Havia uma intensa demanda para a fabricação de pneus para o número em rápido crescimento de veículos de combustão interna na Europa e nos Estados Unidos. Entre 1900 e 1910, o Brasil era o único exportador do mundo de borracha natural, mas perdeu seu monopólio sobre essa exportação quando os ingleses e holandeses plantaram suas próprias seringueiras nas Índias Orientais. Um aventureiro inglês em busca de publicidade, Henry Wickham, mais tarde afirmou ter ‘contrabandeado’ um carregamento de sementes de seringueiras brasileiras, entregando-as para plantadores ingleses. De todo modo, o domínio do Brasil sobre o mercado mundial de borracha estava rompido” (cf. esse autor, In: “Uma história do Brasil”, pág. 126, Rio de Janeiro, 2000).

Na mesma direção segue o historiador amazonense e outrora acadêmico Agnello Bittencourt, afirmando:

*A indústria extrativa da goma elástica tornou-se (...) a quase exclusiva fonte de vida comercial do Amazonas. Sua produção, sempre crescente, como crescente a sua valorização, fizeram deste Estado um centro de grandes negócios, base dessa prosperidade que transformou Manaus, de obscura, em magnífica, enquanto durou a porfiada procura do ouro negro pelos países em que se fundou e desenvolveu sua manufatura.*

E prossegue:

*O ano de 1910 assinalou o apogeu da cotação da goma elástica, pois que, em certa ocasião, cada quilograma foi pago a 175000! Provocou o delírio da especulação. Uma onda imigratória invadiu todos os recantos do Amazonas, ávida de recolher a maior porção desse produto. Nesse ano 50.000 pessoas entraram no porto de Manaus, destinadas, na sua maioria, ao interior, para o trabalho da extração. Nos certames da borracha, levados a efeito em Londres, Nova York, Rio de Janeiro, Manaus, etc., o Amazonas primou pela quantidade e brilhou pela qualidade de suas amostras, desprezando a ameaça da concorrência, que lhe estavam a fazer as plantações asiáticas. Não se cuidava, aqui, de melhorar o processo de fabricação, nem da cultura de novos seringais capazes de, um dia, substituir as árvores mártires. Aproveitavam-se somente as que a natureza guardava no seio das matas. A devastação traria suas funestas consequências, ao mesmo tempo que as plantações de Malaca, Java, Ceilão, etc. produzem, pelo começo do abastecimento, a baixa do preço nos mercados manufatureiros. A borracha deixou de ser, por algum tempo, o ouro negro das transações no Amazonas para ser apenas um elemento vulgar de comércio... (cf. esse autor, In: "Corografia do Estado do Amazonas", págs. 122-123, Manaus, 1985).*

Verdade é que o *boom* da borracha tornou Manaus a cidade do fausto e dos mitos. Além do suntuoso Teatro Amazonas, inaugurado em 31 de dezembro de 1896, e dos belos palacetes espalhados pelo sítio urbano manauense, havia a vocação comercial permitindo exportar para Estados Unidos e Europa os frutos extraídos do

rio e da floresta, e importar, dali, tudo o que era consumido na cozinha, no vestuário, nas construções e transportes locais.

Segundo o falecido Acadêmico Genesisino Braga,

*Quando se extinguiu o século XIX, Manaus não aglomerava mais de cinquenta mil habitantes. [A cidade] vinha se emoldurando de um pronunciado gosto no campo da cultura, entre os ângulos diversos da administração e da sociedade. Em apenas um ano aportaram em Manaus cento e dois navios estrangeiros e novecentos e trinta e dois nacionais, conduzindo o total de sessenta e sete mil passageiros. No mesmo período se hospedaram em vinte hotéis existentes na cidade cerca de mil forasteiros, dentre os quais a metade mais ou menos era composta de brasileiros das demais unidades federativas, notadamente dos Estados do Nordeste, enquanto a outra porção se compunha de portugueses, em maior número, espanhóis, italianos, franceses, russos, ingleses, alemães, austríacos e elementos de outras nacionalidades. No que respeitava à mocidade, num sentido construtivo de espiritualidade e pesquisa intelectual, Manaus recebera, debaixo da fascinante atração daquela existência eufórica, a vinda agradável e valiosa de inúmeros jovens recém-formados, advogados, médicos, engenheiros, dentistas, farmacêuticos, agrônomos e militares (cf. esse autor, In: "Nascença e vivência da Biblioteca Pública do Amazonas", pág. 65, Belém, 1957).*

No final do século XIX para começo do XX, a *urbs* apelidada por Euclides de "cidade meio caipira, meio europeia", caracterizada por pontes sobre os igarapés de sua parte mais

central, limitada ao sul pela baía do rio Negro, já se estendia ao boulevard Amazonas, atual Álvaro Maia. Dotada, outrossim, de um porto flutuante até hoje decantado como uma obra-prima da engenharia europeia, de redes de esgoto, tratamento de água, serviço de bondes e luz elétrica – tudo planejado, construído e operacionalizado por engenheiros e técnicos ingleses, é compreensível que Manaus contasse com um razoável movimento cultural e possuísse uma elite de intelectuais e homens de letras, chegados dos mais diversos quadrantes da pátria, atraídos pela fama de progresso e crescimento fácil que esta parte da Amazônia inspirava.

As diversas exposições de companhias líricas e dramáticas francesas e italianas nos vários estabelecimentos espalhados pela cidade, além do Teatro Amazonas, estimularam a criação de grupos teatrais amazonenses, como a Arcádia Dramática (1895) e o Grupo Dramático (1896). Também, desde 1897 ocorreram apresentações do cinematógrafo, gerando a criação de várias salas de cinema em Manaus.

Em 1899, sob a direção do maestro Joaquim Franco, docência e orientação de artistas e fotógrafos estrangeiros que ao tempo circularam entre Belém e Manaus, foi criada a Academia Amazonense de Belas-Artes. Em 23 de dezembro de 1906 surgiu a Associação Literária, depois redenominada Núcleo Amazonense de Letras. Três anos depois os mesmos integrantes das duas últimas criariam a Assembleia Literária, sem dúvida o núcleo formador da Academia Amazonense de Letras. Também a imprensa escrita vinha se

desenvolvendo de maneira sensacional, inclusive no interior do Estado.

É nesse contexto histórico, cultural, social e político que acontece a chegada em Manaus do jovem bacharel em Direito e futuro Acadêmico Virgílio Barbosa.

#### UM HOMEM DE INTELIGÊNCIA E DE AÇÃO

Como tantos brasileiros vindos de outros quadrantes da pátria, inebriado de “fervor nacionalista e contagiante em seu idealismo pelo Direito e pela Liberdade”, Virgílio Barbosa se uniu, de pronto, “aos poucos amazonenses na mesma situação de diplomados [e com eles formou] uma classe pensante e direcional, uma genuína elite na paisagem variada da sociedade manauense” (segundo o dito de Genesino Braga). Desde logo, associando-se com o colega Júlio Lima, montou uma banca de advogado no centro da cidade, que ficaria famosa.

Para o Acadêmico Anísio Jobim, como jurista e advogado Virgílio Barbosa gozou

*de sólida reputação na profissão que escolheu. Pode-se dizer que é um purista, tal a clareza vernacular de seus trabalhos jurídicos, verdadeiros primores de dialética e erudição. Passou Virgílio Barbosa a sua mocidade estuante em Manaus, onde se impôs por seus dotes intelectuais e morais (cf. esse autor, In: “A Intelectualidade no extremo Norte”, págs. 90-91, Manaus, 1934).*

Colaborou na “Revista do Norte” que, segundo o falecido Acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, teve seus primeiros números editados em 1900. Formando frente com os intelectuais Jonas da Silva, Thaumaturgo Vaz, Octávio Sarmento, João Maranhão, João Leda, Maranhão Sobrinho, Teodoro Rodrigues, Adriano Jorge, Luís Elísio, Alcedo Marrocos, Coriolano Durand, Araújo Lima, Teófilo de Albuquerque, Celso Mariz e outros; em 1906 fundou a Associação Literária, logo em seguida transformada em Núcleo Amazonense de Letras.

Em 17 de janeiro de 1909, antes de findar a época de prosperidade econômica centrada na produção de borracha, foi fundada a Escola Universitária Livre de Manaus, ou simplesmente Universidade de Manaus, embrião da atual Universidade Federal do Amazonas. Virgílio Barbosa está entre os seus fundadores. Além disso, compôs o quadro docente da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, atual Faculdade de Direito, na qualidade de lente de Direito Constitucional substituto, cargo para o qual foi nomeado em 30 de julho de 1910.

Integrante do Conselho Constituinte, órgão superior da Universidade, Virgílio Barbosa é beneficiário direto das palavras escritas por Áderson de Menezes, em homenagem

*aos sadios propósitos (...) e à lisura e clarividência com que agiam, em seus sagrados ideais de estudo e alevantamento mental, os pró-homens que lançaram, no fertilíssimo território amazonense, as sacrossantas e exuberantes sementes da*

*instrução superior* (cf. esse autor, In: “História da Faculdade de Direito do Amazonas”, pág. 18, Manaus, 1959).

A mais antiga universidade brasileira foi instalada solenemente em Manaus no dia 15 de março de 1910 e sua trajetória foi brilhantemente retratada pelo saudoso jurista, professor e Acadêmico Áderson de Menezes, irmão desse exemplo de fidalguia e generosidade, o confrade Armando Andrade de Menezes.

Ainda Virgílio Barbosa, por vários anos, ministrou aulas sobre a língua portuguesa no Colégio Estadual do Amazonas, antigo Ginásio Amazonense Pedro II, que o dirigiu interinamente de abril de 1918 a janeiro de 1919, sendo substituído pelo catedrático Agnello Bittencourt.

Segundo o “Dicionário Biográfico” do nosso mui amado poeta, contista e Acadêmico Almir Diniz, Virgílio Barbosa, filho de Marcelino Rodrigues Avelar Barbosa e Maria Jacintha Avelar Barbosa, é natural do Estado do Rio de Janeiro, antiga capital da República:

*Ligado à literatura [foi um] exímio conhecedor do nosso idioma e professor de reconhecido talento, lecionou durante muitos anos no Ginásio Amazonense Pedro II, hoje Colégio Estadual do Amazonas. Espírito iluminado pelas letras jurídicas (...) Latinista e dominando outros idiomas como o francês, endossava o conceito do professor Armand Ephraim a respeito do desconhecimento, pelos franceses, da língua-mãe: ‘Nós estamos longe do tempo em que Racine,*

*adolescente, deliciava-se em ler um romance grego, ou conversava em latim com seu tio, cônego em Uzés'. [Ele] era um purista. Deixou trabalhos de natureza jurídica* (cf. esse autor, In: "Acadêmicos – imortais do Amazonas: dicionário biográfico", págs. 97-98, Manaus, 2002).

Diferente do quadro anterior, pintado por Genesino Braga que divisava em nível local um estado de ostentação e otimismo, os efeitos da Primeira Grande Guerra refletiram danosamente no Amazonas. Em 1918, nenhum navio da Europa atracou no cais da *Manáos Harbour*. Apenas seis embarcações norte-americanas tocaram o porto da cidade, trazendo os porões já comprometidos, em grande parte, para a carga paraense. Produtos regionais como a castanha e o pirarucu apodreciam nos depósitos. As rendas públicas chegavam ao mínimo. A situação do comércio era aflitiva.

Ainda imperando força de vontade e idealismo, porém, a paisagem cultural não se empanou. Convocados por Péricles Moraes, José Chevalier e Benjamin Lima, quase todos os mesmos homens letrados ligados aos grêmios literários anteriores, reunidos na residência desse último, na rua Monsenhor Coutinho n.º 390, fundam em 1.º de janeiro de 1918 a Sociedade Amazonense de Homens de Letras. Instalada no mesmo local sete dias depois, a nova entidade, por proposta do Acadêmico Raul de Azevedo, em 29 de março de 1920 teve sua denominação alterada para Academia Amazonense de Letras.

Eram 30 os seus membros efetivos e desse grupo fazia parte o doutor Virgílio Barbosa. A primeira diretoria ficou assim constituída: presidente, Adriano Jorge; vice-presidente, Ribeiro da Cunha; e secretário, José Chevalier.

As primeiras páginas da Revista n.º 1, edição de julho de 1920, contêm o discurso de Virgílio em homenagem ao presidente Adriano Jorge, que regressara de uma viagem ao Sul do país, em 1919. Nele, o insigne orador proclama que a Academia

*apoia-se nos ombros dos homens altruístas e de ideal. [Que sem] a bendita loucura dos visionários e idealistas a verdade, manifestação por excelência do belo, jamais seria, mesmo partícula a partícula, incorporada ao cabedal humano.* (In: Revista citada, pág. 7).

Sábias palavras, essas, em que no fundo Virgílio Barbosa falava de si mesmo, expondo a formação do seu caráter e a perfeição de sua alma. O idealista encarnado no jovem advogado, o visionário plasmado no culto professor, aqui chegara no comecinho de 1900 e logo se integrou à nossa terra e à nossa gente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Congratulando o feito da criação desta Casa, por ocasião da festa de seu cinquentenário, em 1968, o então presidente Djalma Batista considerou-o um alvissareiro acontecimento. Seus fundadores, denominados por ele de "os 30 cavaleiros da cruzada de 1.º de janeiro de 1918" – primeiro momento do Silogeu,

simultâneo à depressão econômica gerada pela queda da borracha e quase no findar da Primeira Guerra Mundial – anunciavam um novo tempo. Depois de ressaltar que “tinha o prazer de assinalar entre os [fundadores] vivos”, além de Álvaro Maia e Nunes Pereira, “os advogados Virgílio Barbosa e Odilon Lima [os dois últimos] domiciliados no Rio”, o notável cientista e grande escritor acreano advertia:

*Nunca tivemos até agora, no Amazonas e na Academia, a bem dizer, espíritos criadores, a não ser os poetas. Ainda não se escreveram aqui as grandes obras de ficção que assinalam as gentes, as terras e as épocas. De uma maneira geral todos os escritores amazonenses, ou que aqui montaram tenda, têm sido e são eruditos, de formação humanística. Tanto que a Revolução Modernista que abalou os fundamentos do Brasil, não chegou a influir nas letras do nosso Estado, embora, para honra nossa, sempre tenha havido aqui, antes e depois, rebeldes que não batem palmas às consagrações encomendadas nem às reencarnações repetidas. (...) Olhando para o passado, para procurar entender as lições da história, pode-se compreender, exatamente, a nobre e alta função das academias, como guardiães da cultura. No nosso país elas começaram cedo, dando ensejo ao comentário sarcástico de Schutel, de que ‘o Brasil foi uma Arcádia antes de ser uma nação’. O embrião foi a Academia Brasileira dos Esquecidos, fundada na Bahia em 1724, à qual sucederam tantas outras, (...) isto é, naqueles Estados onde maior tem sido a floração de talentos literários e artísticos, nascidos do mais profundo da alma brasileira. É que as famosas academias exerceram o papel de formadoras do lastro*

*espiritual e de catalisadoras dos movimentos que no curso de dois séculos e meio, especialmente nos tempos atuais, de vez em quando por lá estouram nas letras e nas artes (cf. Djalma Batista, In: “Lições do cinquentenário”, Revista n.º 12 da Academia de Letras, Manaus, 1968).*

A fala de quase 40 anos atrás do saudoso Djalma Batista derredor da “floração de talentos literários e artísticos” independentemente da vocação intelectual ou da formação técnica de algum eventual escolhido, traduzia uma preocupação e lembrava o escopo principal da Casa de Péricles Moraes, desde sua origem: o cultivo das letras pela ação coletiva ou individual dos seus membros. Reacendia, ademais, uma outra questão na mesma oportunidade sutilmente levantada pelo Acadêmico Raimundo Nonato Pinheiro, padre e figura proeminente que me antecedeu na Cadeira n.º 20: a filiação corporativa dos acadêmicos.

De acordo com o já falecido Nonato Pinheiro, após a eleição de um terceiro sacerdote para membro efetivo,

*dois ou três ponderavam que a Academia já se estava transformando numa igreja. Um deles chegou mesmo a sugerir que se comprassem sinos para a Academia.*

Contraditando-os, padre Nonato alegou que até 1968 o Silogeu abrigara nove desembargadores e

*nem por isso a Academia havia se transformado numa espécie de Tribunal de Justiça, porque não elegemos desembargadores, mas os intelectuais”.*

(cf. “Evocações acadêmicas”, In: Revista n.º 12 da Academia, Manaus, 1968).

Essas e aquelas colocações ressaltam a eloquência e a autoridade moral de seus autores, validam a relevância em que é tida a Casa de Péricles Moraes. Criada com a missão de cultivar, defender e divulgar a língua e a literatura, através da ação coletiva ou individual dos seus membros, desde sua origem e na sucessão dos anos, ela vem congregando intelectuais de projeção nas letras, jornalismo, política e ciências.

Tais considerações visam assinalar que antes do artista ou do literato, na mais pura acepção da palavra, Virgílio Barbosa foi um cultor das letras jurídicas, laureado escritor, homem de inteligência e de ação, legionário da cruzada intelectual que auxiliou na gestação deste cenáculo da cultura, vinculado intimamente às suas mais caras tradições. Antes de representar um ficcionista ou um poeta, foi um humanista, versado nos problemas e nas causas sociais de seu tempo.

Ideólogo do Direito e um defensor da Justiça, jamais escreveu ficção nem ditou versos. Daí que, ao invés de trazer personagens centrados em heróis e vilões com seus diálogos impossíveis; conter imagens irreais, fantásticas e ilusórias; exaltar o belo e a luz; decantar enfim o pitoresco e os mistérios da vida e da natureza, seus livros tratam da vida palpável dos homens, da problemática social, dos conflitos entre pessoas e do melhor funcionamento das instituições. Culto, pertinaz, metódico, versejou doutrina, leis e jurisprudência. Escreveu:

– “A falência e os contratos bilaterais”, sustentação de embargos em ação ordinária junto ao Tribunal de Justiça do Amazonas em favor de José Elias Soares do Amaral contra M. Corbacho & Cia. Editado na Papelaria Velho Lino, Manaus, 1916;

– “A Constituição brasileira e os magistrados locais”, razões de um recurso extraordinário impetrado junto ao Supremo Tribunal Federal contra o Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas em favor de um juiz de Direito, removido ilegalmente de Manaus para Urucurituba, editado na Imprensa Pública, Manaus, 1920;

– “Manutenção de posse”, peça jurídica em que postula junto à Justiça Federal do Amazonas em favor da empresa Madeira-Mamoré Railway Company, sediada no Estado do Amazonas, contra M. Corbacho & Cia., sediada em Mato Grosso. Tipografia Palais Royal, Manaus, 1920;

– “Leito aterrado de rio público”, apelação cível em ação possessória junto ao Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal em favor de Galileu Luiz Ferreira e sua mulher. Tipografia do Jornal do Commercio, Rio, 1925;

– “Os segurados na falência da Companhia Seguradora”, agravo de petição impetrado junto ao Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal em favor da massa falida da Previsora Rio-grandense. Edição da Livraria Freitas Bastos, Rio, 1927;

– “Sobre títulos de favor”, parecer publicado pela Livraria Freitas Bastos, Rio, 1927.

Todos esses trabalhos de cunho jurídico-filosófico, escritos por Virgílio Barbosa, obedecem ao estilo apurado e claro, como proclamado pelo confrade e contemporâneo dele, Anísio Jobim. Elucidam em profundidade os temas a que se referem, na conformidade dos princípios e regras do Direito então vigente. Trata-se de textos lúcidos e considerados avançados para o seu tempo, direcionados a respeitar a integridade do indivíduo, direitos econômicos e sociais, e liberdades políticas e civis.

As datas de nascimento e morte do fundador e primeiro ocupante da Cadeira n.º 27 desta Academia de Letras ainda prescindem de esclarecimentos. Quando de seu desembarque em Manaus, no início dos anos 1900, beirava os 30 anos de idade. Tornou-se acadêmico com 48 anos. Em 1925 retornou ao Rio de Janeiro, onde atuou num escritório jurídico da rua da Alfândega, n.º 8, 2.º andar: contava então 55 anos. Em face dessa mudança de domicílio, em 14 de abril de 1949, por disposição estatutária foi transferido do quadro de sócios efetivos para o de correspondentes.

Virgílio deve de ter falecido no início da década de 1970, com mais de 90 anos, posto que em 1968, ainda pleno de saúde, dele tivemos notícia através da fala de Djalma Batista inserida na Revista n.º 12, de julho daquele ano. Essa nossa assertiva tem sua razão de ser porque a partir da Revista n.º 16, de dezembro de 1974, o nome do velho intelectual não mais aparece na lista de sócios correspondentes desta Academia.

Concluo, afirmando que Virgílio Barbosa foi um homem de seu tempo e um grande construtor de ideais. Tomando por empréstimo palavras do discurso de posse do honrado Acadêmico Oyama Ituassú, publicado na Revista n.º 12 da Academia, afirmamos que o homenageado desta manhã “foi um daqueles homens que, por onde passam, deixam o chão pontilhado de estrelas...”.

#### REFERÊNCIAS

Agnello Bittencourt, “Corografia do Estado do Amazonas”, edição fac-similada da edição de 1925, Tipografia Real, Manaus, 1985.

Academia Amazonense de Letras, “Quadro de Poltronas e Acadêmicos 1918-1999” (organizador Robério Braga), Manaus, 1999.

Aderson de Menezes, “História da Faculdade de Direito do Amazonas”, Tipografia Fênix, Manaus, 1959.

Almir Diniz, “Acadêmicos – imortais do Amazonas (dicionário biográfico)”, Editora Uirapuru, Manaus, 2002.

Anísio Jobim, “A Intelectualidade no Extremo Norte”, Livraria Clássica, Manaus, 1934.

“Anuario do Gymnasio Amazonense Pedro 11”, Manaus, 1930.

Genesino Braga, “Nascença e vivência da Biblioteca Pública do Amazonas”, Belém, 1957.

Revista da Academia Amazonense de Letras  
n.º 1, volume 1, julho de 1920, Imprensa  
Pública, Manaus, 1920.

Revista da Academia Amazonense de Letras  
Ano XLVIII n.º 12, julho de 1968, Tipografia  
Fênix, Manaus, 1966.

Revista da Academia Amazonense de Letras  
Ano LXXXIII, n.º 23, novembro de 2001,  
Editora da Universidade Federal do Amazonas,  
Manaus, 2001.

Thomas E. Skidmore, “Uma história do  
Brasil”, 3.ª edição, tradução de Raul Fiker,  
Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.



Medalha do Mérito Cultural  
*Péricles Moraes*  
2006

• • •

Solenidade ocorrida a 28 de abril de 2006



## ABERTURA DA SESSÃO SOLENE



\* *Elson Farias – Presidente*

Senhoras e senhores acadêmicos, minhas senhoras e meus senhores

A Academia Amazonense de Letras se reúne hoje solenemente para fazer a comemoração dessas personalidades com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes.

Essa medalha foi criada pela Academia para homenagear figuras de destaque da vida brasileira, da Amazônia. Figuras de destaque, aquelas que se projetaram explorando temas da Amazônia ou interpretando temas da Amazônia. Foi uma medalha criada numa linha que eu diria convexa, não é uma linha côncava voltada para dentro da Academia, no sentido de homenagear figuras que tivessem prestado de uma forma ou de outra algum serviço à Academia, não! A iniciativa visa premiar aqueles que atuam fora e a Academia generosamente fez com que fosse uma linha convexa, aberta para fora, generosamente, homenageando figuras como o Moisés Israel que na sua atividade empresarial jamais se esqueceu de colaborar com a cultura e

ultimamente doou terras onde estão implantados os campus das universidades Federal e Estadual do Amazonas em Itacoatiara. O Severiano Porto que não obstante não ser amazonense, mas elegeu o Amazonas como sua terra e aqui desenvolveu uma obra magnífica eu não sei se vocês sabem que a invenção do chapéu de palha é uma invenção dele, do Severiano Porto, eu até participei no momento da criação do chapéu de palha; o confrade José Braga estava atrás de alguém que fizesse pra ele um ambiente, um restaurante e me falou: “que tal fazer uma casa de farinha?”, e eu disse que acho interessante uma casa de farinha, mas como seria arrumar as mesas e sugerir conversarmos com Severiano Porto porque ele deve ter ideia sobre isso. Aí o Braga correu pro Severiano Porto, e lá o Severiano então deu a ideia do chapéu de palha e aí ele concebeu o chapéu de palha; é aquela obra que todos conhecemos ali na Vila Municipal, mas um dia alguém na calada da noite achou que ia... o chapéu de palha e derrubou o chapéu de palha, acontece que o chapéu de palha como estrutura

arquitetônica veio abaixo, mas permaneceu a ideia. Hoje, Manaus está cheia de chapéu de palha, a gente vê monumentos, eu conheço um restaurante, um local de fazer que é uma estrutura enorme, feita de palha, dentro da linha daquilo que concebeu Severiano Porto. Quer dizer, ele criou uma linguagem, ele criou aquilo que nunca mais vai desaparecer do ambiente paisagístico e arquitetônico da cidade de Manaus. Outra é a nossa confreira Astrid Cabral, que saiu de Manaus com 18 anos mais jamais deixou de pensar, de sofrer Manaus, tanto assim que escreveu um livro chamado “Visgo da Terra”; aquela pessoa que está presa pelo visgo; é como aqueles passarinhos que os meninos da Amazônia prendem nas árvores, o passarinho... fica preso no visgo e a gente pega e... com muita maldade e leva pra casa o passarinho, mas Astrid está hoje aqui para receber essa homenagem que não é uma homenagem barata, isso tudo é fruto de uma atividade democrática, a Academia ouviu os 40 membros e eles se manifestaram e no voto secreto escolheram o nome de vocês para serem homenageados.

É, portanto, uma conquista de vocês, não é uma... da Academia. Essa premiação é uma conquista de vocês. Muito obrigado! Está aberta a sessão.

## MEMORIAL

---



• *Francisco Gomes da Silva – Secretário-Geral*

Este é o segundo ano em que a Academia Amazonense de Letras confere a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, criada pela Resolução n.º AAL – 02/2004 com o objetivo de expressar o reconhecimento da Casa a personalidades que se destacaram nos estudos e na interpretação da Amazônia, nas modalidades de Letras, Artes e Mecenato.

Essa feliz iniciativa honra o patrono da distinção, ensaísta Péricles Moraes, figura de escol que presidiu a Academia e exerceu o magistério e funções político-administrativas de alta relevância em nosso Estado. Desta feita e por delegação dos acadêmicos expressa em escrutínio secreto realizado em 31 de janeiro último, agraciaremos os excelentíssimos senhores Astrid Cabral, Severiano Porto e Moysés Israel.

ASTRID CABRAL, a homenageada nas Letras, é uma das mais importantes escritoras brasileiras vivas, reconhecida pela crítica nacional, havendo inclusive merecido o prêmio da Academia Brasileira de Letras, por seu livro

de poemas *Rasos D'água* (2003, editora Valer). É amazonense desta capital e aqui iniciou seu desenvolvimento intelectual, sendo o Amazonas e Manaus temas recorrentes em sua obra, com destaque para *Visgo da Terra* (1986).

SEVERIANO PORTO, o homenageado nas Artes, é arquiteto carioca, mas radicado no Amazonas desde 1965. Ao chegar aqui, se integrando à paisagem e à vida amazônicas, preocupou-se com a concepção de uma arquitetura que expressasse esse contexto. Paisagista, possui várias obras nas áreas privada e pública, destacando-se o prédio-sede da Suframa, o campus da Universidade Federal do Amazonas e as instalações da praia da Ponta Negra. Severiano Porto também se dedicou ao magistério superior, atuando em diversas universidades de Manaus, difundindo sua teoria sobre uma arquitetura e um paisagismo enraizados na Amazônia.

MOISÉS ISRAEL, o homenageado no Mecenato, é amazonense de Manaus, empresário dedicado ao desenvolvimento das potencialidades

da Amazônia. Há muito participa dos quadros diretivos da Federação da Indústria e do Instituto Euvaldo Lodi. Tem colaborado com instituições culturais e educativas, destacando-se a recente doação feita às universidades Federal do Amazonas e do Estado do Amazonas de terrenos para instalação em Itacoatiara de seus respectivos Campus Universitários.

A Academia Amazonense de Letras cumpre o seu dever, honrando a Cultura e distinguindo as Letras, as Artes e o Mecenato.

## DISCURSO DE AGRADECIMENTO



• *Astrid Cabral*

No momento que me debrucei sobre o papel em branco, disposta a escrever este pequeno discurso, veio-me à lembrança um episódio ocorrido nos idos de 1985. A escritora Socorro Trindade lançava em noite de autógrafos o livro: *Eu não tenho palavras*. Em total coerência, seguiam-se 40 ou 50 páginas vazias inteiramente. Foi essa a maneira concisa e simbólica que a autora encontrou para expressar sua euforia com o fim das dolorosas décadas da ditadura. Depois de tantas palavras amordaçadas pela repressão externa, ou engolidas pelo medo, a emoção da liberdade a deixava paradoxalmente muda.

Não são poucas as ocasiões em que nós, embora lidando a sério com a palavra, nos descobrimos sem ter o que dizer, flagrados pela surpresa de uma notícia, curiosos dos motivos por trás dos bastidores. Na minha circunstância, deveria produzir um discurso que ocupasse alguns minutos da programada festa e que recebesse o sonoro aplauso de algumas palmas. Estava perplexa. Cheguei a sentir-me um

mágico de circo às vésperas de tirar da cartola um coelho, ou quem sabe, um pombo ou um lenço colorido da manga do paletó.

Confesso, a alegria e o entusiasmo, com o recebimento da Medalha Péricles de Moraes, começaram a murchar quando recebi a incumbência de agradecer oficialmente em nome dos premiados. É que a responsabilidade de falar por outros me parece presunçosa, inclusive arrogante, embora o discurso único surja como solução simplista, aceitável por poupar o público do possível enfado com redundâncias retóricas. O fato de ter vivido em função das letras não me autoriza a falar em nome do empresário e mecenas Moisés Israel, nem do arquiteto Severiano Porto. A dimensão da obra de ambos escapa a minha experiência pessoal.

Esta é hora de agradecimentos, e começo por agradecer a imensa prova de confiança e generosidade, talvez de imprudência, que me prestaram os colegas homenageados.

Enfrentando a missão, uma pergunta se instalou renitente em meu pensamento: O que levaria os acadêmicos amazonenses a nos distinguirem com a medalha do patrono desta Casa? O que nos reunia os três? Qual o denominador comum?

A primeira resposta foi a certeza de que tínhamos amigos comuns. Não se tratando de uma competição aberta ao público, mas de um consenso do colegiado, não pude me furtar à ideia da aferividade como força motriz. Por mais que procuremos pautar nossos gestos e ações à luz da objetividade, não podemos negar quanto somos movidos por emoções inconscientes. Sem que se cometa a injustiça de negar o devido mérito às pessoas em geral, são aquelas cuja amizade desfrutamos as que primeiro se impõem à lembrança quando devemos proceder a uma seleção.

A segunda resposta foi a existência dos fortes laços culturais que nos vinculam à comunidade desta tão querida terra, através das diferentes atividades que cada um de nós manteve, por décadas, de modo coerente e continuado.

Ausente do Amazonas por longos anos, desde 1955 quando fui estudar línguas e literatura no Rio de Janeiro, recorri à leitura dos currículos de Moisés Israel e Severiano Porto para atualizar-me quanto à representatividade desses ilustres conterrâneos.

Examinando-os experimentei a convicção cabal da relevância de suas vidas para a história e geografia de nossa cidade.

Em Moisés Israel, que tive a sorte de conhecer quando ainda morava aqui, ressalta a rara coexistência do espírito pragmático do empresário com a consciência social do mecenas. Vê-se que, além de administrar e gerenciar as riquezas vegetais e minerais da terra, sempre se envolveu em providências pela educação e saúde do povo amazonense. Em nosso país, diga-se, tal associação de valores constitui fato incomum. É notória a indigna alienação das elites econômicas, cuja ganância, decorrente de exacerbado individualismo, ignora o compromisso social. Sabe-se, o dinheiro sonogado ao país engorda contas em paraísos fiscais em vez de ser canalizado para sanar deficiências básicas da coletividade pobre. Moisés Israel ensina caber a todos, e não apenas ao governo, participar na construção de um Brasil melhor. Ao doar à juventude laboratório de química, bolsas para estudo de inglês e terrenos para a universidade de Itacoatiara, onde ele opera o mais sábio dos investimentos, pois focaliza a riqueza potencial do ser humano, atingindo, portanto, o setor de maior carência entre nós.

Se a geografia de nosso país é abençoada por infinitos recursos e ausência de graves catástrofes naturais, nossa história é marcada pela tragédia de colonização predatória e as nódoas de genocídio indígena, escravidão, abuso de poder e corrupção no governo. A irresponsabilidade social das classes dominantes vem permitindo a destruição de florestas e o envenenamento de rios, e pior ainda, a instalação de uma desigualdade entre brasileiros, criminosamente injusta e cada vez mais perigosa. Assim, é na área do humano

que devemos trabalhar todos, com afino e urgência, a fim de proporcionar, através da educação, ferramentas para que o povo possa conquistar a verdadeira cidadania.

Em 1969, quando passei por Manaus, lembro-me do orgulho com que meu tio levou-me a conhecer o Chapéu de Palha, um restaurante que não agredia a paisagem. Encaixava-se na natureza como se daí brotasse, pois elaborado com seus próprios elementos.

Através das numerosas obras com que foi enriquecendo o patrimônio arquitetônico de Manaus, nossa bela cidade tão desfigurada pela zona franca, Severiano Porto soube fazer da construção civil um autêntico trabalho de arte, casando o regional com o contemporâneo. É louvável sua capacidade de conceber volumes e criar espaços urbanos que se inserem sem fratura na beleza natural da paisagem, em harmonia com águas e relevos, vegetação e azul, numa espécie de honrosa colaboração com a herança divina.

À medida que a terra se povoa e que o homem ocupa o seu solo, cresce a responsabilidade do arquiteto para que a beleza original não seja violentada. Entretanto, com a explosão demográfica e acelerada urbanização dos últimos tempos, o Brasil inteiro tem sido vítima de especulação imobiliária e desastrosos modismos. Por sorte há os artistas que não se dobram às injunções do mercado e projetam prédios e praças, pontes e viadutos, casarios e monumentos para o deleite dos olhos e o aperfeiçoamento da vida, criando um ambiente funcional compatível com a dignidade humana.

Nesse particular sou favorecida e agradeço a Deus por isso. Além de morar no Rio de Janeiro, passei mais de dez anos em Brasília, vendo o sol nascer e se pôr entre as obras de Lúcio Costa e Niemeyer, e mais de cinco em Chicago onde pude apreciar de perto e com vagar os edifícios de Mies Van de Rohe e as maravilhosas residências de Frank Lloyd Wright em Oak Park.

Como se vê, a obra de meus companheiros de galardão está aí concreta e evidente na paisagem humana e social de Manaus. A comunidade não ignora a presença constante de Moisés Israel em vários setores da vida pública, nem os conhecidos e frequentados espaços de Severiano Porto, marcados por vigorosa linha arquitetônica. São eles os construtores de um Amazonas real, visível, ao alcance da maioria dos habitantes.

Quanto a mim, o que produzi reside mais no reino impalpável do virtual, matéria de uma dezena de volumes que discretos se acomodam numa prateleira. Livros cujos textos circulam entre poucos leitores, e representam elaborações da esfera íntima, frutos de recolhimento e clima solitário. Meu gênero de expressão por excelência é a poesia, para muitos céticos, moribunda no mundo atual, caracterizado pela esmagadora hegemonia da imagem. Talvez a fidelidade a um produto que não encontra mercado consumidor, seja o meu mérito na opinião de alguns, ou um tremendo extravio na opinião de outros. Enfim, vocação não é caso de lógica. É caso de paixão e dela não se desiste por considerações cartesianas. Diante

do seu fascínio não vigora a regra econômica de custo e benefício.

Basta-me a recompensa de que algumas pessoas se emocionem com meus versos e de que ainda existam instituições como esta Academia, apta a julgar sem a ditadura da mídia e capaz de resistir à avassaladora cultura de massa. Resultante do baixo nível educacional e da voracidade financeira da indústria do entretenimento, a cultura de mercado se estabeleceu de modo invasivo e autoritário. Sintonizada com o espírito superficial da comunicação instantânea, e com a ausência de utopias e valores transcendentais, típica do capitalismo global, a cultura de massa define a sociedade contemporânea. Em meio ao império do consumo e aos apelos do espetáculo, cabe aos baluartes da resistência cultural arregalar os olhos para enxergar um pouco além dessa muralha. Cabe à minoria exigente saborear “o biscoito fino”, como dizia Oswald de Andrade.

Para nós, poetas, todos os atrativos do mundo visual, alicerçado na beleza externa de linhas, cores e movimento a serviço da documentação ou da fantasia, não conseguem suprir a necessidade profunda da visão interior. Afinal, só a palavra, rente ao cerne, pode nos dar a experiência do que se passa por dentro, acompanhando de perto pensamento e emoção, colhendo em pormenor a dinâmica recôndita da alma. A linguagem verbal, potencializada na literatura, e sobretudo na poesia, nos cativa por remeter a reflexão a caminhos invisíveis, participando muitas vezes da revelação do humano e da iluminação do sagrado.

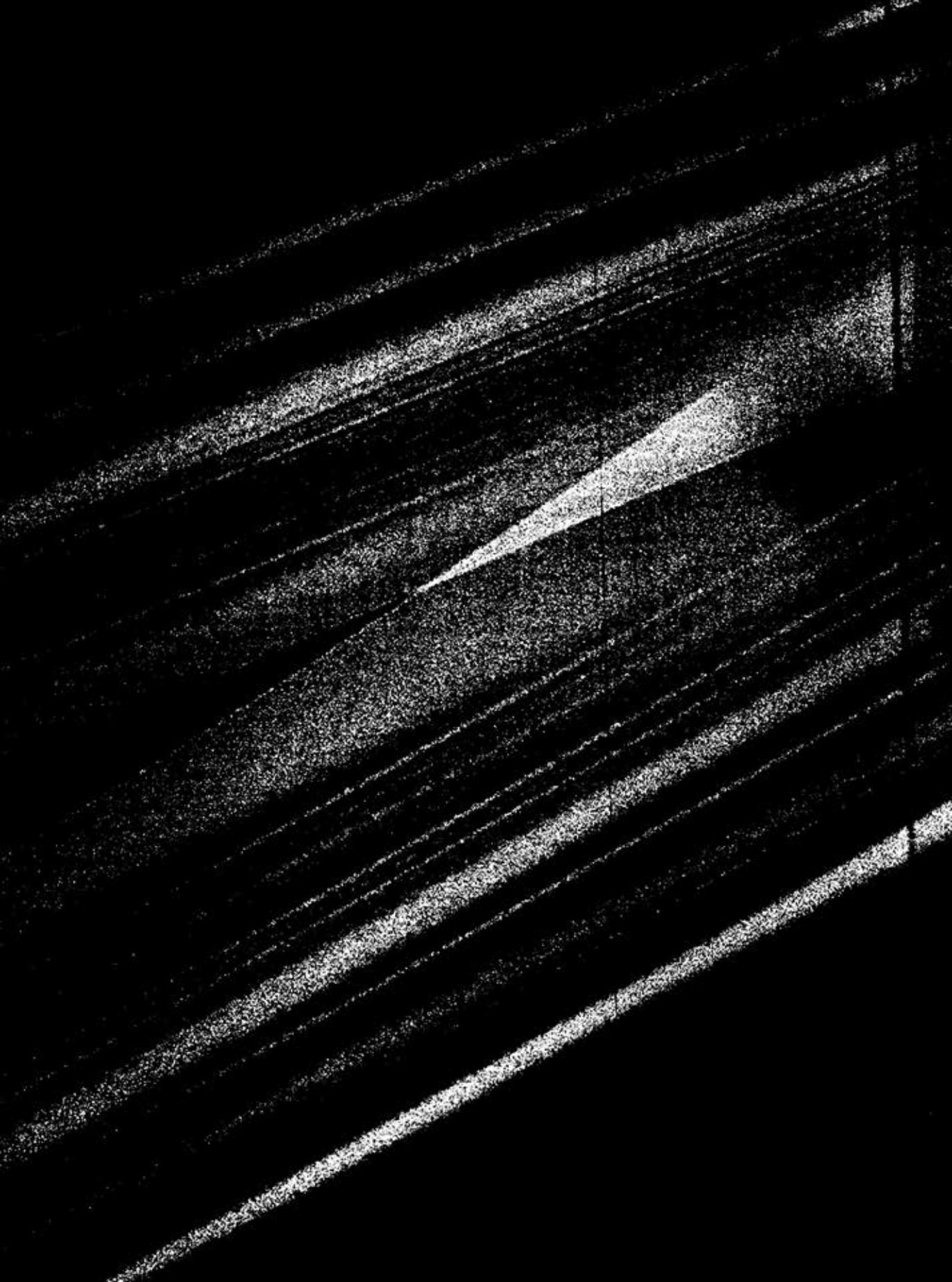
Trago para esta festa, duas evocações preciosas.

Uma, a primeira vez que pisei nesta Casa, convidada a declamar um poema, lá se vão mais de 50 anos. Não posso garantir se *O enterro do sol*, de Cassiano Ricardo, ou o *Encontro das águas*, de Quintino Cunha, ambos integravam o modesto repertório. Recordo sim, é o meu nervoso de enfrentar, de salto alto e vestido de organdi, a reunião daquelas personalidades ilustres, logo no dia do meu aniversário, eu tão menina, habituada a participar só de festinhas escolares e sociais sem grande solenidade.

A outra evocação prende-se a um projeto de juventude que naufragou. Aos 19 anos, voltando a Manaus de férias, externei a meu avô, professor e engenheiro Antonio Telles de Sousa, o desejo de pronunciar uma palestra focalizando duas obras de Federico García Lorca. Orientada pelo professor e hispanista José Carlos Lisboa, eu havia feito estudos sobre o neopopularismo do *Romanceiro Gitano* e o surrealismo na obra *O poeta em Nova York*. Sentia-me, portanto, capacitada a repartir com outros o conhecimento daquele extraordinário poeta. Logo o avô se empolgou e disse: Você vai apresentar essa palestra é na Academia. Vou falar com meu amigo Péricles Moraes. Eu, porém, não aceitei aquela iniciativa de inegável corujice. Tencionava apresentar o trabalho era entre os amigos do Clube da Madrugada e os antigos companheiros da Sael. Assim, para não desgostá-lo, nem tampouco abdicar do objetivo pessoal de público, fui desconversando e adiando o projeto até o fim das férias, até desistir dele.

O fato é que no decorrer da vida, não sei ao certo se por timidez ou orgulho, quem sabe por amor à liberdade, sempre quis estar longe de autoridades consagradas, distante do poder constituído em qualquer área e sobretudo do jogo de favores.

Lendo o poeta Mário Quintana, descobri há pouco que, por intuição e coincidência, sempre segui a política que ele recomenda: não correr atrás das borboletas, e sim, cuidar do jardim para que elas venham visitá-lo. Essa Medalha Péricles Moraes é para mim uma linda borboleta. Faço questão de oferecê-la a meu avô, em agradecimento pela confiança que sempre depositou na menina a caminho das letras.



## DISCURSO DE SAUDAÇÃO AOS HOMENAGEADOS



• *Bernardo Cabral*

MAR PORTUGUÊS

*Fernando Pessoa*

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

Nesta Casa de Péricles Moraes uns se foram premidos pela audiência marcada com Deus. Outros chegaram pela consagração dos votos dos eminentes pares.

Aos que se foram – e que não conseguiram desfrutar desta sessão inesquecível – endereço

a eles a despedida que o gênio de Shakespeare, no final de Hamlet, soprou pela voz de Horácio, ante o corpo tombado do amigo:

“Boa noite, Príncipe”

Aos que chegaram, novos companheiros, declino-lhes o nome no meu íntimo, com uma carinhosa saudação. Bem-vindos.

Senhor presidente Elson Farias,  
Senhoras e Senhores,

Neste ano de 2006 que, ainda recentemente, comemorou as festividades da Páscoa, preciso fazer-lhes uma confissão.

Na minha juventude – época em que disputava concursos de oratória – pensava eu que tinha uma intimidade com a tribuna acima do comum. Como orador da minha turma na



1. JURISTA E ENSAÍSTA, OCUPA A CADEIRA N.º 1,  
DE PÉRICLES MORAES.

Faculdade de Direito – já lá se vão mais de cinquenta anos – essa cumplicidade se tornou mais afetiva para se ampliar nas tribunas parlamentares, das quais me despedi e a elas não voltarei.

Hoje – amadurecido, encanecido e sem as ardências da juventude – verifico que se oratória existia ela se foi esmaecendo com o tempo, dando-me como prova maior a tibieza com que enfrento esta sessão solene.

E por ser solene não me permite ela senão a manifestação por escrito. Pobre de mim – sempre avesso às orações previamente elaboradas, porque predisposto ao imprevisto – curvo-me ao protocolo, pedindo, de logo, que me concedam a tolerância de ouvir-me com a generosidade que eventualmente possa merecer.

Feita a confissão, uma divagação que fiz de mim para mim mesmo. Por que a escolha do meu nome? Onde os méritos? A única razão que encontrei é por ter sido aluno do meu querido e saudoso Prof. Antonio Telles de Souza, nos meus quatro anos ginásiais, quando ingressei, em 1943, aos 11 anos de idade, no Colégio Estadual. E de amigo de longa data de Moisés Israel e Severiano Porto.

Não vejo outra justificativa para tão honroso cometimento, sobretudo porque poderia ter sido ele entregue ao orador da solenidade do ano passado – e que a todos encantou – o nosso imbatível Acadêmico Robério Braga.

De qualquer sorte, reverencio a paciência dos que terão de me ouvir, pois sei que detectarão uma peça claudicante na forma e sem a grandiloquência que o instante reclama. Mas a despeito de tudo – haverão de comprovar que está ela tombada no patrimônio da minha admiração pessoal.

ASTRID CABRAL, *Categoria de Letras*

ASTRID: “Dux Femina Facti”

– O chefe da facanha é uma mulher  
– (Virgílio, *Eneida*, Livro I, 364)

OLHOS À RETAGUARDA

*Astrid*  
*Catibiribide*  
*Saramacutide*  
*Furunfurunfide*

*Quem matou teu cavalo*  
*de ancas rugosas*  
*e crinas de folhas*  
*que te levava a farejar*  
*o pólen das auroras*  
*e a vadiar e vadear*  
*igarapés azuis?*

*Que foi feito*  
*do gato preto*  
*que havia sido rei*  
*em outra encarnação*  
*e de vingança assassinar*  
*o rouxinol-do-rio-negro*  
*usurpador reinando*  
*num trono de gaiola?*

*Não convém revolver o barro  
rés-do-pé-de-limão-caiano  
pseudojaqueira encantada.  
Após a surra de chuvas  
o chão cheira a defuntas  
graviolas sepultadas  
sob enxames de mosquitos.*

*Quem despertara a fúria  
das nuvens em seu castelo  
e o flagelo precipitara?*

*Não me digas menina  
que o céu está negro.  
mais negra é tua alma  
nas profundas do inferno.*

*Não convém, Astrid,  
revolver a terra das raízes.  
É doloroso exumar.  
Não há mais tesouros  
no limo ou no lixo sagrado  
cacos de louça enterrados  
entre votivas montanhas  
de fumaça no quintal.  
Nem sequer os sapos  
noturnas sentinelas  
de olhos à retaguarda.*

*São teus olhos agora  
que olham para trás.*

“São teus olhos agora que olham para trás”.  
Uma frase solta que simboliza a ideia de  
reconciliação com o seu tempo de criança,  
revisitando a sua infância. E, de repente, aqui  
e acolá nos seus poemas se vislumbra uma  
insolente juventude.

Astrid nasceu em Manaus, onde fez os estudos  
primários e secundários e daí um salto para o  
Rio de Janeiro onde concluiu o seu curso de  
Letras Neolatinas na Faculdade Nacional de  
Filosofia da Universidade do Brasil (UFRJ).  
Bacharelato e Licenciatura.

Para aquela jovem que aos 16 anos já escrevia  
artigos e crônicas na imprensa local ainda era  
pouco. Foi mais longe: Mestrado da  
Universidade de Brasília – DF, Curso de  
Teoria Literária. Mestrado da Universidade  
de Brasília, DF – Curso de Linguística Aplicada  
do Ensino de Línguas Estrangeiras.

Ainda era pouco. Daí os cursos de Arte  
Bizantina e Arte Contemporânea na American  
University of Beirut, Líbano; Curso de  
Proficiency em Inglês pelas Universidades  
de Cambridge e de Michigan.

Depois correu mundo – que para ela deixou  
de ser “mundo, vasto mundo” – na qualidade  
de oficial de Chancelaria do Ministério das  
Relações Exteriores, cargo obtido em concurso  
público, no ano de 1968.

Escreveu mais de uma dezena de livros,  
o primeiro, de contos, “Alameda”, foi  
considerado um dos melhores livros de contos  
de nossa história. Os demais, à exceção de  
“Zé Pirulito – estória para crianças”, foram  
para o mundo que passou a ser só seu: a poesia.

De certa feita, o mexicano Octavio Paz – que  
alcançou os cumes do Prêmio Nobel de  
Literatura, ensinou:

*O verdadeiro destino da palavra é com certeza a poesia. É o seu resumo, o seu destino, seu ponto de chegada...*

A ideia que faço da poesia de ASTRID – e isto não como um simples leitor dos seus versos, mas um profundo admirador do que ela deixa subjacente – é a sua feroz capacidade de indignação contra a mediocridade, onde quer que ela resida, no poder ou fora dele.

Nela se vislumbra – o que lhe deve dar uma justa e secreta satisfação – a exata noção que tem da diferença que vai entre o terrível desconcertante de passar por uma derrota e o extremamente agradável de conquistar e agarrar uma vitória, próprio daqueles que fabricam sua própria história, resistindo ao destino.

Observem este trecho constante do seu “Portal do dia”:

*trapos de noite nas pálpebras  
levo à mesa do café  
a ressaca da insônia.*

Não há dúvida: Astrid há de ser sempre uma eterna apaixonada – pela sua poesia... seu marido Afonso Felix de Souza – que tanto nome deixou na arte poética – e seus cinco filhos. Nela nada é do “mais ou menos”, e o que sai do seu íntimo, do que a cerca, é dramático ou glorioso.

Quando se lê nas entrelinhas da sua produção, sente-se de que ela vibra com cada pormenor do que faz, sabendo exatamente *para que e para*

*quem*. Se não for assim, a realização lhe é indiferente.

Uma característica que emerge é quando ASTRID descobre uma nova verdade... logo a apregoa e, por certo, de forma enfática. E o que é raro nas pessoas que tais: sabe ouvir os argumentos contrários, ainda que eles não cheguem a tocá-la.

Os seus versos revelam uma sensualidade que não está ligada ao sexo, mas aos sentidos. Uma pessoa não sensual pode ser sexy, mas raramente consegue exercer sobre os seus semelhantes algum fascínio.

Sintam o que quero dizer nesta bela construção contida no poema *Manhã*.

*Na cozinha a cafeteira  
solicita gargareja o café  
enquanto em cima da mesa pires e xícaras se  
acasalam no lençol branco da toalha*

De aguda sensibilidade, Astrid é capaz de ficar “ligada” às pessoas ainda quando aparentemente distante... chega a perceber a verdade de cada um como se pudesse captá-la.

Observem o seu “Bicho-de-sete-cabeças”:

*À medida que envelheço  
As sete cabeças do bicho  
Corto. Enfim o reconheço  
Íntimo de mim, meu próximo.*

*À medida que envelheço  
Aprendo a perder o medo*

*Todo bicho fica meigo  
É só botar no colo*

Em Astrid se sente que para ela a vida não é essencialmente o mundo material, mas não chega a desprezá-lo... é por isso que faz com regra e perfeição aquilo que a interessa e motiva, vivendo com seriedade, sem encarar as coisas materiais como definitivas.

É só meditar com ela junto à “Cacimba do quintal”:

*Repara a cacimba:  
miniatura de lago  
poço abreviado*

*Flui feito a vida  
e modesta sequestra  
a nuvem lá de cima.*

Ou na sua definição de “Piscina”:

*simulacro de lago  
rio de quatro margens  
mar domesticado.*

Detentora de prêmios os mais valiosos... integrante de associações as mais destacadas do país; textos traduzidos para vários idiomas estrangeiros; elogiada pelos críticos literários mais consagrados do país; atividade docente destacada; poemas figurando em diversas antologias, no Brasil e no exterior.

Vítima do ato de força de um governo de exceção que a afastou brutalmente do Magistério Superior, não se deixou abater.

Aos poucos juntou suas peças e atingiu o limite da maturidade. E descobriu que ninguém chega a ela, nem se torna linearmente tranquilo, sem ter sido, um dia, passageiro do frívolo carrossel das decepções, angústias e ansiedades.

É hora de concluir. Advertia Payen, antigo “batônnier” de Paris, sobre a arte de expor os fatos e desenvolver os argumentos:

*Se resumirdes muito não sereis compreendidos.  
Se vos alongardes, fatigareis.*

Caríssima Astrid,

Ao encerrar, quero trazer a opinião de um crítico e, a seguir, com trechos de dois poemas seus.

Do crítico me valho porque esta pálida saudação – sem nenhum colorido na sua roupagem, mas vestida de profundo sentimento – terá preenchida as suas lacunas com as palavras desse cultor e professor de Literatura. Diz Tenório Telles, qualificado membro desta Academia:

*Não se lê os textos de Astrid Cabral impunemente, não se escapa de suas evocações, espelho em que se reflete nossa tragédia existencial, nossos olhos cansados pelo tempo. É o canto triste, réquiem de uma civilização que não se afirmou, que sofre as consequências da descontinuidade. A poesia de Astrid Cabral é um alerta contra o silêncio, a negação do passado, o sufocamento da memória. É um eco a cortar a superfície, as membranas impalpáveis do esquecimento.*

Quando, Astrid, você fala da Manaus da sua infância, diz que ela tinha até a chave de ouro da Academia de Letras, e sobre o *ovo estrelado*, você compõe uma das belas imagens que conheço:

*Do céu do prato  
um Sol me olha  
com olho de ouro.*

Nesta noite o ouro não é da Academia nem do Sol... é da sua fascinante presença.

PARABÉNS!

MOISÉS ISRAEL, *Categoria de Mecenato*

---

Moisés Israel é daqueles seres humanos que não necessitam de eletrocardiograma sentimental para checar que seu coração está sempre bombeando amizade, abastecido do bem-querer e que me faz destravar o trinco do tempo para confirmar que nem a distância nem o silêncio conseguem abalar a nossa fraternal amizade.

Exercia eu as funções de promotor de Justiça de Itacoatiara – já lá se vão mais de 50 anos – quando tomei conhecimento da Itacoatiara Industrial S/A e do seu presidente, o jovem Moisés Benarrós Israel, aquela altura integrante do grupo I. B. Sabbá & Cia. Ltda., do qual, mais tarde, dele se tornou sócio.

A seguir, no ano de 1959, exercia eu as funções de chefe da Casa Civil do Governador do Estado, quando o nosso conhecimento se tornou mais próximo e a amizade se solidificou.

Sua trajetória no mundo empresarial é um reiterado sucesso. Diretor do Banco do Estado do Amazonas, diretor da Companhia de Petróleo da Amazônia. Diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Senai; fundador da Federação das Indústrias do Estado do Amazonas – Fieam, da qual foi presidente interino e até hoje faz parte de sua diretoria; presidente da Legião Brasileira de Assistência – LBA/AM; diretor da Santa Casa de Misericórdia; presidente da Associação Comercial do Amazonas e seu atual diretor; membro do Conselho Consultivo do Governo do Estado do Amazonas, e tantos e tantos outros cargos de relevo.

Para se ter ideia do imenso cabedal de suas realizações tornou-se necessário um livro. E foi exatamente por essa razão que o economista Raimar da Silva Aguiar veio a público com a obra de sua autoria “MOISÉS ISRAEL – A força motriz – Uma vida dedicada ao Amazonas, em alentadas 223 páginas, destacando:

*“Moisés Israel está no centro da vida pública e econômica do Amazonas, nos últimos 60 anos, a despeito de jamais ter aceito ser um político de carreira...”. E mais: “sua atuação o projeta na galeria dos grandes homens públicos da história recente da região amazônica”.*

Deploro, profundamente, no apertado tempo que me cabe para discorrer sobre volume tão extenso do valor dos homenageados, não possa eu debruçar-me sobre o quadro difícil por que atravessa o país, envolvido por impasses que estão a reclamar imediata solução: o político, indicador de que é preciso que seus agentes

estejam menos voltados para suas ambições pessoais e mais para os reclamos da sociedade; o impasse social, traduzido no desemprego, na fome, na falta de habitação, na violência, tudo isso resultante de uma profunda injustiça social.

Por falar em violência, as palavras de Gilberto Mestrinho, governador por três mandatos e ex-senador da República, em homenagem a Moisés Israel, no prefácio ao livro de Raimar Aguiar, merecem aqui ser transcritas:

*Ninguém constrói 40 empresas na floresta se não acredita no retorno econômico, social e humano do empreendimento. Esta é a grande contribuição desse lorde refinado travestido de guerreiro da floresta, uma figura marcante e inesquecível, que veio para consolidar um novo conceito de progresso e fazer do Amazonas a morada permanente da prosperidade: seu sonho maior.*

Caríssimo amigo Moisés Israel:

É hora de concluir. Não o farei, todavia, sem voltar ao começo desta saudação: Itacoatiara. Foi nesta cidade que você fez a doação de terrenos para que se tornassem realidades a instalação dos campi das duas instituições de ensino superior mais importantes do Amazonas: a Universidade Federal e a Universidade Estadual.

Por tantas razões – e aqui termino – esta homenagem é oportuna e justa. E nos seus 80 anos de idade – que nada mais representam senão uma juventude acumulada – ela traz o sinete daquilo que lhe é mais apropriado:

O TIMBRE DO MECENATO.

SEVERIANO PORTO, *Categoria de Artes*

---

Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto  
Ou simplesmente

SEVERIANO PORTO

Ao que me consta, aquele mineiro de Uberaba que se graduou pela Faculdade Nacional de Agricultura do Brasil, em 1954, iniciou as suas atividades amazônicas por volta dos meados de 1960 e adquiriu a respectiva cidadania por ato da Assembleia Legislativa do Estado, em 1973.

De logo, a sua atuação o elevou a membro do Conselho Estadual de Cultura, de novembro de 1967 a novembro de 1970 e do Grupo Técnico de Assessoramento e Coordenação dos Programas Setoriais do Plano Quinquenal do Governo do Estado do Amazonas, de 1968 a 1970.

Não pude conhecê-lo por essa época, em virtude da cassação, pelo Ato Institucional n.º 5, do meu mandato de deputado federal, da suspensão dos meus direitos políticos por dez anos e consequente perda do meu cargo de professor titular da Faculdade Direito do Distrito Federal (Ceub).

De longe, na cidade do Rio de Janeiro, tinha conhecimento do profissional que vinha revolucionando a arquitetura local, sem alterar as origens e as tradições do povo amazonense. E davam-me como exemplo o Estádio Vivaldo Lima, o Restaurante Chapéu de Palha e sua própria residência, os quais lhe consagraram

com premiações do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Cumprida toda a pena política a que me submeteram – e saindo da confinção a que impunha o Estatuto do Cassado – retornei à minha terra, já na qualidade de secretário-geral da Ordem dos Advogados do Brasil, oportunidade em que conheci, pessoalmente, o laureado arquiteto Severiano Porto e com ele convivi mais de perto.

Em 1986, por ocasião das eleições à Assembleia Nacional Constituinte – na qual postulava uma vaga de deputado federal – a amizade se estreitou, ano em que todos nós sentimos imenso orgulho ao vê-lo premiado pelo Instituto de Arquitetos do Rio de Janeiro, como Personalidade do Ano, honraria ao qual se juntava, no ano seguinte, a Menção Honrosa “Premiação Nacional”, agora pelo Instituto de Arquitetos do Brasil.

Ao acumular, Brasil afora, prêmios a mancheias, também o exterior não lhe ficou indiferente, eis que a Universidade de Buenos Aires lhe concedera, em 1985, o prêmio Bienal de Arquitetura de Buenos Aires, Argentina.

O que se torna digno de colocar em relevo é que ao lado das suas atividades profissionais e funcionais, o nosso homenageado desempenhou atividades em entidades de classe que bem atestam o seu alto grau de valor pessoal, tais como: Presidente do Departamento do Amazonas do Instituto de Arquitetos do Brasil, de 1977 a 1980, e Conselheiro Federal de Engenharia,

Arquitetura e Agronomia – Confea, de agosto de 1980 a julho de 1983, em Brasília, DF.

Os que me ouvem e conhecem de perto a biografia de Severiano Porto, estão por certo a se indagar por que não faço menção aos Seminários e Congressos dos quais participou ele no Brasil e no Exterior; às suas condecorações; à sua participação mais do que honrosa, como integrante do júri, a cada ano, de concursos e outorga de prêmios.

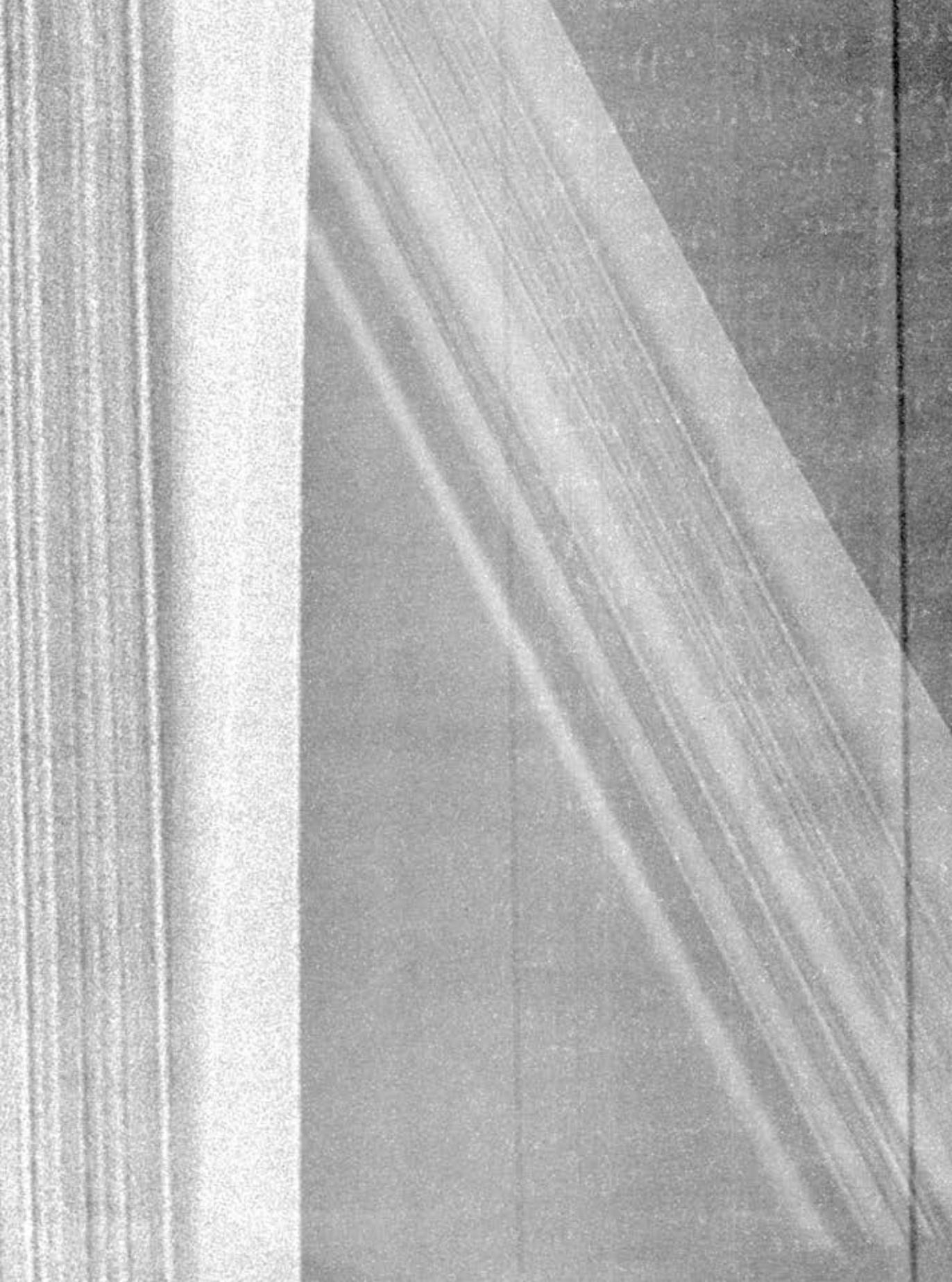
Ou, ainda, as conferências que proferiu Brasil afora; os prêmios recebidos etc.

Porque teria de ficar debruçado durante algum tempo sobre a sua biografia e não há nada pior para um orador – como frisava o sempre mestre Ruy Barbosa – do que a pressa a esporear-lhe os passos”.

Todavia, meu caro Severiano Porto, esteja certo de que a honra de saudá-lo pode ser que não a mereça eu. Não a discuto. Mas a alegria que me invade a alma, a emoção que me povoa o espírito jamais o será. Assim, soaria falso se tentasse escondê-la, utilizando-me do manto da modéstia, tantas vezes falsa e quase sempre insincera.

Por essa razão, ao concluir faço questão de salientar. A honraria é justa. Você a merece. Parabéns.

CICLO DE PALESTRAS  
*leituras essenciais*



## A DIVINA COMÉDIA HUMANA



• *Zemaria Pinto*

1

Pouco há para dizer de original sobre *A Divina Comédia*, o monumento que Dante Alighieri (1265-1321) ergueu no início do século XIV, em plena baixa Idade Média. Monumento eu disse? Trata-se de um lugar-comum, dos muitos que buscam representar a grande alegoria, construída com material tomado às mitologias cristã e greco-latina. Por isso, não se espante o leitor se não encontrar nestas mal traçadas nenhuma informação nova, nenhum raciocínio digno de nota.

Por outro lado, devo dizer, ecoando uma edição velhíssima, a minha primeira, que traz uma introdução de Carpeaux, que o prazer de reler *A Divina Comédia*, a despeito da “grave responsabilidade”, é mais que intelectual: é físico, sensual. Mexe com meus sentidos. “Pois trata-se do maior poema da literatura universal”. Ah, velho Maria, quanta irresponsabilidade ler a tradução empolada de Xavier Pinheiro, ilustrada por Doré, e, mesmo sem entender nada, ou quase nada, fruir a intensa melodia dos versos dantescos.

Não entendia porque “nel mezzo del cammin di nostra vita” virava “de nossa vida, em meio da jornada”; ou “e caddi come corpo morto cade” passava a “e tombei, como tomba corpo morto”; ou ainda “vergine madre, figlia del tuo figlio” transformava-se em “virgem Mãe, por teu Filho procriada”. Não que eu fosse fluente em italiano – nem o serei –, porém, a doce língua de Fellini, Pasolini e Antonioni soava-me estranhamente familiar. Mas nada sabia de métrica ou das leis internas do poema. E, sete lustros passados, tenho dúvidas se o sei.

Então, façamos de conta que esta é uma introdução a uma edição para jovens primeiros leitores, tal como o fora a primeira do bom Otto. Ao leitor mais exigente, mas ocioso, peço que aguarde uma ou outra provocação, semeadas ao léu. Nada que faça tremer os alicerces da grande catedral, claro. Apenas provocações aos que insistem em ler apenas o sentido literal do texto.

• • •

1. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 25 DE JUNHO DE 2006.



• DANTE ALIGHIERI, POR GUSTAVE DORÉ.

## II

Porque o próprio Dante declarou que o seu texto tem pelo menos quatro níveis possíveis de leituras: literal ou histórica, alegórica, moral e mística. Passarei ao largo desta, pois não tenho o estofó necessário para a abordagem. Muito contribuiu aquela leitura precoce para desaparelhar-me da ideia do sagrado. Sabia-me indigno de Beatriz e tinha consciência de que todos os pecados até então cometidos – e todos os que, de boa-fé, pretendia cometer – não me dariam mais que um lugar obscuro no Purgatório, no patamar dos invejosos ou no dos preguiçosos. Mas confesso que meu desejo mais recôndito era o ser condenado ao sétimo patamar, dos que se excederam na luxúria.

*Ó vós que tendes o intelecto são,  
vede a doutrina que o velame esconde  
destes versos estranhos que aqui vão!*

(O Inferno, IX, 61-63. Trad. Vasco Graça Moura.)

*A Divina Comédia* é uma floresta de símbolos, tal como a sonharia Baudelaire. Esses símbolos estão por toda parte, no poema, desde o metro decassílabo, passando pelo esquema rímico, em terça rima, até as óbvias imagens da prostituta que toma de assalto o carro divino, numa das mais interessantes passagens do Purgatório. A rapariga simboliza, claro, a própria Igreja do século XIV. Mas isso tudo só é óbvio, só é claro, porque há setecentos anos se destrinça, se desenreda a obra. Vamos a nossa modesta contribuição, que certamente somará pontos para que eu me candidate também ao patamar dos soberbos, que é para onde são mandados os pretensiosos. Ou não é a pretensão uma forma de soberbia?

## III

Começemos pelo realismo de *A Divina Comédia*. Dante não economiza detalhes realistas na sua narrativa, em especial nos sofrimentos infligidos aos condenados ao Inferno. Além do mais, a maior parte dos personagens de Dante é composta de pessoas que existiram de fato, boa parte delas, inclusive, contemporâneas do poeta. O próprio Virgílio, que lhe serve de guia no Inferno e no Purgatório, nascido em Mântua, foi o mais notável poeta de Roma, protegido de Mecenas e do imperador Otávio Augusto, morrendo, entretanto, sem conhecer Cristo, o que o condena ao Limbo, sobre o qual

falaremos adiante. Virgílio escreveu, em latim, a *Eneida*, que conta a sequência da *Odisseia*, culminando com a história da fundação de Roma, e, por extensão, da Itália. No imaginário da época, Virgílio representava o que Dante representa hoje para nós.

Mas o realismo de Dante não se assemelha em nada à escola que iria vigorar no século XIX. Dante faz um “realismo maravilhoso”, isto é, ao lado de fatos históricos e personagens reais, ele coloca elementos da mitologia cristã e da mitologia greco-latina. No conceito de realismo maravilhoso, que só foi estabelecido no século XX, os elementos mitológicos convivem de forma natural com os elementos realistas da trama. É o mesmo princípio dos contos de fadas. Para diferenciarmos do “realismo fantástico”, esclareça-se que neste, ao contrário, o sobrenatural acontece quebrando a harmonia da realidade.

Dante, aliás, utiliza *A Divina Comédia* para se expressar politicamente. Nada mais real que a política. Condenado à morte e exilado de sua Florença natal, o poema foi todo escrito nessa condição, entre 1302 e 1321. Dante, que perdera a luta política em Florença, tinha outras lutas a travar, como a separação entre o poder espiritual, representado pelo papa, e o poder temporal, representado pelo imperador. Dante defendia a monarquia como sistema de governo e defendia também que o papa não tinha o direito de se imiscuir nos problemas de Estado, uma atribuição exclusiva do monarca. Ao papa restava administrar o seu rebanho, o que era, por si só, tarefa gigantesca. Uma outra luta de Dante, difícil de compreender hoje, era pelo

fim da venda de indulgências: a Igreja vendia o perdão pelos pecados e só iam para o inferno os pobres, que não podiam comprá-lo. Por várias vezes, ao longo da *Comédia*, Dante condena esse comércio vil. Essas preocupações tão prosaicas estão refletidas na *Comédia*, especialmente no inferno, para onde Dante condena os que não pensavam como ele. Aliás, não se espante o neoleitor da *Comédia* com a intolerância de Dante: pobre, ele não perdoa aos ricos; vencido, não perdoa aos vencedores; errante, não perdoa aos estáveis. Inimigos e não inimigos amargam a eternidade no Inferno. Humano, demasiadamente humano.

#### IV

Escrevi *Comédia*, em vez do título completo. Então, é hora de mudar de assunto. O primeiro título dado por Dante ao seu superpoema foi exata e simplesmente esse: *Comédia*. A razão é aristotélica. A *Poética* preceitua que as obras que tratam de assunto nobre em estilo elevado – e invariavelmente terminando em uma carnificina – são chamadas de tragédias. Ora, a obra de Dante começa muito triste, no Inferno, mas termina numa explosão de alegria e felicidade, no Paraíso – e é lavrada em linguagem popular, em italiano, não em latim, como era praxe, pois Dante pretendia voltar laureado a sua Florença natal. Esses elementos, por oposição, levam-no a classificar seu poema de *Comédia*. Mas há que se observar que o sentido mais elementar da palavra é de celebração a Dioniso, divindade relacionada à embriaguez e à alegria provocadas pelo vinho. Nos cultos dionisiacos, verdades eram representadas ridicularizando aqueles que foram pegos em falta.

Reza a lenda que foi Giovanni Boccaccio (1313-1375), autor de um monumento menor, *Decameron*, quem, apaixonado, colou o adjetivo “divina” à *Comédia*. *Comentários sobre A Divina Comédia*, que Boccaccio escrevia antes de morrer, era uma compilação das conferências sobre a *Comédia* e seria o primeiro estudo de fôlego sobre o poema. Mas antes ele escrevera *Tratado em louvor a Dante*, a primeira biografia do mestre, responsável pela fixação de sua imagem como a conhecemos: rosto longo, nariz aquilino, corpo curvado e expressão melancólica.

## V

Uma outra discussão que irá sempre abalonar a paciência do leitor neófito é quanto ao gênero do poema. Seria *A Divina Comédia* um poema épico? Ou seria um imenso poema lírico, na verdade, composto de inúmeros pequenos poemas? A discussão é ociosa. Passando por cima dos conceitos, vamos ao que interessa. A resposta é nem uma coisa nem outra, simplesmente porque não tem características de um nem de outro. Antes, a *Comédia* é um poema alegórico – uma representação simbólica de pensamentos e ideias. É a alegoria da purificação de um pecador, que, vivendo no exílio, já estava em estado permanente de penitência. É a alegoria da história do povo italiano, contada nos inúmeros episódios em que personagens da história daquele país aparecem, ora degradados, ora penitentes, ora glorificados, de acordo com a visão do poeta. Mas é também uma alegoria da história da humanidade: a viagem de Dante é a viagem do Homem em busca de si mesmo, de sua

harmonia individual, tendo por fim a harmonia coletiva, sob as bênçãos de um Deus benevolente com aqueles que a Ele se submetem. Perceberam como a leitura alegórica transitou para a leitura moralista? Para Dante, seu poema é um instrumento que irá concorrer para o seu perdão político e pela sua glória como artista, mas é também o artefato que irá permitir ao seu leitor formar uma consciência histórica e, sobretudo, sedimentar opinião sobre as questões políticas e éticas do seu tempo.

## VI

É impossível falar da *Comédia* sem tocar num assunto ordinário: a estrutura do poema. Pula esta parte, leitor bem informado. O poema tem uma estrutura fechadíssima, apesar de seu desenvolvimento ser episódico. Mas Dante promoveu tantas amarrações que é impossível considerar a *Comédia* a não ser em sua totalidade. O poema, como já deve ter ficado claro para o leitor, divide-se em três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso. Cada uma dessas partes tem 33 cantos, sendo que o Inferno tem um canto introdutório, totalizando cem cantos, para um total de 14.233 versos. Os cantos são estruturados em estrofes de três versos e versos de dez sílabas, com um esquema rímico original, a terça rima ou rima dantesca, que consiste em rimar, numa estrofe, o primeiro verso com o terceiro e o segundo verso com o primeiro da estrofe seguinte, numa sequência que só é interrompida no último verso de cada canto, que é solto, descolado de um terceto. Veja como funciona a terça rima nas palavras que Dante e Virgílio leem no portal do inferno:

- Por mim se vai à cidade dolente,* (A)  
*Por mim se vai até a eterna dor,* (B)  
*Por mim se vai entre a perdida gente.* (A)
- Moveu justiça o meu supremo autor:* (B)  
*Divina potestade fez-me e tais* (C)  
*A suma sapiência, o primo amor.* (B)
- Antes de mim não houve coisa mais* (C)  
*do que as eternas e eu eterno duro.* (D)  
*Deixai toda esperança, ó vós que entráis.* (C)

(O Inferno, III, 1-9. Trad. de Vasco Graça Moura)

Cada uma das três partes termina com a palavra “estrelas” e cada lugar visitado tem dez compartimentos: um vestíbulo mais nove círculos no Inferno; uma área externa, um vestíbulo, sete patamares, mais o paraíso terrestre no Purgatório; e nove céus mais o empíreo no Paraíso. Esses números nos remetem a dois números como base de qualquer investigação numerológica na *Comédia*: 3 e 10 e seus múltiplos. O número três representa a Santíssima Trindade. O número dez é o número da perfeição, da totalidade, da volta à unidade após o ciclo dos nove números iniciais. Mas, atenção, leitor, a numerologia não tem amparo na teologia cristã.

A base científica da *Comédia* são as teorias de Ptolomeu, que acreditava ser a Terra o centro do universo. Essa teoria perdeu ainda por mais de dois séculos depois, até que Copérnico apresentasse os princípios do heliocentrismo. A base ético-moral-teológica da *Comédia* está, sobretudo, na *Suma Teológica* de Tomás de

Aquino. Mas o principal assunto da *Comédia* é a história, que Dante mescla, sem nenhuma consideração com a verossimilhança, com a mitologia. Ou seria esse procedimento a chave para melhor entender a intenção fictícia do poema? Deixemos de lado a mitologia cristã, que, no contexto do poema, é verossimilhante, e lembremo-nos de que uma das passagens mais marcantes do Inferno é o encontro de Dante e Virgílio com o herói Ulisses, que lhes dá uma versão inédita de sua morte. Há inúmeros usos dessa mitologia, como o Minotauro, Jasão, Medusa, as Fúrias, o cão Cérbero, entre tantos. Mas o paradoxo dessa mistura, me parece, é a invocação que o poeta faz a Apolo, pai das nove musas e patrono dos poetas, dentro do Paraíso, para descrevê-lo:

*Ó bom Apolo, ao fim em que laboro  
faz-me de teu valor o pleno vaso  
quanto pedes a dar o amado louro!*

(O Paraíso, I, 13-15. Trad. de Vasco Graça Moura)

## VII

Voltemos ao início da viagem. O tempo do enunciado do poema é de uma semana, começando no dia 8 de abril de 1300, o ano do Jubileu romano, estendendo-se à quinta-feira da semana seguinte. O personagem narrador, que se identifica como o próprio poeta, vê-se perdido numa selva escura, símbolo da vida desregrada do personagem. Ele tenta subir por uma encosta, mas é impedido por uma onça, um leão e uma loba que o forçam a descer a um lugar onde não alcançaria a luz do sol. Ali ele encontra a alma do poeta Virgílio, que,

atendendo a um pedido de Beatriz – amor platônico do poeta, morta precocemente –, se dispõe a guiá-lo pelo único caminho possível para sua salvação: inicialmente pelos reinos da dor, da esperança e, por fim, da bem-aventurança. Inicia-se a viagem, primeiramente transpondo a porta infernal que termina com a mais terrível das maldições: *deixai toda esperança, vós que entráis!* Mas antes é preciso dizer sobre a geografia do lugar. O Inferno tem um anteinferno, onde estão as almas recusadas por Deus e pelo Diabo; depois divide-se em duas partes: o alto Inferno, dos círculos um a cinco; e o baixo Inferno ou Dite, círculos seis a nove.

O primeiro círculo é o Limbo, onde se encontram as almas dos justos que viveram antes do cristianismo. Ali é a morada do próprio Virgílio: um castelo cercado por sete muros, símbolo das sete artes liberais cultivadas na Antiguidade. No segundo círculo, dos luxuriosos, ocorre um dos episódios mais comoventes da *Comédia*: o encontro com Francesca da Rimini e Paolo Malatesta. Dante tem clara simpatia pelos dois, mas o adultério não tem o seu perdão. E segue a viagem: no terceiro círculo, os gulosos; no quarto, avaros e perdulários; no quinto, os coléricos; no sexto, os hereges; no sétimo círculo, em três divisões diferentes, estão os violentos contra o próximo (assassinos), contra si mesmos (suicidas) e contra Deus e a natureza (blasfemos, homossexuais e agiotas). Neste último, Dante encontra seu velho mestre Brunetto Latini. No oitavo círculo, chamado Malebolge ou “fossas malditas”, em dez outras divisões, encontram-se os fraudadores: gícolôs

e sedutores, adutores, simoníacos, adivinhos, astrólogos e bruxas, corruptos, hipócritas, ladrões, maus conselheiros, criadores de intrigas e cismas e falsários. Finalmente, no nono círculo, acham-se os traidores, em quatro compartimentos assim denominados: Caína, traidores da família; Antenora, da pátria; Tolomeia, da amizade; e Judeca, da bondade. Na Antenora, Dante e Virgílio encontram-se com o conde Ugolino a roer o crânio de seu inimigo, o arcebispo Ruggeri. Ugolino narra a traição do arcebispo, que o caluniara e em seguida trancou-o numa torre com seus quatro filhos, condenados a morrerem de fome. Vendo o desespero do pai, que mordida a própria mão, as crianças oferecem suas carnes para prolongar a vida do pai. No ponto mais fundo do Inferno, que é também o centro da Terra, sobre as águas congeladas do Cocito, o próprio Lúcifer, com três faces e três bocas, mastiga os supremos traidores: Judas, Cássio e Bruto. As três faces de Lúcifer contrapõem-se à Santíssima Trindade, simbolizando o ódio, o vício e a ignorância. Judas, traidor de Cristo, é o símbolo da traição ao divino. Cássio e Bruto, traidores de Júlio César, representam a traição ao humano.

#### VIII

Dante e Virgílio, a partir do centro da Terra, começam um movimento de subida, saindo no hemisfério oposto àquele por onde entraram, até poderem rever a luz do Sol. Chegam ao pé de uma montanha, que é o próprio Purgatório, onde são recepcionados por Catão de Útica, símbolo da Roma antiga. Este é um ponto, para mim, até hoje impenetrável. Catão, suicida, vaga na parte exterior do Purgatório,

antes mesmo do vestibulo. No encontro com os poetas, ele relembra Márcia, sua esposa, que ficara no Limbo, onde ele também estivera. Catão, que preferira a morte a submeter-se a César, ocupa, na geografia da *Comédia*, um lugar estranho.

A viagem segue pelo Purgatório. O leitor vai notar que alguns pecados punidos no Inferno o são também ali. O critério deve ser de intensidade. No vestibulo, os peregrinos encontram os excomungados e os arrependidos de última hora. Os sete patamares da montanha representam os pecados capitais. No primeiro patamar estão os soberbos. No segundo, os invejosos. No terceiro patamar, os coléricos. Marco Lombardo, falando por Dante, diz que a corrupção decorre de maus governos e especialmente da confusão entre o poder espiritual e o poder temporal. O quarto patamar destina-se aos preguiçosos. O quinto, aos avarentos e perdulários. Neste, eles assistem ao espetáculo do fim da expiação do poeta napolitano Estácio, autor da *Tebaida*, que, purificado, após mais de 12 séculos de penitência, pôde, enfim, ascender ao Paraíso. Mas, segundo se apurou séculos depois, o Estácio poeta jamais se convertera ao cristianismo: Dante o confundira com um outro Estácio, retórico, de Tolosa. No sexto patamar encontram-se os gulosos e, finalmente, no sétimo, os luxuriosos.

No paraíso terrestre, o último patamar do Purgatório, Dante e Virgílio testemunham uma série de prodígios, até que um carro guiado por anjos traz, finalmente, Beatriz. Virgílio despede-se: estava cumprida sua missão, como

símbolo da humana sabedoria. Dali em diante todos os acontecimentos teriam um caráter divino, inalcançável a ele. Beatriz, num anticlímax, fria como uma santa, repreende Dante por seus pecados e o faz mergulhar no Letes, o rio do esquecimento, e, em seguida, no Eunoe, que mantém apenas as boas lembranças. Purificado, Dante eleva-se com Beatriz ao Paraíso.

## IX

A nova jornada tem início. O Paraíso tem características similares ao Inferno e ao Purgatório, mas as suas divisões estão suspensas no ar, gravitando em torno da Terra: são os corpos celestes, que aqui, numa licença poética, chamaremos de céus. O primeiro deles é o céu da Lua, onde se encontram as almas dos impedidos de praticar o bem ou de cumprir os votos religiosos. No céu de Mercúrio estão os que praticaram o bem movidos por interesses materiais. O terceiro céu é o de Vênus, onde se encontram, claro, as almas dos que gozaram os prazeres sensuais, mas se penitenciaram. No céu do Sol encontram-se os teólogos, onde se destaca, luminoso, Tomás de Aquino. O céu de Marte abriga os combatentes da fé, onde Dante encontra seu antepassado Cacciaguida, que discorre sobre a pureza dos antigos costumes florentinos. No céu de Júpiter estão os reis e príncipes justos. No silencioso céu de Saturno estão os espíritos contemplativos. No céu das Estrelas Fixas, Dante e Beatriz assistem à alegoria do triunfo de Cristo. No último dos céus, chamado de Cristalino ou Primeiro Móvel, Dante tem a visão da hierarquia celeste. Por fim, no céu imóvel, o Empíreo, Dante tem a visão da Rosa

Celestial ou Rosa Mística, encabeçada pela Virgem Maria. Tão friamente quanto aparecera, Beatriz some da visão de Dante para reaparecer ao lado da Virgem, onde se encontra um trono preparado para o imperador Henrique VII, de Luxemburgo, que Dante um dia acreditara poder redimi-lo. Henrique VII morreria em 1313, em meio à escritura do poema. Para guiá-lo no céu de Deus, aparece-lhe Bernardo, o lendário fundador da Ordem Templária, o que colocaria um tempero a mais nas possibilidades de interpretação da *Comédia*. Bernardo, como um bom guia, intercede junto à Virgem para que seja concedido a Dante contemplar a Deus, sendo a voz para um dos mais belos versos dantescos: “Vergine madre, figlia del tuo figlio...”. Ele vê, então, um tríplice círculo no qual está revelada a Trindade.

*Oh! Como é pobre a expressão humana para descrever o que vi! Toda ela, a mais alta, não bastaria para reproduzir o mínimo que eu pretendesse referir. Ó Lume Eterno, que em Ti próprio tens sede, só Tu a Ti entendes e por Ti és entendido, e amas e Te comprazes nesse entendimento!*

(O Paraíso, XXXIII, 121-126. Trad. Hernani Donato)

## X

A visão beatífica encerra a viagem. Então, voltemos a falar de literatura. Contrariando o senso comum, sempre tive por Beatriz um sentimento que oscila entre a repulsa e o medo. No meu imaginário cristão-juvenil, o demônio sempre tomava as mais belas formas e fazia sempre as promessas mais sedutoras.

O paradigma da tentação. Seria Beatriz um disfarce do demônio? Em *Vida Nova*, concluído, presumidamente, em 1294, Dante diz que a conheceu quando ambos tinham nove anos e só voltaria a vê-la nove anos mais tarde. Ele apaixona-se, ela o ignora. Beatriz casa-se aos 22 anos e morre aos 25, no nono dia, do nono mês, da nona década do século, segundo o poeta. Notaram com que insistência o número 9 aparece? Beatriz é apenas uma fantasia platônica do moço Dante ou é uma fantasia literária do poeta Dante? A eleição de uma amada que acompanha o poeta por toda sua obra não começou com os árcades lusobrasileiros, no século XVIII, nem com Petrarca, no XIV. É uma tradição que remonta a Catulo e Ovídio, mil e trezentos anos antes. A novidade introduzida por Dante é a morte da amada: ele não escreve para ela, mas sobre ela. No derradeiro parágrafo de *Vida Nova*, Dante afirma que “se aprouver àquele por quem todas as coisas vivem que minha vida dure por alguns anos, espero dizer dela o que nunca se disse de mulher alguma”. Se Beatriz Portinari não tivesse morrido tão cedo, teria Dante escrito *A Divina Comédia*? Ou a heroína teria outro nome? Beatriz, literalmente, significa beata... Mas, por tudo isso, a personagem Beatriz é única: evoluindo do amor humano ao divino, ela é a personificação sacralizada do amor carnal. Jamais haverá outra Beatriz.

## XI

A recepção à *Comédia* começa com Boccaccio e se estende pelos últimos sete séculos, encontrando, entre a crítica contemporânea, uma unanimidade que quase nega o axioma de Nelson Rodrigues, não fosse por Octavio Paz –

para quem a leitura de Dante só é possível dentro da perspectiva histórica da época – e Harold Bloom – que, com sua mania clerical de cânones, elege Shakespeare como o centro do seu, relegando o florentino a um mero segundo lugar. Concorre para isso o fato de Dante haver “fundado” a língua italiana, a partir dos inúmeros dialetos que forjavam o que ele mesmo chamou, em bom latim, de “vulgari eloquentia”. Foi a partir de seu poema que a língua italiana se estabeleceu. Se a *Comédia* fosse escrita em latim, o que muitos por muito tempo lamentaram que não o fosse, não teria hoje a importância e o reconhecimento que tem, pelo fato de ser escrita em uma língua viva, que o fluente lê sem nenhuma dificuldade.

Em um ensaio de 1929, T. S. Eliot escreve que “o estilo de Dante tem uma lucidez peculiar – uma lucidez poética, diversa da lucidez intelectual. O pensamento pode ser obscuro, mas a palavra é lúcida, ou melhor, translúcida”. Mais adiante, ele arremata: “A experiência de um poema é, ao mesmo tempo, a de um momento e de uma vida inteira (...) Superamos e sobrevivemos à maior parte dos poemas, como superamos e sobrevivemos à maioria das paixões. Dante é um daqueles com os quais apenas esperamos crescer até o fim de nossa vida”.

Para Ezra Pound, Dante é um inventor e um mestre. Pound entende que a maior qualidade da *Comédia* é sua “materialidade”, isto é, esqueça o leitor todo o aparato crítico – o contato físico com a obra é o bastante. Ele mesmo, Pound, em vez de tecer altas elucubrações em torno da obra, limitava-se a citá-la no original – era a

melhor crítica que julgava poder fazer. Jorge Luis Borges é categórico: “a *Divina Comédia* foi o melhor livro que os homens escreveram”. Ou: “o conhecimento direto da *Divina Comédia* é a felicidade mais inesgotável que a literatura pode nos dar”.

Para Philippe Sollers, a universalidade e a intemporalidade de Dante “presta-se a tudo o que se quiser: a universidade, o academicismo e o modernismo podem cada qual reivindicá-lo sem grandes riscos”.

Com sua habitual e antiantesca tendência ao hermético, Haroldo de Campos escreve que o “olho de Dante é o de um artista óptico, cinético, apto a divisar a luz na luz, o íris no íris, o fogo no fulgor: espécies luminosas, ‘distinções em claridade’ (...) E o mistério, o enigma teológico, se resolve em epifania, faneroscopia, escrita paradisíaca: luz”.

Entendeu?

O compatriota Ítalo Calvino afirma que a “genialidade” de Dante consiste em “extrair da língua todas as suas possibilidades sonoras e emocionais, tudo o que ela pode evocar de sensações; em capturar no verso o mundo em toda a variedade de seus níveis, formas e atributos; em transmitir a ideia de um mundo organizado num sistema, numa ordem, numa hierarquia em que tudo encontra seu lugar (...) Dante empresta solidez corpórea até mesmo à mais abstrata especulação”.

Comentando esses escritores-críticos, Leyla Perrone-Moisés diz que a *Comédia* “não é lida

como um texto religioso, mas como um texto no sentido moderno da palavra, como um tecido verbal revelador de um formidável 'ofício' e dotado de uma capacidade infinita de produção de novos sentidos. A linguagem não é mais encarada como um meio, mas como um fim. Dante não é, para eles, um mestre de teologia e de moral, mas um mestre de linguagem, e é como tal que ele é fonte de prazer e de conhecimento permanentes”.

## XII

A ficção de Dante deve ser lida, meu caro jovem leitor – por um momento me esqueci de ti –, como um poema inigualável, com todas aquelas características de um grande poema: música intensa, imagens sedutoras e a harmonia das palavras – em sons e imagens – dançando enlouquecida em nossas mentes. Esquece a história, esquece a moral, esquece o caráter místico – e vive o poema. Voltemos àquele ponto, muitos parágrafos atrás, onde dizíamos que Dante faz a viagem do Homem em busca de si mesmo, de sua harmonia individual, tendo por fim a harmonia coletiva. Depois de viajarmos, um tanto apressados, pelos três reinos do além-Dante, podemos acrescentar que essa viagem é uma representação metafórica da elevação espiritual do ser humano. Esta, entretanto, só se realizará plenamente em uma estrutura social onde haja paz, justiça e fraternidade, trindade que Dante resume na palavra *Amor*, que move o sol e as outras estrelas. Daí se concluir – uma conclusão em tantas possíveis – que *A Divina Comédia*, muito além da poética elevação espiritual do homem, visa também incutir no indivíduo-leitor a consciência de uma prosaica necessidade de

aperfeiçoamento das instituições políticas e sociais. Essa a grande realização de Dante: unir numa obra para sempre única todo o conhecimento e todo sonho e desejo possíveis e impossíveis.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – O Inferno*. Trad. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Divina Comédia – Paraíso*. Trad. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Divina Comédia – Purgatório*. Trad. Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Trad. Hernani Donato. São Paulo: Abril, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A Divina Comédia*. Trad. Vasco Graça Moura. São Paulo: Landmark, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Vida Nova*. Trad. Paulo M. Oliveira e Blasio Demétrio. In: *Os Pensadores VIII*. São Paulo: Abril, 1973.
- BERNARDINI, Aurora F. e outros. *Dante Alighieri*. São Paulo: EntreClássicos 1, Duetto, 2006.
- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas – Vol III*. São Paulo: Globo, 1999.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental*. São Paulo: Ática, 1990.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## A MÚSICA NA ÉPOCA DE CAMÕES – *um dizer sonoro humanista*



• *Lílian Pereira*

A música tem em seu fim a sonoridade aplicada ao pensamento, ideia, afeto e, ao longo de toda a história da arte, foi associada à palavra, às liturgias cristãs, às poesias profanas e satíricas servindo como “suporte” para um entendimento mais amplo do texto. Desde o seu surgimento como forma de expressão, a música é usada para demonstrar e/ou reforçar campos do pensamento humano, em sua individualidade e coletividade, e é redundante dizer que, como outros segmentos das artes, tem seu poder de transformação, de elevação humana.

Seja no campo da religiosidade pura ou aliada à filosofia, a música sempre teve papel determinante imbuindo este ou aquele pensamento e sentimento em processos catárticos. Na cultura grega, por exemplo, as palavras cantor e poeta serviam ao mesmo significado e sempre que naquela cultura se dava menção aos “deuses”, necessariamente, se dava através de textos declamados em canto, portanto, poesia e música sempre foram intimamente ligadas e, sendo para a cultura cristã ocidental, uma das formas mais

importantes para explanação de tudo o que abarca o pensamento e as atitudes humanas, a filosofia e religiosidade. Acrescente-se a importância que teve a Igreja Católica, não como detentora e condutora do processo de criação musical, bem como da força inibidora proveniente de imposições e que serve para tolher o que nasce imbuído de liberdade, mas como impulsionadora da criação das regras de composição usadas desde a Idade Média.

A breve explanação se propõe a trazer à tona a profunda discussão acerca da “função” humanista da música instalando, assim, uma questão crucial: a música já começara a descobrir a polifonia como meio fecundo de expressão e a volta ao dito antigo significava também “abrir mão” dos ganhos gerados por esse conhecimento fomentado pela escrita polifônica e ascensão da música instrumental.

• • •

I. PALESTRANTE CONVIDADA, É PROFESSORA DE MÚSICA E REGENTE DA ORQUESTRA DE CORDAS DE MANAUS. PALESTRA PROFERIDA NO DIA 7 DE ABRIL DE 2007.

O contato com a antiga cultura greco-latina (movimento este que circundou toda a classe de filósofos, cientistas, artistas) submeteu o mundo a uma estrondosa transformação na época da Renascença, principalmente os grandes centros da Europa. Os que buscaram na filosofia e na literatura antiga a luz para uma nova visão de mundo, questionavam o porquê da música não despertar paixões diversas, como seguramente havia sido na antiguidade. Prova disso era a contundente importância das artes na cultura greco-latina e mais especificamente a música como meio de expressão seguramente aceitável em todas as classes sociais visto que, “concebida” através do uso natural do sentido da audição e escapando ao lirismo dos grandes poetas e filósofos, tornava-se força impulsionadora dos sentimentos.

Dada essa urgente busca por um sentido relevante à música, cresceu a aspiração de “recuperar” o sentido da arte dos sons através de um olhar minucioso no passado como assim já faziam os pintores, escultores, arquitetos e escritores em seus ofícios.

No teatro grego o termo monodia se referia ao monólogo da tragédia sendo, então, uma forma de recitação dramática feita por um só ator. Dessa forma, é plausível que, para os humanistas que buscavam uma sonoridade fundada na perspectiva estética grega, encontrassem no potencial expressivo da monodia um terreno fértil à ligação estreita e efetiva entre música e poesia/texto. A monodia transcende o apogeu da cultura grega e se estende para tempos posteriores sendo possível encontrá-la nos cantos litúrgicos cristãos, nas

músicas dos trovadores e menestrelis quando estudamos sobre a Idade Média.

Um dos maiores, senão o maior pesquisador da música nessa época foi o filósofo Girolamo Mei. Segundo Claude Palisca (1985), importante musicólogo do séc XX: “Com o trabalho de Mei encontramos pela primeira vez uma pesquisa histórica no campo da música. Não somente por sua objetividade, mas ainda por seu alcance exaustivo, a investigação de Mei sobre música grega supera toda e qualquer tentativa anterior nesse campo”.

Procurado por Vincenzo Galilei (músico italiano que teve importante papel na revolução musical da polifonia medieval para a modulação harmônica, e que é mais conhecido como pai do genial matemático Galileu Galilei), Mei registra toda a sua pesquisa, bem como as discussões fomentadas por ela, em cartas escritas, na sua maioria, para Galilei.

Afirmava-se que a música polifônica destruía o sentido do texto e o tornava incompreensível com todo o emaranhado de vozes e sons que é característico da polifonia. A despeito disso, Gioseffo Zarlino afirmou em sua obra *Institutione harmoniche* (1558) em:

*Se é verdade que a música agrada mais quando é simples do que quando feita com muito engenho e cantada a muitas vozes, pode-se compreender que o prazer seja maior ao se ouvir apenas um cantor ao som do órgão, da lira, do alaúde ou de outro instrumento similar, do que quando muitos são ouvidos simultaneamente. Se também o canto a várias vozes move nossa alma, não resta dúvida,*

*contudo, que com prazer maior se escutam aquelas canções cujas palavras são pronunciadas ao mesmo tempo pelos cantores, do que as composições doutas que se ouvem as palavras divididas em diferentes vozes.*

A Itália firma-se com uma importância incomum desse processo de transformação, inclusive, porque é nesse país que há o prenúncio do desenvolvimento capitalista do Ocidente, muito notoriamente em Gênova e Veneza.

Em Florença surge a Camerata di Bardi (Bardi é uma alusão ao mecenas e músico amador Giovanni di Bardi). Eram músicos impulsionados e influenciados pelos ideais humanistas, que transpuseram para a música os princípios e norteamentos da tragédia grega onde a expressão do texto assume a importância central no discurso musical e onde a música não deveria contradizer o tom afetivo das palavras. A melodia ou voz principal estaria sempre subjugada à expressão da palavra, do sentido do texto e este, elaborado dentro das normas da retórica clássica e na legitimidade de suas inflexões, o que suscitaria numa expressão mais intensa dos afetos e das paixões.

O porto no qual se ancora essa reflexão é o da crença de que a experiência artística possa ser, também, educadora, formadora e humanizadora. Dentro desse entendimento, buscava-se na arte musical, a exemplo da poesia, uma forma de tocar a alma humana e dotá-la de saber e de uma conduta ética, que comovesse o espírito e orientasse o homem na sua formação tal qual eram as outras vertentes da arte.

Por outro lado, a Igreja também fundamenta a continuidade da monodia tendo por objetivo fazer com que os fiéis entendam todas as palavras da liturgia e para isso a polifonia e toda a refinada construção de sobreposições melódicas, não poderia atender ao intento da liturgia que deveria ser clara e sem arestas que dessem espaço a interpretações. Para iniciar então uma mudança marcante na forma da música religiosa, aparece a figura de Giovanni Pierluigi de Palestrina (1525-1594) que, apesar de dar ao coro-a-capela uma solução de sonoridade perfeita e de dispensar o uso de instrumentos, dota as vozes de um tratamento polifônico riquíssimo, o que lhe confere maestria visto que consegue sobrepor-se à Igreja de forma a não entrar em conflito com ela. O Concílio de Trento, convocado em 1545 para reformar a prática litúrgica, trouxe em seu bojo um sentimento humanista. A História registra que Palestrina “salvou” a polifonia de seus oponentes que preferiam o cantochão e usou para tanto a composição da famosa e importante obra do gênero sacro *Missa Papae Marcelli*, onde fez uso extenso das técnicas polifônicas. Numa época em que a polifonia tinha atingido um nível até então desconhecido por meio de compositores como G. P. Palestrina com seus grandes madrigais, por exemplo, essa proposta representava uma verdadeira revolução, bem como uma restauração da música antiga, que em seus seguidores havia tão somente a negação de todo o desenvolvimento técnico da composição e execução instrumental e artístico da época.

Juntamente com outros compositores da época como: Josquin des Prez (a história o elege

como Pai da Polifonia); Orlando di Lasso (um dos maiores compositores da música sacra renascentista), Palestrina conduziu a música religiosa, através do fecundo caminho da polifonia.

Para melhor ilustrar a importância da poesia para a música, é relevante falar sobre o Movimento Petrarquiano:

*O poeta Francesco Petrarca (1304-1374) foi um importante escritor, poeta e humanista italiano. Petrarca teve sua obra trazida à tona graças, em grande parte, a Pietro Bembo (poeta, estadista e cardeal, 1470-1547) que, ao preparar a edição em 1501, do Canzoniere de Petrarca, notou que as emendas se deviam na maioria das vezes à sonoridade das palavras e não ao desejo de imagens ou sentidos estritos “O ritmo, a estrutura da rima, o número de sílabas por verso, a acentuação, a duração das sílabas e as propriedades sonoras de determinadas vogais ou consoantes eram os elementos que contribuíam para tornar um verso aprazível ou grave. Os compositores tomaram consciência destes valores sonoros a partir da poesia de Petrarca (Claude Palisca. História da Música Ocidental, pag. 237).*

Bebendo nessa fonte da reconstrução da música desse período, encontramos Claudio Monteverdi (1567-1643) que se torna o ponto alto da música renascentista quando tratamos do surgimento do gênero ópera, bem como de tudo o que engloba a música vocal.

Monteverdi desenvolveu a linguagem de seus dramas sintetizando as duas vertentes: a monodia e a polifonia. A compreensão do texto

faria dessa nova forma um estilo especialmente apropriado para representações teatrais e que culmina no nascimento da ópera. Não somente o gênero ópera, mas a música instrumental, a partir de Monteverdi, adquire um sentido retórico próprio submentendo-se ao discurso, ao sentido e à finalidade da música tendo como alvo principal a dramaticidade, para, através desta, mover os afetos da alma.

Compõe *L’Orfeu* (1607) – poema que ele próprio batiza como uma *favola in musica*, a primeira ópera da história da música ocidental e de onde surgiu toda a técnica desse gênero que viria a se desenvolver nos séculos seguintes com compositores como W. A. Mozart e C. W. Gluck. *L’Orfeu* é a primeira obra neste novo gênero e torna-se, pelo fato de traduzir tão ricamente essa nova forma de compor fazendo uso de elementos inusitados e empregando a música com toda a gama de possibilidades para uma melhor explicitação do texto, resultando numa forma até então inaudita, a primeira ópera da história da música ocidental e de onde também surgiriam novas formas e técnicas que seriam aplicadas em toda a produção do gênero nos séculos seguintes a saber: a ária, diversos motivos condutores, a canção estrófica, o recitativo.

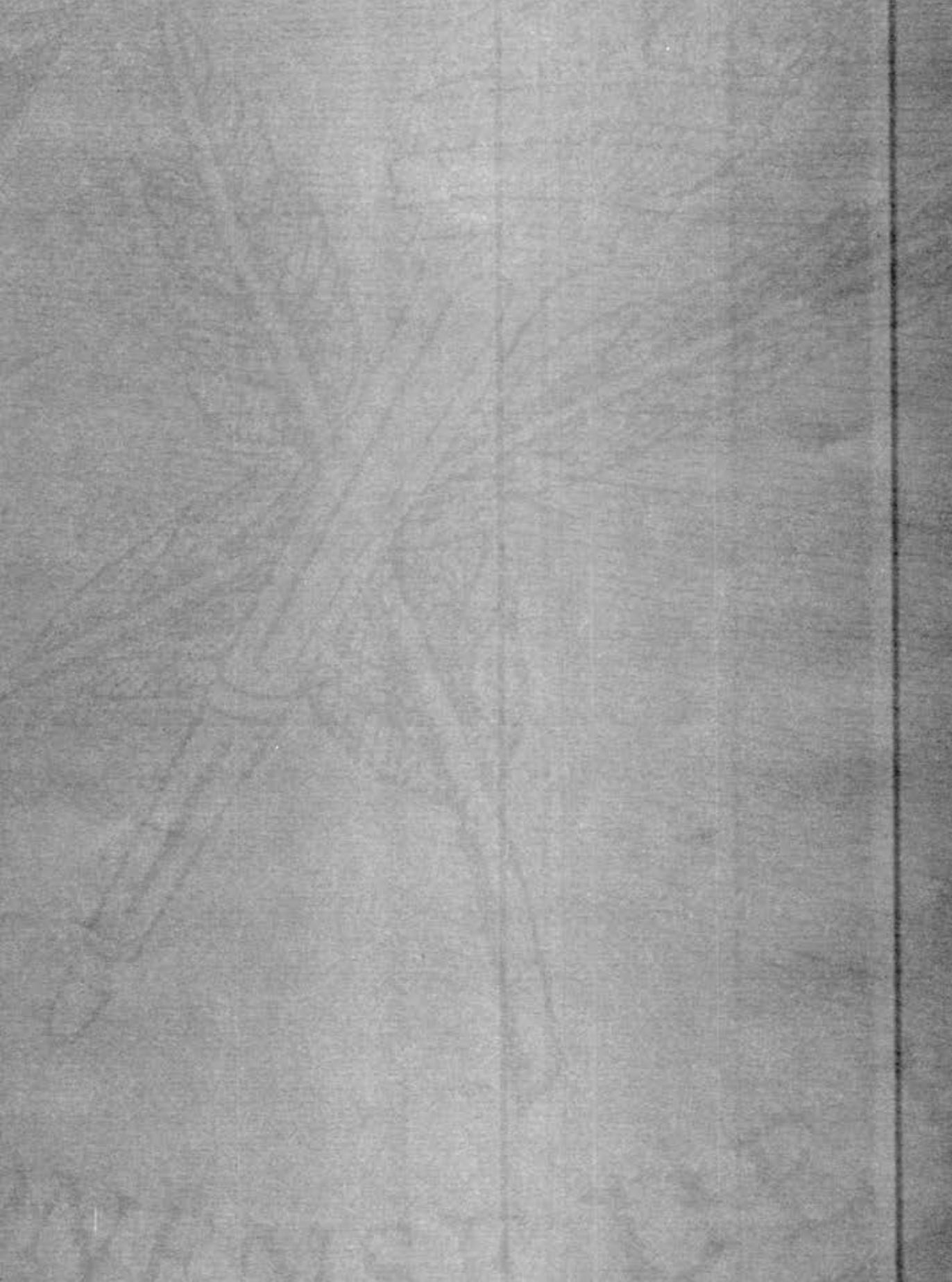
Foi composta, com libreto de Alessandro Striggio, por alto funcionário da corte do duque de Mântua e também amigo de Monteverdi. O fato de serem amigos talvez tenha contribuído para que a ópera fosse criada dentro da mais estreita cumplicidade entre poeta e compositor. Nessa época, havia também uma certa cumplicidade entre

compositor e intérprete sendo esta a título de um profundo conhecimento das regras de composição por parte dos intérpretes que, mesmo sem descrições precisas do que se deveria fazer em determinado trecho da obra, fazia respeitando a unidade e as inflexões que identificariam o compositor e seu estilo. Isso se dá corriqueiramente em *L'Orfeu*. Ao longo da história, a importância da figura do intérprete se modifica. O intérprete que no Renascimento improvisava, e que de certa forma criava mesmo que fosse dentro de uma unidade determinada pelo compositor, limita-se a reproduzir exatamente o que estaria escrito na partitura já no período do Barroco e, então, perde em riqueza de improvisos e construção artística e ganha em nível de conhecimento e possibilidade técnica do instrumento, pois as composições escritas para instrumento solista e/ou grupo de instrumentos no Barroco são, antes de tudo, virtuosísticas mesmo dentro da retórica instrumental que se instaura tão fortemente desde o final do Renascimento.

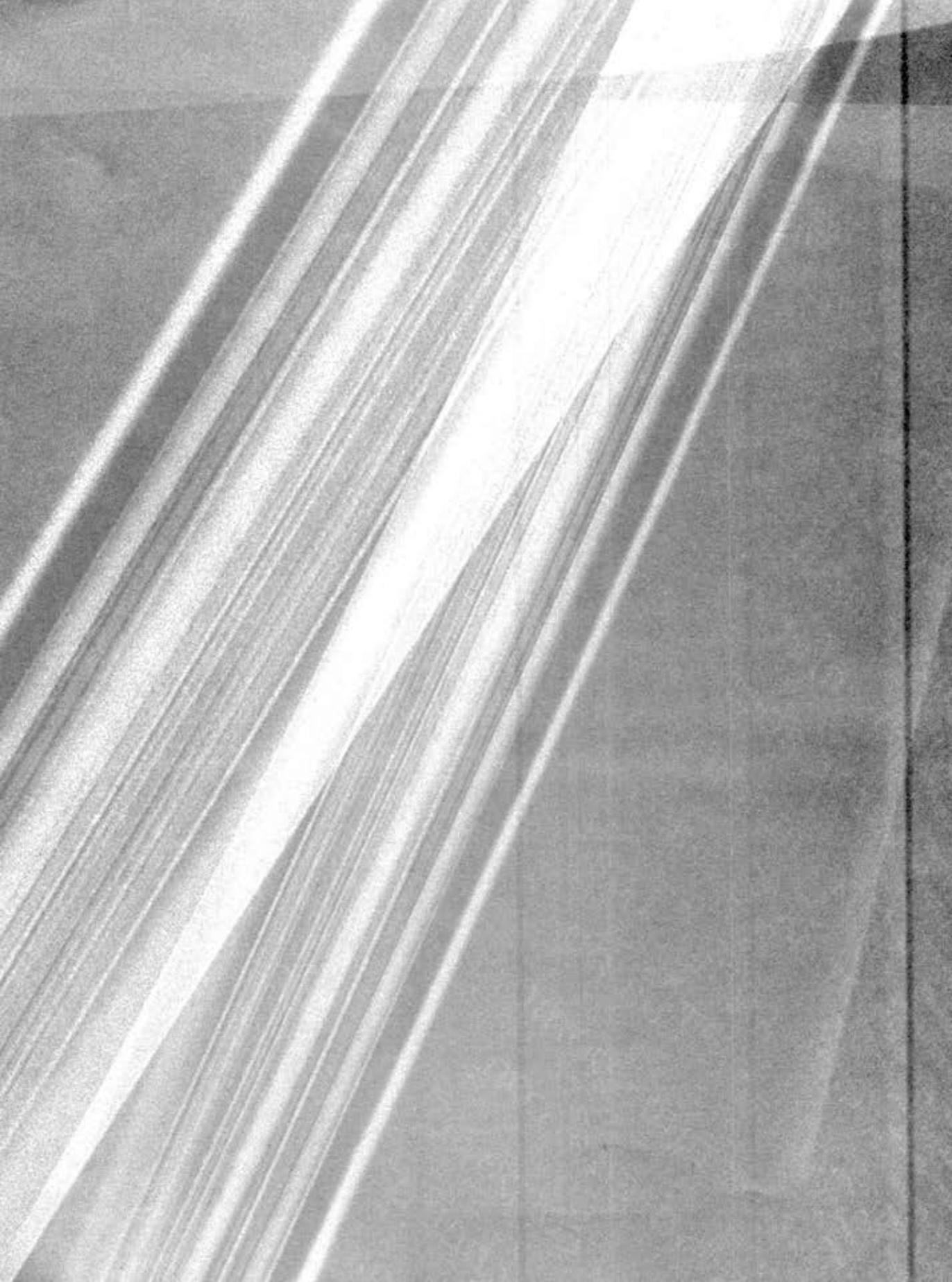
A *favola in musica L'Orfeu* é um drama que se constrói em dois mundos: mundo pastoril, com toda a graciosidade que a natureza deste impõe, evidencia a felicidade e satisfação sentidas por Orfeu depois que Eurídice cede ao seu grande amor. E o mundo dos infernos com suas sombras infelizes e figuras assombrosas. A obra se estrutura dentro do princípio barroco do *chiaro-oscuro*. Com referência ao mundo pastoril, acontece durante o 1.º ato, o “Canto ao Sol” onde Orfeu exalta a natureza numa forma de bendizer ao mundo e a todos que ali estão. Inicia-se por um recitativo onde o texto é livremente declamado no que concerne ao

rítmo até onde o baixo (duoi contrabassi de Viola) se faz claramente ritmado transformando a canção em contracanto mantendo, a partir daí, uma importância harmônica. Este princípio mantém-se nos séculos XVII e XVIII na música instrumental onde podemos perceber, em algumas sonatas, que o acompanhamento torna-se estático em algumas passagens exatamente para dar ao solista uma liberdade maior de execução e, por conseguinte, de interpretação.

Monteverdi inaugurou com *L'Orfeu* um novo e rico período da história da música que desembocaria no Barroco. A estrutura formal da referida obra, os aspectos de inovação, as técnicas de instrumento adaptadas e enriquecidas pelo e dentro do novo estilo, o sentido sonoro ancorado na finalidade dramática da obra, tudo isso fez com que *L'Orfeu* ganhasse importância no que diz respeito à história da música e suas referências principalmente no gênero da ópera. *L'Orfeu* como importância histórica, segundo alguns musicólogos, inaugura o Barroco e diseca as possibilidades sonoras da música renascentista.



alguma *poesia*



Luiz Bacellar<sup>1</sup>

*Meu querido poeta: a vida agora  
nos separou. Definitivamente  
nos ficaram teus versos. Como outrora  
continuam a encantar-me. Novamente*

*ao lê-los e relê-los a cada hora  
uma lágrima se escapa sutilmente...  
Mas eu teimo em relê-los! Muito  
embora  
sua magia de ocasos... Se presente*

*Uma saudade pálida, cantando,  
que vai sonoramente murmurando  
segredos nos meandros da canção...*

*E tu, poeta, nos comoves tanto...  
E ao te relermos nos renova o pranto  
que é sempre um bálsamo pro coração.*

A torre da Vivendinha  
(Biblioteca Jorge Tufic)



---

Jorge Tufic

*Chegou a tempo essa torre  
no sítio do amigo Régis  
cuja esposa é Dona Aurila;  
veio a tempo, em traços breves  
a original biblioteca  
numa vivenda tranquila.*

*A simples arquitetura  
com meu nome inscrito ali,  
me transporta aos velhos idos,  
porquanto o nome Tufic  
já subira em outras pedras  
de tantos feudos perdidos.*

*Não é torre sem castelo  
que o castelo anda no ar,  
ela tem glebas imensas  
nas serras de algum luar;  
torre de livros, memórias  
que outro tempo há de guardar.*

*Mas essa torre contém  
sob as noites estreladas,  
livros, fotos, coisa assim,  
um relicário entre fadas  
que andam pelo jardim;  
são letras que viram flores  
quando recende o jasmim.*

*A torre vê, muitas vezes  
sem a frequência devida,  
muito brinde e muita gente  
ao rés do chão e da vida;  
nunca se queixa do tempo  
em que ficara esquecida.*

*Quem vem da Estrada do Fio  
e dobra pra Vivendinha,  
uma cena bem diversa  
lhe aparece na estradinha;  
é a presença de um castelo  
cuja princesa é a torrinha.*

*Nessa torre está meu sonho,  
bem antigo, medieval,  
sete torres desenhei  
em busca de torre igual;  
esta veio por encanto  
como um gesto fraternal.*

*Sabedor desse projeto  
que há tempos me deslumbrava,  
o Régis Frota, em segredo,  
minha torre desenhava.  
Foi quando em 2006  
essa obra inaugurava.*

*Para o ato desse evento  
Lelo e Lila deram festa;  
um dia assaz temperado  
sem louvores para a sesta.  
A torre foi batizada  
com brindes e com seresta.*

*Tenho, afinal, minha torre,  
da forma que pude ter,  
ela guarda as minhas obras  
e um pouco do meu viver:  
na torrinha que me deram  
as outras devo esquecer.*

*Bem haja, pois, a amizade,  
luzeiro que não se apaga,  
a torre que tem meu nome  
quantos nomes não propaga!  
São livros, pontes, caminhos  
que outros caminhos afaga.*

*Pois sendo ela uma torre  
também serve de farol,  
disseminando a verdade  
trabalhando sol a sol.  
É a sentinela dos muros  
na forma de um girassol.*

*Termino dizendo “grato”  
por essa bela homenagem,  
que de resto valoriza  
além do sítio, a paisagem.  
E a lua aqui se demore  
quando estiver de passagem.*

---

Almir Diniz

*Gosto do teu sorriso que diz nada  
e do manso gestual que fala tudo...  
Se descerras os lábios, fico mudo,  
mas se libero a voz, ficas calada.*

*Teus arrulos de pomba requestada  
assemelham-se a trinos de veludo;  
se usas tua mudez por vão escudo,  
os olhos te abrem a alma enamorada.*

*Esses murmúrios vagos vestem medos,  
São armas a inibir certos folguedos,  
Segredos que não queres revelar.*

*Sob a lei do silêncio que te impões  
Fluem temores, finam-se ilusões  
Negando a luz do amor e o bem de amar.*

*Ensaio* ACADÊMICOS



## A “Pousada do Milton” • • •

---

Almir Diniz

*Na bela Lagoinha, atento estando  
à paisagem nativa, à praia, à flora,  
saúdo a paz, que nesta terra, agora,  
vive no “Milton”, onde estou sonhando*

*É madrugada, o dia vem raiando,  
O vento tange o mar, o verde aflora  
no vão das ondas, no fulgor da aurora,  
exercitando o seu poder de mando.*

*Fito a faixa de luz tecendo o dia  
e a maré derramando poesia  
ao aninhar-se na praia, sem intervalo.*

*O mar está tão perto e a onda panda  
que desta rede atada na varanda  
chego a esticar a mão para pegá-lo.*

Max Carpentier

- 1 *Rogo à Virgem Cabocla  
por todos os que são verdes  
na esperança do Reino.  
Não há folha, peixe, nuvem,  
rio e tarrafa e homem  
e luta e sonho de justos  
fora da minha oração.*
  
- 2 *Nós construiremos na Amazônia  
o Reino que em Nazaré  
sonhava o Senhor da Virgem.*
  
- 3 *Vinde, Senhora. Os guizos do vosso manto  
serão cascatas verdinhas.  
E haverá suspiros nas moitas  
como notas de oração.*
  
- 4 *O caboclo atira longe o seu pecado  
como a rede que não presta,  
e recolhe da Virgem-Mãe  
um presente de misericórdia  
como a rede que sobe cheia.*
  
- 5 *O pecado primeiro não foi nosso:  
vivia a Selva conosco  
como vivem irmã e irmão.*

- 6 *Mas o assalto, vestido de humildade,  
chegava pé ante pé  
como a serra que esconde o seu canino.*
- 7 *Senhora, pecaram contra o verde,  
e a culpa escorre no lodo dos rios,  
os frutos que se acabam em plena flor.*
- 8 *Tanto ninho morreu, que até no céu  
houve carência de pluma  
e fraqueza de aurora.  
Mas persistiremos na esperança,  
porque todo o cálice do Gólgota foi sorvido,  
e agora é esperar que ele transborde, novo,  
com o maná de alegria prometido  
aos que prosperam na fé.*
- 9 *Agora só de Fátima, de Lourdes,  
Aparecida,  
Mas de Manaus e seu povo,  
a Senhora do Senhor  
é invocada e louvada  
no terço belo dos rios,  
rosário de tucumãs.*

Do livro *Nossa Senhora de Manaus*  
(*Orações e Salmos*), Grafima, Manaus, 1995.

Alencar e Silva

*As sombras sepultaram seus cadáveres,  
as águas renovaram-se nas calhas,  
floriram novamente as velhas árvores  
e o vinho iluminou as pétreas talhas.  
De novo a paz se fez na dor dos mártires,  
em luz viva tornaram-se as mortalhas  
e um brinde ergeu-se aos céus nos altos cálices  
pela paz do Menino sobre as palhas.  
Outra vez vem a luz que O anunciava  
desde o Oriente, pela voz dos Magos,  
com a Boa-Nova para o novo dia.  
Outra vez vem a luz de áureos afagos  
Luz que se ergue entre os homens. Luz dos céus,  
Luz que transubstancia o próprio Deus.*

Do livro *Sob o sol de Deus*

## Quando a verdade for flama . . .

---

Thiago de Mello

*As colunas da injustiça  
sei que só vão desabar  
quando o meu povo, sabendo  
que existe, souber achar  
dentro da vida, o caminho  
que leva a libertação.  
Vai tardar, mas saberão  
que esse caminho começa  
na dor que acende uma estrela  
no centro da servidão.  
De quem já sabe, o dever  
(luz repartida) é dizer.  
Quando a verdade for flama  
nos olhos da multidão,  
o que em nós hoje é palavra  
no povo vai ser ação.*

## Soneto da Felicidade



Lafayette Vieira

*De princípio, na igreja, meu êxtase era tanto  
que imaginei ser fácil amá-la e entendê-la”.  
Depois, mais tarde, a mágoa me causou tal pranto,  
que pensei fugir dela e nunca mais revê-la.*

*Quis, tentei, lutei, não consegui, entretanto,  
deixar de pensar nela e muito mais querê-la,  
porque aumentava sempre e muito, muito e quanto,  
a minha viril ânsia de abraçá-la e tê-la.*

*Entre o entender, entre o cismar e a própria lida,  
há algo que dissocia o verso da escala,  
o amor do bem-querer, o céu da sobrevida.*

*É que a mulher nasceu pra amar e ser querida,  
pra produzir a vida e deslumbrar a sala,  
mas nunca, porém, pra ser compreendida.*

(Inédito)

---

Lafayette Vieira

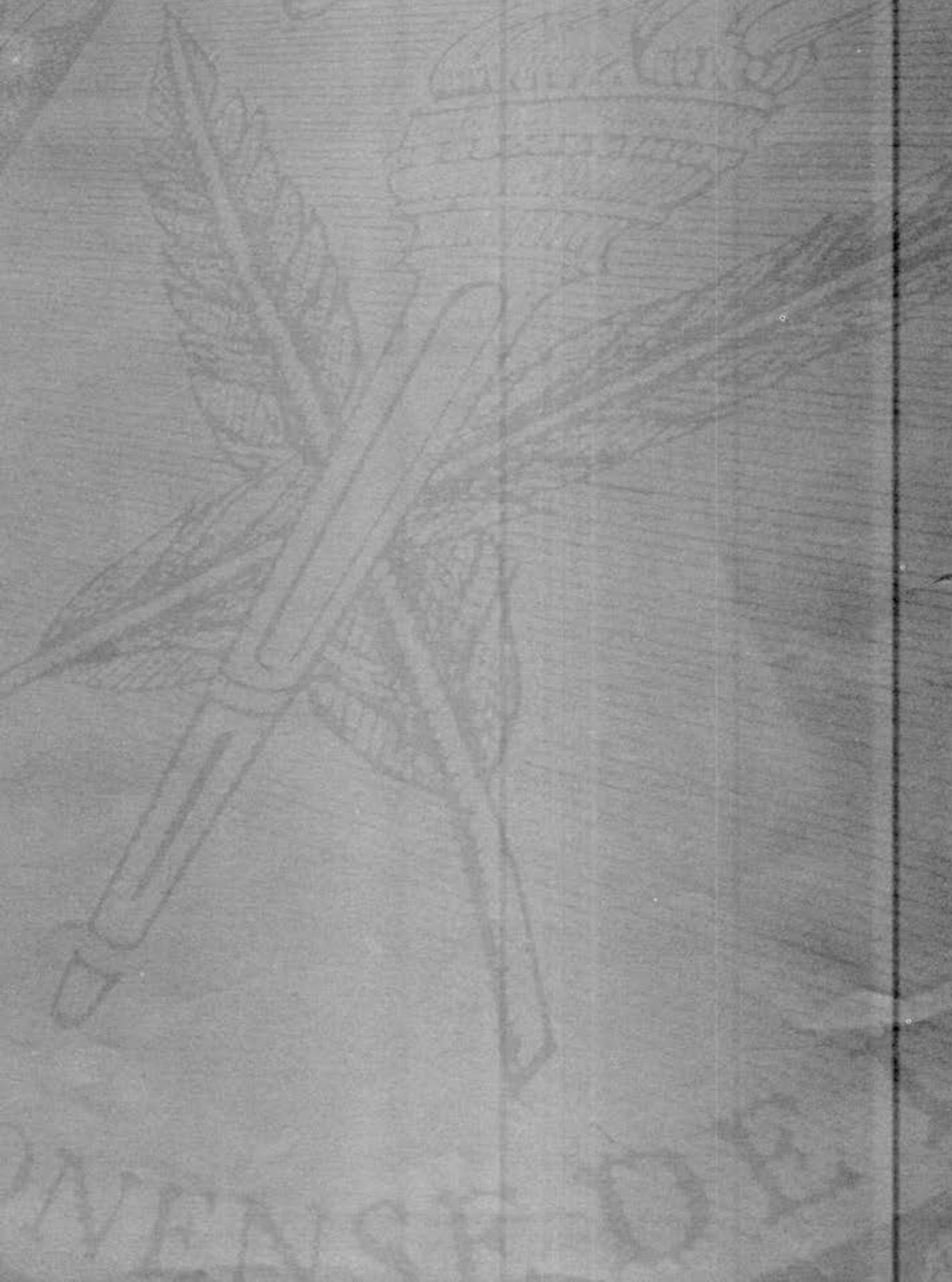
*Viver sem altivez e com o intento  
de não manter seu ideal forte e altivo,  
é o mesmo que render-se ao desalento  
e eleger o descrer como castigo.*

*Por que temer ficar ao desabrigo  
quando reboa o trovão no céu cinzento,  
se quem expõe o viajor ao vil perigo  
é o raio que eletriza a terra e o vento?*

*Se não podes vencer os teus segredos,  
nem deter o clarão que o raio lança,  
tens que lutar para vencer teus medos.*

*Pois se a felicidade nunca alcança  
os néscios, fracos que se abatem cedo,  
sempre alcança os que creem na esperança.*

(Inédito)



CLUBE DA MADRUGADA, 1954-2004 – *Memória*



• *Antonio Loureiro*

Obriguei-me a estudar o Clube da Madrugada, com maior profundidade, no momento em que aceitei debater sobre ele, no dia de hoje, e comecei a fazê-lo a 19 de novembro, à meia-noite, no início de uma nova madrugada. Sabia que o Clube fora fundado por um grupo de intelectuais desejosos de dar novos rumos à Literatura Amazonense e que se reunia à praça Roosevelt, nos bancos do antigo pavilhão S. Jorge, e depois debaixo de um mulateiro, pau-ferro ou escorrega-macaco, à Heliodoro Balbi, no outro extremo da grande praça 28 de Setembro, o seu nome no passado.

Em 1954, eu tinha apenas 14 anos e estava indo para o Rio de Janeiro, como um exilado cultural, pelo ensino superior estar restrito, em Manaus, a uma Faculdade de Direito, afastado, portanto, desses acontecimentos.

Por isso fui buscar primeiro a sua origem, e deparei-me, surpreso, com uma descoberta. Conta-nos Jorge Tufic, no seu livro *Clube da Madrugada, 30 Anos*, que ele começou com base em princípios maçônicos, dos quais talvez

muitos dos seus componentes não soubessem, como os da Liberdade de Pensamento e de Reunião, o da Fraternidade entre irmãos, no leite da gnose, e o da prática da Tolerância, em todos os níveis, além da adoção do pensamento simbólico expresso, neste caso, por um triângulo, indicativo da possibilidade de decisões poderem ser tomadas por três membros do Clube, e também o menor núcleo maçônico possível, evocativo da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e pelo peixe, o símbolo do Salvador e do cristianismo, dos cristãos perseguidos, da caridade distributiva do episódio da multiplicação, e principalmente o da renovação e da ressurreição. Assim o Clube nasceu com um ideário de mudança, de renovação, tendo por base a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.



1. PALESTRA APRESENTADA A 27 DE NOVEMBRO DE 2004, POR OCASIÃO DO CICLO COMEMORATIVO DOS 50 ANOS DE FUNDAÇÃO DO CLUBE DA MADRUGADA.

Muito mais importante foi o Manifesto Madrugada, de novembro de 1955, em que se estabeleciam as necessidades para a renovação das ciências, artes e letras, no Amazonas, alertando para o atraso com que chegavam, à nossa região, todas as manifestações culturais.

Eu sempre vi o Clube como uma instituição plural, sem grandes diretrizes políticas, a não ser o engajamento com os ventos da renovação e da luta pelas mudanças, que começavam a soprar, com a vitória do PTB, no cenário estadual, pela boemia, pela camaradagem, pela vontade de progredir, em uma terra sem empregos e sem horizontes, e pela vaidade de ser poeta e literato, ter suas obras publicadas, mudar a rotina das letras locais. Já Salomão dizia que escrever livros é vaidade.

A produção do Clube foi variada, pertencendo a várias escolas, mas de cunho inovador, sem ser monoliticamente modernista. O modernismo foi apenas a palavra para desencadear todo um processo represado, por anos seguidos. Creio que o seu maior legado foi a *Inovação*.

Agora chega de memória, e entremos na produção.

Procuo na minha biblioteca livros desses nossos autores. De uns tempos para cá não tenho acompanhado os seus trabalhos. Dedicção à Maçonaria e desencantos fizeram-me dar uma parada. Agora volto a acompanhar de perto este processo de produção e estou de novo próximo a ele.

Penso que grande parte da nossa atividade literária e cultural foi perturbada pela falta de um bom parque gráfico e de operários qualificados, para a edição de livros, a partir do declínio do ciclo da borracha, pois as gráficas voltaram-se apenas para impressos comerciais. As máquinas haviam ficado obsoletas e sem recursos técnicos, e escasseava o capital, para a compra de novas. O processo produtivo de um livro era cansativo. A máquina de escrever não ajudava. As firmas impressoras muito lentas e desinteressadas achavam tudo um estorvo. O papel difícil e caro. A composição das matrizes, a partir de tipos, levava meses. O meu primeiro livro, apesar de pago, levou mais de dois anos para ser editado pela Imprensa Oficial. As gráficas particulares cobravam o dobro, o triplo, o que atrasou em muito a literatura, no Amazonas.

Pior ainda para quem não tinha condições de bancar uma edição. Só se publicava alguma coisa com pistolões, amizades governamentais e isto apenas para alguns eleitos. Acho que isto foi um dos grandes atrasos, para a cultura amazonense. A máquina estadual mandava imprimir de graça, eles ganhavam toda a tiragem, a revendiam ao Estado e o seu conteúdo não circulava, acabando no lixo. Quanta coisa melhor deixou de ser publicada, virando manuscritos perdidos. Esta dificuldade de editar também servia de crivo para impedir a circulação de novas ideias. E ainda havia a crítica destrutiva, propositadamente destrutiva, para desmoralizar, para punir os que tentassem, em que ficaram famosos muitos mediocres e seus áulicos. Com o Clube, que jamais foi uma

unidade monolítica, mas extremamente eclética, com cidadãos de todas as tendências políticas, religiosas e de todos os níveis sociais, como poderemos observar por meio de uma lista de seus associados, acabou esta reserva de mercado.

As razões ideológicas para a criação do Clube da Madrugada, apontadas em outras palestras, podem ser até aceitas, mas o que aqui havia, em 1954, era o descontentamento geral com a estagnação a que estava sujeito o nosso Estado, em todos os níveis: cultural, econômico e social. A população estava empobrecida. Não existiam alternativas. Novos horizontes se tornavam necessários. Mais do que qualquer ideologia, a cidade voltava a movimentar-se com a juta, a refinaria de petróleo, algumas obras federais e a possibilidade de um governo mais honesto, com Plínio Ramos Coelho. E embora o PTB tivesse chegado ao poder, em 1946, com Leopoldo Neves, os coronéis estavam de novo dentro dele, com Álvaro Maia, que representava a coligação do PSD com a UDN. O PTB era a esquerda da Ditadura Vargas, compensada pelo centro-direita do PSD, o primeiro comandado por seu filho Lutero, e o outro, pelo genro Amaral Peixoto.

Tufic cita uma cisão do Clube, em 1965, com a instalação, em 1966, da UBE, hoje também em recesso, e uma relação de livros ditos mais importantes, considerando precursores Raimundo de Moraes, com diversos romances, Ferreira de Castro com *A Selva* e Ramayana Chevalier com o *Circo Sem Teto da Amazônia*, e influenciadores: Abguar Bastos, Gastão Cruls, Raul Bopp e Mário de Andrade, que

havia bebido inspirações telúricas, na própria Amazônia.

## O LEGADO

E os livros iam sendo publicados:

- 1955 – *Tempo e Distância*, Djalma Passos
- 1956 – *Varanda de Pássaros*, Jorge Tufic
  - *Poesia Frequentemente*, Sebastião Norões
- 1957 – *Pássaro Cinza*, Farias de Carvalho
  - *Sombra e Asfalto*, Antísthenes Pinto
  - *Pequena Antologia Madrugada*, Jorge Tufic
  - *Argila*, Benjamin Sanches
- 1958 – *Aparição do Clown*, padre Ruas

E outros foram chegando: Jorge Tufic – *Chão Sem Mácula* (1966). Antísthenes Pinto – *Ossuário* (1963), *Terra Firme* (Romance) (1970), *A Rebelião dos Bichos* (1977), *É Proibido Perturbar os Pássaros* (Contos, 1980), *Os Quelônios do Carabinani* (Crônica, 1984), *Literatura – Novos Horizontes* (1984), *Chavascal* (1965, novela). Alencar e Silva – *Lunamarga* (1965), *Território Noturno* (1982). Arthur Engrácio – *Antologia do Novo Conto Amazonense* (1971), *Ajuste de Contos* (1978). Adrino Freitas – *Inquietações de Um Feto* (1976, contos). Alcides Werk – *Da Noite do Rio* (1974), *Trilha D'água*. Max Carpentier – *Quarta Esfera* (1975), *Vitrais da Busca* (1978). Djalma Passos – *Ocupação da Amazônia e Outros Problemas* (1974). Elson Farias – *Barro Verde* (1961). Luiz Bacellar – *Fruita de Barro* (1963). Francisco Vasconcelos – *O Palhaço e a Rosa* (1964, contos).

Das minhas estantes retirei, sem obedecer a nenhuma ordem cronológica, alguns deles, por onde procurarei chegar a algumas conclusões próprias. Antes investigo sobre a poética, a arte de fazer poesia, e encontro Aristóteles presente com o seu livro *Poética*, do século IV a.C., que nos chegou adulterado. Hoje se compõem de 26 capítulos sobre a sua essência, os seus gêneros, origens, sobre a tragédia, a epopeia, além de outros assuntos. Aristóteles considerava a Poesia como uma imitação podendo apresentar as coisas mais belas do que são ou piores.

#### LIVROS IMPORTANTES

Vamos aos livros encontrados:

– *Trilha D'água*, Alcides Werk. Uma segunda edição de 1982.

Dividido em três partes: 1) A Terra e O Homem, cheia de descrições de paisagens amazônicas e das atividades diuturnas dos caboclos, na luta pela sobrevivência, em versos livres e bucólicos, repletos de palavras regionais. 2) A Fala – poemas líricos amorosos, de muito sentimento. 3) Estudos – com temas diversos, líricos, chorosos, demonstrando uma tristeza por algo perdido, uma solidão interna muito grande. Na primeira parte, a mais interessante, é o aprendizado do autor sobre as coisas amazônicas. Conheci Werk e sei que tinha um intenso sofrimento por se julgar um injustiçado. Foi um poeta sofredor, sem fingimentos, que buscava consolação no desfiar dos seus sentimentos. Morreu antes que o vento geral começasse a soprar. Inspirado por Erato

(lírico-amoroso) e por Tália (idílio bucólico). – *Lira Amazônica*, Anísio Mello. Datando de 1965, Edição Correio do Norte - SP.

O autor já publicara *Lira Nascente* (1950), *Minhas Vitórias Régias* (1952), *Remanso* (1958), *Estrelas do Meu Caminho* (1962), *Estórias e Lendas da Amazônia* (1964).

É uma antologia de autores amazonenses desde o primeiro: Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Pertence à esfera de Clío.

– *Pássaro de Cinza*, Farias de Carvalho. 2.<sup>a</sup> edição, 2000, Editora Valer.

Farias de Carvalho foi autor de dois belos livros: *Pássaro de Cinza* (1957) e *Cartilha do Bem Sofrer com Lições de Bem Amar* (1965).

O Prólogo do *Pássaro de Cinza* informa-nos da chegada deste pássaro feito de passado e de silêncio.

E daí para frente são três partes:

1.<sup>a</sup> Parte – Baú Velho: o arquivo do seu inconsciente, onde o poeta, feito menino, busca as suas memórias mais antigas, gravadas em mapas de sonhos, mostrando a geografia dos locais de sua infância, das brincadeiras prediletas e de pessoas e coisas que povoaram este tempo: monsenhor Oliveira, Mané Sacristão, o guarda Cascavel, padre Agostinho, seu Vasco e a primeira namorada. Tudo em sonetos, com os seus dodecassílabo espargindo saudades.

2.<sup>a</sup> Parte – Poemas do Povo: são poemas de um lirismo incontestável e belo, em que desabafa algumas de suas certezas e muitas de suas incertezas, que, aliás, predominam no seu mundo de fantasias ambivalentes.

3.<sup>a</sup> Parte – Poemas Dedicados: vamos defini-la como poemas laudatórios, orações aos grandes poetas, sem rimas, que demonstram uma facilidade nata do autor, pelos seus grandes dotes de oratória.

É o esgrimista da palavra, um orador-poeta. Inspirado por Calíope (eloquência) e Erato (lírico-amoroso)

– *Poesia Reunida*., Antístenes Pinto. Cinco Livros de Poemas Reunidos, 1987.

O de mais difícil releitura.

Contém vários livros poéticos enfeixados, de difícil classificação e interpretação, até arrisco alguma coisa, mas é preciso ter cuidado.

1. *Sombra e Asfalto*, 1956 – reúne nove poemas melancólicos, cheios de desventuras imemoriais, que atravessam as gerações, deixando cicatrizes sem ferimentos e ainda de uma solidão imensa.

2. *Ossuário*, 1963 – dividido em Jazigo Transitório – de concepção moderna e concretista, um jogo de solilóquios, poesia automática, ou psicografada. Catacumba de Sal e Sepulcro de Lava, versos de compreensão difícil, enigmáticos e desordenados.

3. *Trilha da Borracha*, 1962 – também enigmáticos.

4. *A Rebelião dos Bichos*, 1977 – fábulas em versos.

5. *Angústia Numeral*, 1976 – enigmáticos, mas ordenados.

6. *Curvas do Tempo*, 1984 – telúrico, nefelibata.

Um poeta muito além do modernismo, o mais avançado de todos sob este aspecto, cheio de simbolismos e enigmático como a esfinge. Decifra-me ou devoro-te. Um Baudelaire amazônico, auxiliado pela trágica Melpômene.

– *A Aparição do Clown*, padre Luiz Ruas, 1958.

Li este livro por três vezes, para melhor entendê-lo.

O poeta busca descobrir o clown (bobo/palhaço) na sua totalidade, o que lhe parece impossível (*Descoberta e o Discurso*). O clown destina-se a fundir a luz da lua, o alegre riso e o triste pranto. Esconde a sua verdadeira face de louco e de feio. Ao fantasiar-se é a ambivalência, o belo e o feio, o bom e o mau, o alegre e o triste, o riso e o pranto, em uma só pessoa. Ele diz o que quer e ninguém liga, o palhaço é um símbolo de coragem, de um estado de experiência máxima. Indica mudanças, pois é livre. Não tem regras determinadas, sendo dominado pelos impulsos. Cheio de experiências, volta a percorrer o mesmo caminho, olhando-o com novos olhos.

Considera-se agora o encontro entre a estrela e o pássaro ferido, que recebe luz das cinco pontas do astro (Aviso). Simbolicamente a estrela representa a luz espiritual atravessando as trevas, a ciência, a sabedoria, o conhecimento. Pela manhã, com duas pontas para baixo é João Batista ou Cristo, a Vênus matutina. À tardinha é a Vespertina Lúcifer ou João Evangelista, com duas pontas para cima, semelhante a chifres. O mesmo acontece entre os tucanos com Doé e Doétiro. O pássaro é a alma humana, a alma do poeta sonhador.

A Viagem, outro trecho, é um sonho semelhante ao da viagem do conde de Saint Germain, na busca da iniciação, e que se encontra na Santíssima Trinosofia, na busca do fruto (Apóstrofe).

O Dragão e a Flor é outro sonho alquímico. Aqui aparecem mais símbolos: a espada, o cordeiro, o rubi e o mar. O dragão é um híbrido de lagarto, serpente, pássaro e leão, personificando as forças demoníacas, que precisam ser dominadas. É Satanás no Apocalipse. Jung interpreta-o como uma luta contra si próprio. A espada simboliza o poder, o falo. O cordeiro é a vítima que substituiu o holocausto humano. Jesus foi o cordeiro que substituiu a humanidade. O mar é o abismo que tudo traga, até a energia vital. A flor simboliza a humildade e a criança a inocência. Tudo representando a luta entre o bem e o mal.

Coral – é a luta entre o espírito e a matéria, a alma e a fé.

Retorno – é a volta do palhaço mais experiente, que ensina a existência da centelha divina dentro de nós, aquela que um dia retornará. O palhaço que já conhece toda a ciência. Agora é um anjo infernal, de pés escondidos. Ele é a luz azul do irreal e do fantástico.

Legado – fala de asas que representam a Liberdade.

Doutrina – é a síntese final. Ser ave sem poder voar. Ser clown – ser e não ser. Mas se deve trabalhar o fogo, o amor, e receber as fagulhas de luz que dele saírem.

O clown seria o cão? Isto fica no ar.

Poesia simbólica, misteriosa, de grande impacto e que exige a ajuda de um dicionário de símbolos, para o seu entendimento. Não é a linguagem de um iniciado, apenas a do padre, a do estudioso, que foi mais além. Guiado por Calíope (épica), Erato (amor), Melpômene (trágico) e Polímnia (sacro).

– *Sol de feira*, Luiz Bacellar, 1985, 3.ª edição, 1973, 1.ª edição.

Desde o século XVII as frutas brasileiras são cantadas, mas desde então ninguém falara das amazônicas, de forma arcaica e erudita. É o linguajar de Manuel Botelho de Oliveira, na *Ilha da Maré*, de Santa Rita Durão, no *Caramuru*. A erudição do mais erudito dos nossos poetas. Protegido de Euterpe, na sua poesia de tessitura lírica e bucólica.

– *O Sermão da Selva e Orfeu do Nazareno*, Max Carpentier, 1979 e 1983.

Magníficas obras de fina sensibilidade. No *Sermão* usa a religiosidade para a defesa do verde amazônico, em uma das primeiras obras regionais sobre o tema. O segundo são lamentos em que a religiosidade avulta, lamentos de um coração puro de cavaleiro andante, lamentos por tudo e por nada. O poeta esperando o socorro de Deus, para salvar a Humanidade perdida. Protegido de Euterpe (lírico-bucólica) e Polímnia (hinos sacros).

– *Barro Verde*, Elson Farias, 1961.

Talvez o mais prolífico autor, junto com Tufic e Antístenes, desta cepa da Madrugada, sendo o último, no romance. Retrata a vida simples do interior amazonense, não mais índio, já civilizado. São belas pinturas de fundo verde. Poesia ritmada, de um lirismo universal com um leve toque regional. Erótico em certos trechos, em outros melancólicos. Memorialista prenunciando futuras investidas. Duas musas o inspiram: Erato (lírico-amorosa) e Tália (idílio campestre).

– *Poesia Reunida*, Jorge Tufic, 1987.

Onze livros compõem esta magnífica obra poética. Desde a *Varanda de Pássaros*, de 1956, à *Carta Genética*, de 1987, são trezentas e trinta e nove páginas de bela e densa poesia.

*Varanda de Pássaros*, 1956 – começa com um belo soneto dodecassílabo. Poesias de vários

temas, o poeta ainda está à procura. Somente adquiriu asas para os primeiros voos. Sem saber, em *A Estátua no Tempo*, estabelece o rumo do amanhã.

*Pequena Antologia Madrugada*, 1958 – o poeta continua a experimentar.

*Chão sem Mácula*, 1966 – Belas poesias, bem mais modernas. Nove versos anacreônticos.

*Faturação do Ócio*, 1974 – a pramanta começa a lampejar faíscas de gênio.

*Os Códigos Abertos*, 1978 – Iniciamos nas velhas histórias, mas acabamos na nossa. Os velhos códigos de Hamurabi terminam na Rua Amazonas, que desceu o Iaco, no rumo do Amazonas.

*Lâmina Agreste*, 1978 – o verso cortante começa a esculpir monumentos modernos de grande beleza.

*Os Mitos da Criação e Outros Poemas*, 1980 – Mais de trinta velhos nomes transformaram-se em poemas ao contarem a mitologia arcaica do Velho Mundo semítico e greco-romano, histórias de velhos ancestrais. Os lacraus do orvalho são gotas, não de veneno, mas da mais pura poesia.

*Sagapanema*, 1981 – Surpreendo-me ao ver a sua dedicatória, estou precisamente entre o Márcio e o Antístenes, entre muita gente brilhante. É uma alegria ter descoberto isto tantos anos depois, principalmente em um livro de tão preciosa qualidade. A História e a

Geografia do Amazonas em versos. Uma canção de amor à Amazônia. Depois do introito, o cordelim de histórias, vultos, mitos, lendas, kixti, objetos, seres, várzea, Manaus, suas praças e o bonde que se foi.

– *Quando As Noites Voavam*, Jorge Tufic, 1999

A onça do universo para mim é a gigantesca onça-preta cujos dois olhos faiscantes são as estrelas alfa e beta Centauro, que ficam no hemisfério sul, ao lado esquerdo do Cruzeiro. Escolha um lugar escuro, em uma noite limpa de nuvens, e olhe na sua direção. As cintilações dos seus olhos trarão os medos atávicos do fundo da caverna, os arrepios da lembrança genética. É uma das epopeias cantadas de cor pelos pajés do alto rio Negro há mais de 15.000 anos, essa de Boleka, o ancestral dessana.

Acho que fui eu quem deu ao Jorge o *Antes o Mundo Não Existia*, os Kixti talvez, mas tratamos dessas lendas várias vezes. Eu estava aprendendo com o Gabriel Gentil e consegui colocar um de seus autores na UBE do Amazonas, em uma noite memorável, onde ouvimos o tocar da flauta e de outros sons ancestrais.

Outros mitos contém o livro: a canoa das Transformações, contando a história da migração dos povos pahmelin subindo o Negro, em cima da Cobra-Grande e saindo nas cachoeiras; o das diversas destruições do mundo. Alguns Kixti estão aqui, histórias para crianças até dez anos, que os brancos teimam em dizer que são lendas e mitos, apenas fábulas.

Estou cansado de ler tanta poesia, vou parar. Tufic é um Apolo ou talvez um Adônis libanês, com sete das nove irmãs ao seu redor: Calíope (épica), Clio (poesia histórica), Erato (anacreônica e lírico-amorosa), Euterpe (lírica), Tália (bucólica), Polímnia (sacros e míticos), e Urânia (geografia), excetuadas Terpsícore (dança) e Melpômene (tragédia).

## CONCLUSÃO

Acho que os nomes citados bem representam a frente única do Clube da Madrugada formada por tantos outros poetas, porque aqui eu só tratei deles, além de prosadores, pintores, economistas e um sem-fim de outras pessoas. Mas é da minha obrigação mencionar mais especialmente os que se tornaram meus amigos: Jorge Tufic, desde o momento em que lancei o meu primeiro livro, um druso nascido nas barrancas do Iaco, que com todo o seu coração bonachão esteve sempre ao meu lado; Antístenes Pinto, cliente e amigo, a quem sempre admirei e que sempre me deu crédito; Alencar e Silva, no Suplemento Literário, aceitando alguns escritos; Ernesto Penafort (*Azul Geral*), sempre alegre ao me ver; Alcides Werk, tristonho e angustiado, mas de um coração mais leve que uma pena de avestruz; Luiz Bacellar, a erudição e a linguagem escorreita, a humildade desnecessária; Max Carphentier, o poeta do sagrado; um minuto de silêncio para Arthur Engrácio, que foi levado tão cedo, e Elson Farias, o nosso presidente, um dos mais fecundos produtores, empunhando o facho da cultura ribeirinha

amazonense, e que aos poucos vai fazendo a Academia ganhar o seu merecido prestígio.

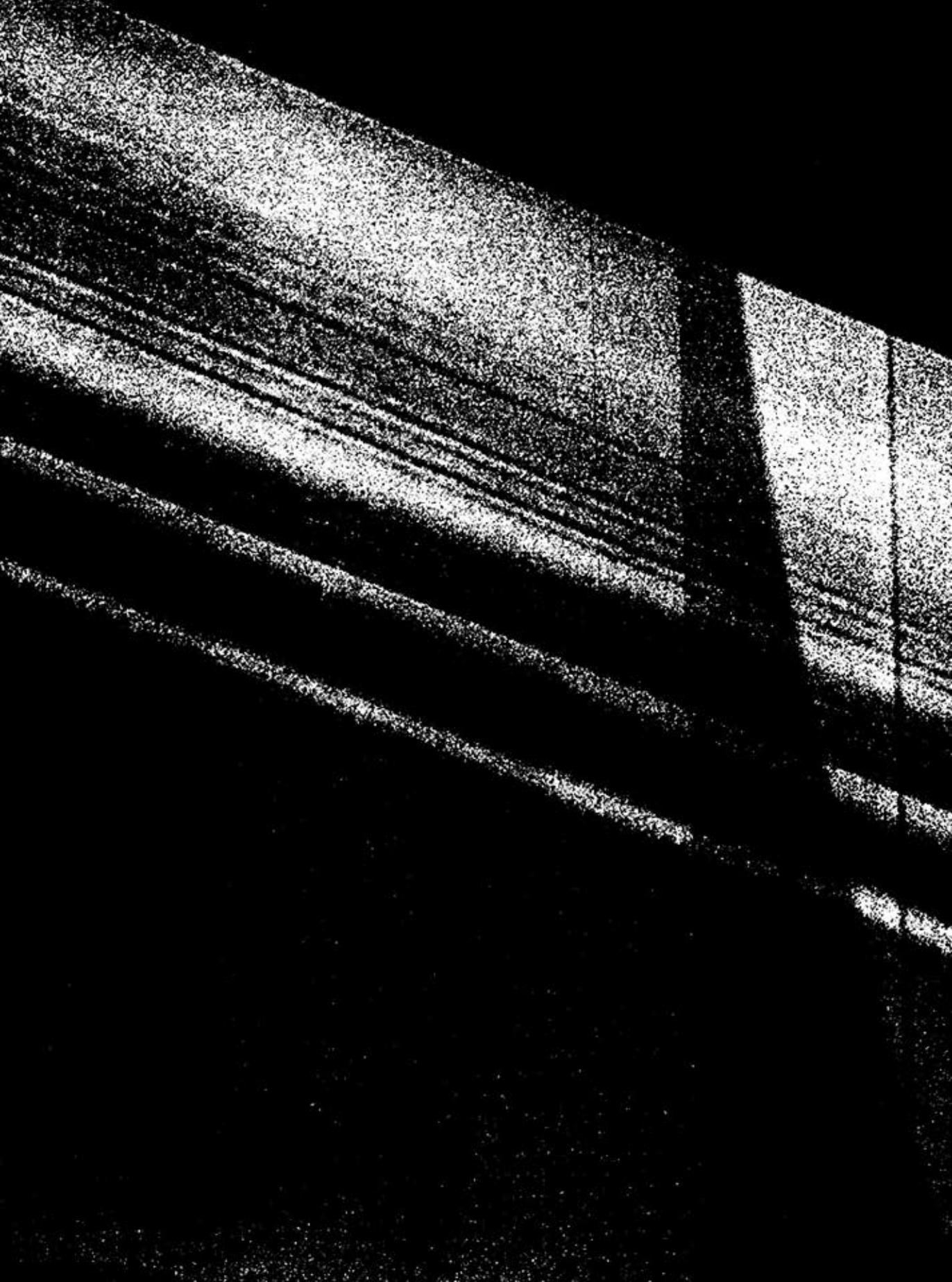
Aprendi com o tempo que os amigos serão sempre amigos. Os inimigos nos odiarão sempre, por bem ou por mal. Às vezes me sinto como aquele velho coronel de barranco ao dizer que nos seus inimigos colocava todos os defeitos, mas dos seus amigos tirava-os todos.

Escolhi estes citados não para debater, mas homenageá-los, neste cinquentenário.

E o que dizer ao terminar? Direi que o Clube da Madrugada cumpriu o seu papel de renovador da cultura amazonense. Congregou maravilhosas e antológicas personalidades. Seus membros alcançaram a notoriedade. A Academia lhes foi aberta.

E o que resta a fazer? Novos tempos virão. Precisamos preparar os caminhos para as futuras gerações, nós que somos participantes obrigatórios da construção da ponte para o futuro, e das pontes de entendimento, jamais das barreiras que impedem a marcha da Humanidade no seu caminho na direção da Esperança de novos dias, melhores que os atuais, para si e para os seus filhos. Preparemos o futuro. Só crescem os povos que isto fazem.

Obrigado.



*Roteiro da vida luminosa de OYAMA ITUASSÚ*



• *Armando Andrade de Menezes*

Há seres humanos sobre os quais é difícil traçar-lhes qualidades. Mas outros existem com essa tarefa constituindo-se de fácil execução diante das virtudes que exornam suas personalidades.

Dentro deste perfil, de alta qualificação, enquadra-se um dos maiores luminares de nossa terra – o Acadêmico Oyama César Ituassú da Silva.

E é dele – advogado, professor, magistrado e escritor – que me estou aventurando realçar-lhe os méritos.

QUASE MÉDICO

Por vontade própria e estimulação por parte de seus pais, Oyama Ituassú por pouco, muito pouco mesmo, não se tornara médico.

Para fazer o Curso de Medicina, em Salvador – Bahia, chegara a preparar-se com aquela finalidade, na companhia de outros

amazonenses que não só conseguiram realizá-lo, com alguns ainda conhecidos escolápios, como: Waldir Medeiros, Olavo das Neves (falecidos), Moura Tapajós e Waldir Vieiralses.

Contudo, em função de dificuldade financeira passada, momentaneamente, pelo seu genitor, não conseguira deslocar-se a Salvador.

ESTUDANDO DIREITO

Se por circunstância alheia à sua – dele – vontade não logramos ter, em nossa terra, mais um ilustre e competente médico, porém conquistamos, para a alegria de seus coestaduanos, um jurista dos mais festejados.

Pois que, diante do impasse, Oyama ingressara, em 1935, na Faculdade de Direito do Amazonas, no tempo pertencente ao Estado, logrando graduar-se, a 22 de dezembro de 1937, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, tendo como companheiros de turma, dentre outros: Jauary Marinho, Paulo Nery, Osmar

Pedrosa, Araújo Neto, Thales Loureiro, Valois Coelho, mais Milton Marques e Olga do Carmo Ribeiro, que, em seguida, torna-se-iam marido e mulher.

#### PRIMEIRAS ATIVIDADES FUNCIONAIS

Como acontecia àquela época, mesmo depois e até nos dias atuais, o estudante, principalmente quando acadêmico, já se dispunha ao trabalho, e a Oyama não escapara esse pendor, tanto que, até antes de ser universitário e depois como tal, exercera alguma atividade pública, assim: auxiliar de Serviço de Assistência à Infância da Prefeitura Municipal de Manaus (1933), secretário da Prefeitura Municipal de Tefé (1933) e amanuense interino da Secretaria do Tribunal de Justiça (1935), cargo este em que se encontrava em atividade ao diplomar-se, em 1937, para, logo a seguir, em 1938, haver sido efetivado como escrevente da mesma secretaria.

#### A MAGISTRATURA

Com o exercício da magistratura, Oyama dá o grande passo que o iria tornar uma das maiores figuras do Judiciário no Amazonas. Mas antes ou mesmo já iniciado nessa tarefa, ainda desempenhara, em 1941, o cargo de promotor de Justiça interino do 1.º Distrito da Capital e também de membro do Conselho Penitenciário do Estado.

Na magistratura propriamente dita, iniciara-se em 1940, como 1.º suplente de Juiz de Direito

da Comarca de Parintins, com exercício pleno, para, a seguir, em 1941 e mediante concurso público, cumpri-la, em escala ascendente: Juiz Municipal do Termo de Carauari (1941); Juiz de Direito da Comarca de Humaitá, promovido por merecimento (1945); Juiz de Direito da 4.ª Vara Criminal da Capital, promovido por merecimento (1951); e, por via desse desempenho, fora Juiz Eleitoral da 1.ª Zona da Capital em 1951, mesmo ano em que se tornara membro efetivo como juiz do Tribunal Regional Eleitoral.

#### DESEMBARGADOR E GOVERNADOR

Alçado à condição de desembargador no ano de 1952, via merecimento, Oyama exercera todos os cargos de direção do Tribunal de Justiça: Presidente da Segunda Câmara (1952 e 1963); Vice-presidente (1954 e 1963); Presidente (1954, 1961 e 1964); e, ainda, corregedor-geral da Justiça Eleitoral (1954) e presidente do Tribunal Regional Eleitoral (1954 e 1958).

E foi exatamente em decorrência do desempenho do cargo de desembargador e presidente do Tribunal de Justiça que Oyama chegara à chefia do Poder Executivo de nosso Estado.

Ao tempo eu ocupava a Secretaria de Estado do Interior e Justiça e, por isso mesmo, prestei-lhe colaboração.

Corria o mês de outubro de 1954, quando já se havia operado a eleição para novo governador,

com a escolha de Plínio Coelho, que assumiria as rédeas do Estado a 31 de janeiro de 1955, quando, naquele mês, de outubro, o então governador Paulo Marinho viajara ao Rio de Janeiro, cabendo substituí-lo, no impedimento do presidente da Assembleia Legislativa Raimundo Nicolau da Silva, o presidente do Tribunal de Justiça.

Com efeito, Oyama também havia viajado, a serviço, ao Rio de Janeiro, razão porque o Desembargador vice-presidente Francisco da Rocha Carvalho tornara-se governador, entre 10 e 20 de outubro.

Oyama, com regresso antecipado, ainda chegara a tempo de assumir o Governo do Estado, desempenhando-o por seis dias, entre 20 e 25 de outubro, o que fez com destemida autoridade, como, por sinal, já assinalei no livro *O “Velho” Tude e Encontros com Familiares e Amigos* (págs. 55-56), que, para melhor compreensão de sua ação, vai a transcrição em seguida:

*Atravessávamos grave crise financeira no Estado, com repercussão no pagamento de fornecedores e do funcionalismo público, chegando a cinco meses de atraso, do que se valera o Sr. Plínio Coelho para, após sua eleição, em outubro/54, solicitar às autoridades federais para não liberarem recurso ao Governo do Amazonas que, vivendo, no seu dizer, verdadeira calamidade pública, naturalmente não o iria aplicar corretamente, mas, no caso de atendimento, que o fizessem mediante depósito no Banco do Brasil, que se obrigaria a efetuar diretamente o pagamento dos servidores públicos.*

Tanto assim era, que Oyama Ituassú tão logo assumira o governo, no dia de sua investidura, 20 de outubro, baixara três decretos, por sinal também com minha assinatura como secretário, todos publicados no Diário Oficial do dia seguinte, 21, nos quais,

*Tendo em vista a situação financeira que o Estado do Amazonas atravessa e a fim de evitar compromissos, que tragam a insolubilidade dos mesmos para o Poder Público, estabelecia: suspensão da concessão de aposentadorias, salvo a prevista em lei; dispensa dos serventuários admitidos por portaria ou contratos com menos de dois anos, ressalvados os que exercessem cargos de natureza técnica; e dar por terminadas todas as disposições em que se encontrassem os funcionários do Estado, com o prazo de 30 dias para que reassumissem o exercício de seus cargos àqueles que se encontrassem fora do Estado ou da capital e, imediatamente, aos demais.*

#### NO PROFESSORADO

Antes mesmo de cuidar de sua atividade no magistério superior, registro, de passagem, que Oyama foi, no ano de 1964, diretor da antiga Escola Técnica do Amazonas, quando era entidade federal de ensino, e sua chefia obedecia orientação do Ministério da Educação.

Mas onde pontificara, com incedível saber, foi na cadeira de Direito Internacional Público da Faculdade Federal de Direito do Amazonas, convidado, em 1952, para o seu exercício interino, pelo meu irmão Aderson de Menezes,

sendo Análio de Resende diretor da Escola, conforme afirmativa do próprio Oyama (In: *Aderson de Menezes – O Professor*, de minha autoria – pág. 413).

Infelizmente dele não fui aluno, pois diplomado bacharel em Direito em dezembro daquele ano – 1952, Direito Internacional Público não constara do currículo da 5.ª série de meu último ano acadêmico.

Contudo, sua atuação magisterial foi sempre aplaudida e proclamada, o que foi plenamente justificada com o seu aproveitamento vitalício, como professor catedrático naquela matéria, em memorável concurso, de provas e títulos, realizado nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 1955.

A banca examinadora que o aprovou foi constituída pelos eminentes professores: Abdul Sayol de Sá Peixoto (presidente), Samuel Isaac Benchimol (amazonense), Mário Casasanta (mineiro), Miguel José de Almeida Pernambuco Filho (paraense) e Virgílio Domingues da Silva Filho (piauiense) – (Do trabalho *O Grande Certame Jurídico*, de minha lavra, publicado no n.º 22 da *Revista da Academia Amazonense de Letras* – págs. 39-45).

Àquela época os concursos para preenchimento das cadeiras interinas na Faculdade de Direito tornaram-se, pela inovação, motivo de grande interesse não só no meio universitário, mas, também, no ambiente cultural de nossa terra, daí a presença maciça de estudantes, advogados, professores e interessados no salão nobre daquela vetusta casa de ensino da praça dos Remédios.

Eu, pessoalmente, os assisti a todos e devo confessar que o de Oyama foi dos mais brilhantes, tendo ele sido aprovado, com a conquista do grau de doutor em Direito, com a maior nota até então atribuída aos demais candidatos disputantes das diversas cadeiras.

Lecionando ali por muitos anos, Oyama também chegara, no ano de 1967, a dirigir a Faculdade de Direito.

#### O RESPEITADO ADVOGADO

Impondo-se, pelo saber, ao mundo jurídico de nossa terra, como magistrado e professor, Oyama, ao que me parece e, naturalmente, em decorrência daquele aprendizado, tornara-se, após inativar-se no cargo de desembargador, o mais admirado e, por isso, o mais solicitado advogado com atuação extraordinária e vitoriosa não somente em Manaus, mas, também, nos tribunais superiores de nosso país.

Bem articulado nas ações judiciais, que era capaz de produzir em espaço de tempo recorde, isto é, com muita brevidade, sua presença física fazia-se constante no fórum para acompanhamento de suas proposituras.

Por essa sua reluzente atuação profissional, era muito procurado, para aconselhamento e orientação, por colegas advogados e, especialmente, por estudantes de direito, aos quais recebia com atenção e fidalguia.

De todas essas suas qualidades, dou testemunho pessoal, em caso de violação de direito meu.

Nomeado conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, no ano de 1970, após aprovação de meu nome pela Assembleia Legislativa, um auditor daquele colegiado, julgando-se com direito ao cargo, pretendia anular o ato de minha nomeação mediante mandado de segurança.

Teve – o deferido, aqui em Manaus, julgamento logo depois anulado, por unanimidade de votos dos ministros do Supremo Tribunal Federal que, dando provimento a um meu recurso extraordinário, entenderam que eu não fora citado para integrar a lide como *litisconsorte necessário* (In: *Revista do Supremo Tribunal Federal* n.º 64, de julho de 1973, às págs. 777-781).

Em nova segurança proposta pelo auditor, dessa vez com a juntada de minhas alegações, o interessado mereceu acolhimento dos desembargadores, somente com um voto contrário, do desembargador Mário Verçosa.

Em decorrência de recurso extraordinário de minha iniciativa junto ao Supremo Tribunal Federal, mereci ali acolhida unânime de seus ministros, em julgamento havido a 27 de fevereiro de 1975, decisão sepultadora da pretensão daquele auditor, pois aquela corte julgara inconstitucional o art. 119 da Constituição do Amazonas, em que baseara o mandado de segurança, com o entendimento de que “na composição das cortes de contas, ficam os Estados obrigados a seguir o modelo federal, segundo jurisprudência reiterada e tranqüila do Tribunal Federal”, como consta

da publicação na Revista do S.T.F. n.º 73, de agosto de 1975, às págs. 560-566.

Fiquei a dever essas duas espetaculares vitórias, aqui em Manaus, ao excelso cultor do Direito Oyama César Ituassú da Silva, e lá, em Brasília, ao extraordinário talento de José Guilherme Villela.

#### TRIUNFO ACADÊMICO

Muitas foram as conquistas e produções de Oyama Ituassú no campo jurídico/literário.

Além de condecorações e medalhas que recebera, como as de Marechal Hermes (1956), Cruz de Mérito Judiciário (1963) e Mérito Educacional (1988), produzira ainda e publicara 43 trabalhos, dentre os quais *A Guerra e a Segurança Coletiva*, sua tese de concurso na Faculdade de Direito, em 1955, além de mais sete obras: *Aspectos do Direito* (1965), *Curso de Direito Internacional Público* – 2 volumes (editado em Manaus) e *Curso de Direito Internacional Público* – Ed. Forense – Rio de Janeiro/1988, *Um rio e suas estórias – Estudo Ecológico Romanceado* – 1996, *História das ruas de Manaus* – 1997, *Memórias do meu tempo* e, a publicar, *Croniquetas de uma cidade*.

A última produção de Oyama foi *Via-Crucis*, de outubro de 2003, dedicado à sua amada e falecida esposa Hermínia Araújo Ituassú da Silva, contendo, dentre outras mensagens, o belo poema intitulado “Santinha”, como carinhosamente era tratada.

Também como distinção à cultura onisciente de Oyama, proferira, a convite, inúmeras conferências como professor, destacando-se a International Institute For Development, na University of Alabama – U.S.A. – 1968. Como jurista e escritor, Oyama foi membro efetivo e fundador da Academia Amazonense de Letras Jurídicas, em 1988; membro efetivo e fundador da Associação dos Escritores do Amazonas, em 1995; e também membro titular da Academia Amazonense de Letras, a partir de 1968, para qual ofereceu contribuição das mais brilhantes.

E foi na Academia Amazonense de Letras onde Oyama Ituassú realizara uma das mais fecundas e luzidas atividades, como seu Presidente, durante três mandatos, de dois anos cada, em 1990, 1992 e 1994.

Coube-lhe no ano de 1993, com a deliberada ajuda do governador Gilberto Mestrinho, realizar, em convênio com a Secretaria de Obras, a total reforma e recuperação da sede da Academia, a penúltima por sinal, tanto que, por gratidão e sugestão da presidência, foi concedida ao então chefe do Poder Executivo a condição de sócio benemérito, além de haver sido afixada, em bronze e na sala da diretoria, uma placa com os dizeres:

## HOMENAGEM

*A Academia Amazonense de Letras agradece sensibilizada a restauração integral de sua sede, obra que enaltece a lúcida visão cultural do eminente governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo. 6-5-1993*

Além deste grande feito, Oyama inovara no processo editorial da Academia, pois, ao invés do seu Boletim Informativo ou de sua Revista, fizera editar uma nova publicação em forma de jornal, de seis folhas, com o nome de *Letras Acadêmicas*, como Suplemento Cultural da Academia Amazonense de Letras.

Durante sua gestão, foram editados 25 números dessa publicação.

Este trabalho homenageia a um homem público dos mais talentosos de nossa terra. Assim foi na magistratura, no magistério superior, na advocacia e, sobretudo, na arte de escrever, daí este *Roteiro da vida luminosa de Oyama Ituassú*.

DISCURSOS *Acadêmicos*



## CAMINHAR JUNTOS



• *José Braga*<sup>1</sup>

De sua fundação, janeiro de 1918, a esta data já se vão noventa anos de história desta Academia. Por escolha que me sensibiliza e honra, serei o décimo sexto Acadêmico a presidi-la. Adriano Jorge, Péricles Moraes, João Leda, Waldemar Pedrosa, André Araújo, Salignac e Souza, Álvaro Maia, Djalma Batista, Genesino Braga, Mário Ypiranga, Mendonça de Souza, Oyama Ituassú, Robério Braga, Max Carphantier, Elson Farias foram inspiração e foram luzes no sólio presidencial. Difícil sucessão a que me confiais. Escolhido para presidir a Academia Amazonense de Letras no biênio 2008/2009, recebo-a com humildade e compromisso das mãos operosas do confrade Elson Farias, sensibilidade e inteligência a projetar de mais alto novos clarões na vida acadêmica.

Vem da infância, já vos confidencieei, o fascínio desta Casa sobre o meu espírito. A amizade de minha família com Adriano Jorge, trinta anos a presidir o sodalício, ensinou-me frequentar este salão, calças curtas e mãos dadas com meu pai, em noites de deslumbramento e inteligência.

Afilhado de Adriano ao tempo em que aos pequenos era dado tomar a bênção aos padrinhos, pareço ouvir ainda a sua voz e as palavras com que invariavelmente me abençoava. Ao gesto reverencial acudia ele com ternura, olhos súplices voltados para o alto, mão espalmada de leve sobre minha cabeça: “Deus te faça bonito e inteligente como o teu padrinho!”.

Tais circunstâncias, com que a vida generosamente me prodigalizou, despertariam no menino o sonho da imortalidade acadêmica. Eram belas, extraordinariamente belas as noites da Academia! Da mesa, presidindo, ou da tribuna, que resplandecia com a sua presença, Adriano Jorge esbanjava talento e inteligência e suas palavras eram fochos de luz iluminando este salão. Impossível apagar da lembrança e do coração aqueles mágicos momentos eternizados no meu sonho e na minha saudade.



1. PRONUNCIAMENTO POR OCASIÃO DA POSSE NA PRESIDÊNCIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, NO DIA 20.12.2007.

Em 1992, cabelos visitados pelo tempo, seria eu recebido para o convívio das letras e da amizade, eleito para a Cadeira n.º 9, de Machado de Assis. Amerceado novamente, assumo hoje a presidência desta Casa na companhia de diletos confrades que haverão de ajudar-me a administrá-la com entusiasmo e zelo, mercê de seus talentos, experiência e dedicação ao mister acadêmico: Tenório Telles, Francisco Gomes, Carmen Novoa, Cláudio Chaves, Arlindo Porto, Antonio Loureiro, Zemaria Pinto, Almir Diniz, Armando Menezes, Lafayette Vieira, Anísio Mello, Moacir Andrade, Luiz Bacellar e Demosthenes Carminé.

Neste momento de transmissão da presidência da Academia Amazonense de Letras, uma herança e uma esperança me inspiram e fortalecem. Indispensável para mim o concurso de todas as vocações que aqui têm abrigo, principalmente agora quando a Academia se projeta na sociedade através de inovadoras ações no fazer das ciências e das artes. Seja este momento, pois, de compromisso não apenas meu, que a ninguém é dado percorrer sozinho esse caminho de passos que se revezam no intervalo que separa o passado e o futuro, o que foi e o que será, o feito e o a ser feito. A todos agradeço.

HOMENAGEM A GENESINO BRAGA



– *Durante a entrega do Prêmio à melhor monografia alusiva aos cem anos de nascimento daquele ilustre acadêmico*<sup>1</sup>

• *Narciso Lobo*

I

Momentaneamente fora de combate, devido a uma contusão, no absoluto sentido lato, no embate cotidiano, corri o risco de não estar, hoje, aqui, em pessoa. Mas as linhas, a seguir, começaram a nascer já na leitura dos quatro trabalhos, sobre os quais, por missão, eu precisava oferecer parecer. Embora seja difícil substituir um companheiro tarimbado, como Almir Diniz, entrei em campo disposto a fazer o melhor. Meu parecer, aprovado pelos demais membros da Comissão do Prêmio, Arlindo Porto e Antonio José Loureiro, que também, por dever de ofício, leram os trabalhos concorrentes, deixaram-me com a sensação do dever cumprido. E o dever cumprido, no caso do Prêmio Literário Genesino Braga, pode ser resumido na determinação de não se cometer injustiças.

De qualquer forma, contundido ou não, deixar de estar presente a esta sessão, fisicamente ou não, seria uma perda injustificada. E esta homenagem ao amazônida Genesino Braga,

que ocupou a cadeira 19, hoje de Lafayette Vieira, poderia ser tranquilamente traduzida como uma homenagem ao livro, que alguns apocalípticos teimam em dizer que está em extinção, diante das novas tecnologias, principalmente com a internet. Mas essa não é a ocasião para esse tipo de polêmica. De mais a mais, considero que a própria instituição desse prêmio encerra, em si, a convicção de que o livro tem o seu lugar como fonte densa de conhecimento.

II

Já por aqui vai se esboçando a natureza desta minha fala. Genesino Braga traduzindo-se por livro, apesar de ter sido também o cronista por excelência da Amazônia que viu e da Amazônia que estudou por outras fontes. Ao tornar sinônimos, Genesino e livro, vem, de imediato, a ideia de biblioteca. Nesse cruzamento, estava o homem obcecado pelo poder de irradiação

• • •

1. SOLENIDADE REALIZADA NO DIA 7 DE DEZEMBRO DE 2006.

da obra impressa; era o inverso do leitor egoísta, ou daquele que simplesmente ritualiza, ou ainda, daquele que o exhibe como expressão coisificada de poder, numa sociedade de origem escravocrata, que sempre estabeleceu os lugares de cada um de acordo com a filtragem de quem pode e de quem não pode ter acesso ao livro.

O fenômeno Alexandria parece ser uma metáfora, das mais expressivas, do poder ameaçador do livro. Cortázar costumava dizer que ler um livro é sempre botar o dedo no gatilho. E, de alguma forma, na Manaus isolada no meio da selva, Macondo como outra qualquer, exangue com o fim do ciclo da borracha, e vivenciando, de longe, o fim do conflito na Europa, aqui se viveria tragédia da mesma ordem.

Numa determinada manhã de agosto a biblioteca amanheceu em cinzas. E comovedora, sob todos os aspectos, foi a reação instintiva, como a do animal que defende seu espaço e suas crias: ele saiu em campo. Ali estava alguém ciente e consciente do valor da linguagem, do conhecimento e da cultura. O que foi bem destacado por todos os concorrentes deste prêmio.

É didático saber, por exemplo, que um governante, como Eduardo Ribeiro, que construiu palácios, teatro, fez aterros e pontes de aço, tenha tido tanto desprezo pela incipiente biblioteca pública de seu tempo; e que, contrariamente, na Manaus da decadência, saindo das privações da Segunda Guerra, pessoas de diferentes segmentos, sensibilizadas com a dor daquele Quixote, nascido nas águas

claras do rio Tapajós, tenham feito filas, ofertando quantos livros possuíam em suas casas, para que a cidade voltasse a ter uma biblioteca. E é didático, também, que um governador, que deixou poucas obras de impacto arquitetônico, Álvaro Maia, membro desta Casa, tenha, de imediato, transferido todo o seu acervo bibliográfico para a reconstrução da biblioteca que ressurgia literalmente das cinzas.

Aí está o valor da crônica, no sentido praticado por Genesino, porque, com o método, tempos depois, pesquisadores e ensaístas podem organizar novas narrativas, obter novas camadas de interpretações, inclusive sob o ângulo da subjetividade, dos sentimentos e das emoções. Disso tudo, lições boas e más, que podem ser bem ou mal utilizadas, dado que o conhecimento não é neutro. Pode ser instrumentalizado para o negativo ou potencializado para novos graus de singularidades e de conquistas. Aqui retorno ao mérito e à oportunidade desta iniciativa, assim como ao apoio institucional, no caso da prefeitura, para que se possa estimular, fora do espaço universitário, a produção de conhecimentos, trazendo, muitas vezes, características peculiares, diferentes até, daqueles que são realizados na instituição universitária.

### III

Já insinuei, linhas atrás, que os quatro concorrentes se debruçaram seriamente sobre a vida e a obra de Genesino Braga. Portanto, é lícito que alguém pergunte: se todos revelaram conhecimentos satisfatórios, por que apenas um saiu vencedor?

Uma disputa desta ordem exige bem mais do que o item mencionado. Observou-se, numa outra dimensão, o refinamento em relação à articulação do conhecimento da época com a capacidade de sua articulação discursiva e o que de novo esse olhar sobre a vida e a obra de um homem pode oferecer em termos de novas contribuições ao presente e, quem sabe, ao futuro.

Uma outra metáfora oportuna talvez seja a do palimpsesto: naquele papiro ou pergaminho, raspava-se uma inscrição e, no mesmo local, escrevia-se outra; com os recursos tecnológicos de hoje pode-se decifrar não apenas a última mensagem, mas todas as anteriores. Da mesma forma, em outro sentido, com os recursos metodológicos podemos, com olhos do presente, reescrever o passado.

Ao mesmo tempo, como se trata do prêmio de uma academia de letras, a forma, a elegância do texto, tornam-se critérios naturais de valoração. Ou, como dizia Roland Barthes, a combinação do saber com o sabor.

E quem melhor chegou a esse resultado foi o grupo composto por Manuel Roberto Lima de Mendonça, Roberto Souza de Mendonça (*in memoriam*) e Ed Lincoln Barros da Silva. Esse grupo trazia, como pseudônimo despretencioso, “Trio Esperança”, mas que pode remetendo-nos a um sentimento humano capaz de renovar-se indefinidamente, de geração a geração, e sem o qual estaremos diante do imponderável, da falta de horizonte e, possivelmente, da concreta dimensão humana.

#### IV

Por expressa recomendação do poeta e presidente desta Casa, homem de síntese, pela natureza do seu ofício, esse discurso não deveria ultrapassar os 20 minutos. Antes, todavia, de partir para a fase final, gostaria de reiterar minha admiração, que vem da adolescência, pela figura de Bernardo Cabral, e me antecedeu nesta tribuna, o cultor da figura do homem que ocupou a cadeira número um desta Academia: Péricles Moraes.

E agora, partindo para as considerações finais, e para que não fiquemos restritos à nossa tribo, escolhi retransmitir um recado de Júlio Cortázar, que permanece vivo no mundo da criação literária, da crítica e do ensaio, e, mais vivo ainda, pela compreensão que difundiu de que o escritor, na América Latina, deve resistir à tentação de se autocensurar, no intuito de aumentar o raio de ação, vendendo mais, porém, deixando de oferecer o melhor que pode produzir. Irônico e perspicaz, ele desafiou seus pares a desenvolverem uma escritura no mais alto nível possível, que expressassem as pulsões latino-americanas, com tal força, que possam suscitar uma resposta vital do leitor.

No lugar das obras de consumo ligeiro, voltadas para uma mercadologia que nega o valor de humanização da obra artística, defendia, para os autores latino-americanos, a busca pela realização de grandes obras, capazes, mais que as obras de consumo, de se internalizarem na alma de seus povos. E tornaram-se, por outras vias, obras de sucesso, não de uma temporada de vendas, mas das gerações que se sucedem. Aí está a essência da ideia de imortalidade acadêmica.

E acrescentava:

*O que nos é infinitamente mais difícil é encontrar o leitor, porque entre nós ele é concebido como um indivíduo isolado – esse isolado tão caro às elites que geram a cultura.*

Já sobre o livro, em si, gostaria de citar Antonio Candido: quando se discutia a construção da Universidade de Campinas, o mestre, numa conferência, lembrava que uma universidade se constrói com livros e com pessoas bem preparadas para trabalharem com eles nas bibliotecas. Antonio Candido tentava dissuadir a tentação de certa elite com a construção de amplos edifícios, mas despidos da essência de suas funções. Não é à toa que a Universidade de Campinas, uma das mais novas instituições públicas, está entre as que mais produz conhecimentos e contribui para que a sociedade possa resolver problemas mais complexos que exigem o aporte da ciência, da tecnologia e da inovação.

Que as palavras do argentino Cortázar e do brasileiro Antonio Candido reverberem em nossos corações e em nossas mentes. Acredito piamente que a melhor forma de homenagear Genesino seja essa: pensar melhor sobre o enriquecimento de nossas bibliotecas públicas, universitárias, escolares e comunitárias.

Estou certo de que a meta e o sonho dele ainda estão por ser realizados: que este prêmio, que esta homenagem, que esta sessão, contribuam para a retomada desse projeto generoso e genesino.

Muito obrigado!

## Homenagem a ARMANDO DE MENEZES, THIAGO DE MELLO E OYAMA ITUASSÚ<sup>1</sup>

• • •

• *Carmen Novoa Silva*<sup>2</sup>

Início com uma pergunta: Quais são as colunas sobre as quais se apoiam as vidas humanas? O materialismo e individualismo hodiernos responderão: Dinheiro – Poder – Honrarias.

O *dinheiro* abre todas as portas. O *poder* corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente.

As *honorarias* é preciso recebê-las, mas mensurando-as para que haja o devido discernimento entre o mérito e a bajulação. Para que não se obscureça a verdade.

O dinheiro, o poder e as honrarias esses três dogmas resumem-se num só: o egoísmo. Sim, porque nem o dinheiro, nem o poder, nem as honrarias o homem em suas fraquezas ousa partilhar com outrem. Sempre relutará.

Mas por que este introito se aqui, nesta Academia durante esta sessão solene a intenção é a de homenagear três acadêmicos pelo transcurso de seus aniversários? Por seus longevos anos, frutos por certo de vidas

pautadas nos valores essenciais e no equilíbrio moral. Por isso, neles esse semblante sereno, advindo da alma. E surge assim, como a respiração sai da boca. Sem esforço algum. Por isso, essa luz no olhar!

Não desejo no instante falar de suas biografias. De seus feitos. Suas profissões. Suas merecidas conquistas. Disto os demais acadêmicos certamente já se encarregaram.

Concentrar-me-ei em seus perfis humanos e espirituais. Eu quero apostar numa ideia fixa, mas nada absurda de que estes homens de letras, hoje aqui celebrados, os octogenários ARMANDO DE MENEZES e THIAGO DE MELLO e o nonagenário OYAMA ITUASSÚ construíram suas vidas sobre colunas diferentes daquelas

• • •

1. POR OCASIÃO DE SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DOS 80 ANOS DE ARMANDO E THIAGO, E DOS 90 ANOS DE OYAMA, REALIZADA A 4 DE AGOSTO DE 2006.

2. POETISA E CRONISTA, OCUPA A CADEIRA N.º 33, DE BRANDÃO DE AMORIM.

citadas por mim no início. Suas colunas foram a amizade, a solidariedade, o trabalho, a família, a justiça, a simplicidade. Estes são os pilares imprescindíveis do portal a dar ingresso ao mercado comum da felicidade. Assim, encontram-se justa e plenamente gratificados pelo dever cumprido. Por isso, esses semblantes serenos! Por isso essa luz no olhar! De maneira especial volto minha atenção para o grande Oyama Ituassú, o festejado nonagenário, porque *ainda que eu falasse as línguas dos homens e anjos, isso de nada valeria se não dissesse de sua vida no início do século vinte a enfrentar as vicissitudes sociais de guerras mundiais, de epidemias exterminadoras como a da gripe espanhola em 1917 levando centenas de pessoas à cova comum; se eu não falasse de sua vivência frente à derrocada da economia gumífera e de suas maléficas consequências durante décadas; nada valeria se não relembresse a reação e resistência econômica da terra durante a II Guerra Mundial. (Os norte-americanos aportando em Manaus, em acordo político para extração da borracha já que a Malásia fechara as portas para tal empreendimento).*

*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos de nada valeria se não narrasse sua experiência perante aquele fulgor meteórico de prosperidade. E logo após receber Manaus como legado anos de abandono, de estagnação e de uma economia e progresso liliputianos até o advento da Zona Franca em 1967.*

*Ainda que eu possuísse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência isso de nada valeria se não evidenciasse às gerações atuais que no início da vida do nobre*

Acadêmico, também era recém-nascida esta Academia de Letras em 1918. Academia quase que nonagenária apenas dois anos mais nova que o grande Oyama Ituassú. Desta Academia a deixar o rastro de ardente pó de estrelas nas figuras de seus fundadores e futuros membros. Isso tudo de nada valeria, se não expusesse como predestinados Armando, Thiago e Oyama por nascerem quase junto com esta Casa e assim integrarem o Jardim de Academus.

*Ainda que eu alcançasse tanta fé e que chegasse a transportar montanhas; ainda que tenha a oratória de Paulo nos areópagos gregos, tudo isso de nada valeria se nos meios de comunicação, areópagos do terceiro milênio, eu não compusesse esta canção que fala de amizade num mundo carente desta virtude (o ruído e a velocidade estão sugando o diálogo entre os homens e cada vez temos mais conhecidos e menos amigos). O velho “cisne negro” como Kant chamava à amizade está se tornando em algo simplesmente miraculoso.*

De nada valeria se não cultivássemos neste silogeu o sentimento da amizade. Por isso esta *Canção amiga para homem de berço*. Berço de valor ético e moral. Pois o dito célebre afirma que “não é o berço em que se nasce que faz o homem, mas o homem que faz o berço em que nasce”. Eis o homem, Oyama Ituassú. Esse de semblante sereno... Esse com luz no olhar!

## RESENHAS



## A POESIA DE ALENCAR E SILVA



• *Francisco Carvalho*

Os editores de *Crepuscularium* fazem justos elogios à obra poética de Alencar e Silva quando afirmam que “conseguiu ser poeta por toda a vida, dando ao seu labor o melhor de si mesmo”. Asseveram, ainda, que a poesia do Autor é “límpida e pura, sempre da mesma vertente, sempre dos mesmos e renovados mirantes abertos para o mundo dos insondáveis mistérios da palavra”. Pode haver melhor definição para um poeta do que essa metáfora da vertente que jorra do verbo poético como se fosse de uma ânfora de cristal?

Pelo abalizado testemunho da crítica e dos amigos, Alencar e Silva é poeta que recria, sem transgressões abruptas da linguagem, alternativas formais para que nelas desabrochem as harmonias e conteúdos da escrita literária. Mestre incontestável da palavra em todas as suas dimensões mágicas, faz do poema um objeto de arte, diamante lapidado que fulgura nos recônditos mais secretos da beleza. “Descendo-lhe os veios / o olhar reinventa o luar / no vale dos seios” (*Cinco Haicais*). “Há vozes / sussurantes / nas sacadas (...) histórias / de Romeus / e Julietas,

/ à glória / e à dor do amor / ressuscitadas” (*Canção das Sombras*).

Nos *Poemas de Ontem e de Sempre*, o poeta celebra Os Minaretes, “esguios e apontados para o alto”. Lembranças “talvez inconscientes / de um tempo sepultado na memória / de Babilônia e Babel”. Nas manhãs azuis, quando é verde o mar, os passos do poeta lhe parecem tortos, “enquanto caminha sob o sol de Deus”.

A mensagem do Poeta dispensa as muletas da exuberância estilística. E nisso subscreve estas palavras de Mário Quintana, poeta reverenciado pela intelectualidade brasileira: “Ser poeta não é dizer grandes coisas, mas ter uma voz reconhecível dentre todas as outras”. Enquanto os grandes jornais das elites dominantes publicam autores alienígenas, em detrimento da “prata da casa”, Valery Larbaud, citado em entrevista de Alcântara Machado, protesta com notória irreverência: “Como é belo o que os outros escrevem...”.

Em *Poemas Mínimos*, o autor revela sua estratégia no tocante à carpintaria poética:

“Trabalhar as palavras como o barro / de que todas coisas foram feitas, / eis que a Poesia é a última esperança / e a canção seu refúgio verdadeiro” (p. 33). Alencar e Silva confessa explicitamente que não vai ao poema sem antes ser convidado por ele. Espera ser visitado pelo poema, à maneira de “um cachorrinho / de coleira para passear”. Em suas cartas a um jovem poeta, Rilke já o advertia de que não ficasse à espera de que o poema lhe brotasse inteiro das mãos. O poema 8, calcado em atmosfera metafísica, expressa a ideia de fugacidade do ser humano.

Destaque especial para os sonetos no final do livro. São poemas da melhor vertente lírica, com evidentes características da herança simbolista, além de enriquecidos por valores cromáticos e musicais, facilmente identificáveis na estrutura evanescente dos versos. O “Soneto para Astrid Cabral”, ícone da poesia brasileira dos tempos modernos, estes versos em que se identificam aspectos essenciais da poesia simbolista:

*Pois, quando surges, luz e canto, em cena,  
voando de tua garganta de açucena,  
os versos, essas aves das ideias,  
como que aroma e música espalhando,  
as almas todas vais sonorizando  
e arrebatando as lívidas plateias.*

O notável filósofo francês Gaston Bachelard escreveu estas palavras desalentadoras: “Os homens são aqueles que perderam a confiança dos pássaros”. Se ele tivesse lido os poemas de Alencar e Silva, estou convencido de que teria mudado de ideia.

Revista da **AAL**

---

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua *Revista*, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

MARCUS BARROS



VALER



AMAZONAS

MANAUS